

**REVISTA DA  
ACADEMIA  
NORTE-RIO-  
GRANDENSE  
DE LETRAS**

0/1988

VOLUME 32 — NATAL/RN MARÇO 1988 — NÚMERO 20



REVISTA  
DA ACADEMIA  
NORTE-RIO-GRANDEENSE  
DE LETRAS

Volume 32 Número 30

Nº 4/RN - Junho 1982





# REVISTA DA ACADEMIA NORTE - RIO - GRANDENSE DE LETRAS

Volume 32 Número 20

Natal/RN - Março 1988





## APRESENTANDO

No roteiro de trabalho das Academias, como é óbvio, a produção literária é uma constante. Todos os gêneros afloram da atividade dos seus membros, demonstrando que a criatividade intelectual é inesgotável.

A Academia Norte Rio Grandense de Letras tem apresentado um dinamismo digno de ser assinalado, quer pelo exercício dessa tarefa preliminar inerente à sua natureza, quer pelo relacionamento que vem mantendo ultimamente com a comunidade do Estado e da Cidade, através de conferências, cursos e exposições de arte, muitos destinados à juventude estudiosa de nossa terra.

Na renovação de seus membros, determinada pela ação enxorável do tempo que lhe tem imposto perdas irreparáveis, coloca-se à altura dos seus pioneiros, na escolha difícil pela qualidade dos candidatos aspirantes a tão desejado convívio.

Somente ao mestre Câmara Cascudo determinou a perpetuidade do seu lugar, a vacância também permanente de sua cadeira, numa grande e inédita homenagem.

Neste número de sua Revista predominam as saudações a novos acadêmicos e os seus respectivos discursos de posse. Há também as palavras de exaltação e saudade aos que foram substituídos em suas presenças físicas e continuam vivos, como prometido, na memória dos seus admiradores.

Um pouco da produção acadêmica, enfim

A Direção da Revista



**ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**  
**DIRETORIA ATUAL**

**Presidente: Diógenes da Cunha Lima**

**Vice-Presidente: Dom Nivaldo Monte**

**1º Secretário: Veríssimo de Melo**

**2º Secretário: Luís Rabelo**

**Diretor da Biblioteca: Gumercindo Saraiva**

**Diretor da Revista: João Wilson Mendes Melo**

**Tesoureiro: Enélio Petrovich**

**Comissão de Contas: Sanderson Negreiros, Américo de Oliveira Costa e Maria Eugênia Montenegro**

**Comissão de Sindicância: Otto de Brito Guerra, Alvarar Furtado de Mendonça e José Melquíades de Macedo**

# ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

CAD. — N.º	PATRONO	SUCESSOR ATUAL
01—Padre Miguelinho		— Raimundo Nonato da Silva
02—Nísia Floresta		— Grácio Barbalho
03—Cons. Brito Guerra		— Otto Guerra
04—Lourival Açucena		— Enélio Lima Petrovich
05—Moreira Brandão		— Ascendino de Almeida
06—Luís Carlos Wanderley		— Gumercindo Saraiva
07—Ferreira Nobre		— Nestor dos Santos Lima
08—Isabel Gondim		— Nilson Patriota
09—Almino Afonso		— Dorian Gray Caldas
10—Elias Souto		— Paulo Macedo
11—Padre João Maria		— Miguel Seabra Fagundes
12—Amaro Cavalcanti		— Veríssimo de Melo
13—Luís Fernandes		— Luís da Câmara Cascudo
14—Joaquim Fagundes		— Raul Fernandes
15—Pedro Velho		— Umberto Peregrino
16—Segundo Wanderley		— Maria Eugênia Montenegro
17—Ribeiro Dantas		— Aluizio Alves — (eleito)
18—Augusto Severo		— Dom Nivaldo Monte
19—Ferreira Itajubá		— Nilo Pereira
20—Auta de Souza		— Mário Moacir Porto
21—Antônio Marinho		— Luís de Carvalho Rabelo
22—Leão Fernandes		— Pe. Jorge O'Grady de Paiva
23—Antônio Glicério —		— Jaime dos Guimarães Wanderley — (falecido)
24—Gotardo Neto		— Antônio Soares Filho
25—Ponciano Barbosa		— João Wilson Mendes Melo
26—Manoel Dantas		— Diógenes da Cunha Lima
27—Aurélio Pinheiro		— Américo de Oliveira Costa
28—Padre João Manoel		— Jurandir Navarro
29—Armando Seabra		— Esmeraldo Siqueira (falecido)
30—Mons. Augusto Franklin		— Manoel Rodrigues de Melo
31—Padre Brito Guerra		— José Melquíades
32—Francisco Fausto		— João Batista Cascudo Rodrigues
33—Tonheca Dantas		— Oswaldo de Sousa

- 34—José da Penha
  - 35—Juvenal Antunes
  - 36—Benício Filho
  - 37—Jorge Fernandes
  - 38—Luís Antônio
  - 39—Damasceno Bezerra
  - 40—Afonso Bezerra
- Alvamar Furtado
  - Gilberto Avelino
  - João Medeiros Filho  
(falecido)
  - Newton Navarro
  - Vingt Un Rosado
  - Raimundo Nonato Fernar,  
des
  - Sanderson Negreiros

DISCURSO DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO JOÃO WILSON MENDES MELO (CADEIRA Nº 25) PELO ACADÊMICO OTTO DE BRITO GUERRA

Reflexo da inexorável lei da vida humana, experimentam as Academias de Letras processo constante de renovação nos seus quadros. Guardam eles, carinhosamente, o valioso contributo cultural de companheiros que já se partiram e recebe dos sucessores novas e ricas achegas.

Nesta noite, Deus louvado, nossa Casa promove uma reunião solene para receber, jubilosa, novo confrade, embora recordando os dois anteriores ocupantes da Cadeira n. 25, de que é patrono o poeta PONCIANO BARBOSA e que foram o jornalista ADERBAL DE FRANÇA, seu fundador e o teatrólogo MEIRA PIRES.

A mim, sr. JOÃO WILSON MENDES MÉLO, cabe receber-vos e dizer que a ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS e a cultura de nossa terra, de um modo geral, muito esperam de vós. Não sois nenhum noviço no mundo das letras e das ciências, comprovando o vosso currículo atividades proveitosas e constantes, desde muito cedo.

### Atividades Juvenís

É comum a precocidade intelectual da juventude brasileira, principalmente na poesia e no jornalismo, por vezes no conto. Mais difícil no romance ou nos variados ramos da ciência. No vosso caso, vamos encontrar-vos em 1937 dirigindo, com Jessé Dantas Cavalcanti, na cidade de Ceará Mirim, um minúsculo jornal, "O Idealista" que se intitulava, convencidamente, "órgão literário e noticioso". Contáveis 16 anos. Aí por essas alturas, também colaborastes no jornal "A Razão" de Natal.

Passados alguns anos, eréis aluno do Ateneu Norte-Rio-Grandense. Um sopro de renovação sacudia o centenário estabelecimento, mercê dos esforços do seu jovem diretor, Alvarar Furtado de Mendonça. Ele promoveria, em 1943, o Primeiro Curso de Conferências, a cargo dos próprios alunos. Cada palestrante era apresentado por um escritor: Alvarar Furtado de Mendonça, Américo de Oliveira Costa, Edgar Barbosa e Esmeralda Siqueira, nomes que só por sí dispensam outros comentários.

Teve esse Primeiro Curso a participação entusiásta dos seguintes alunos: **Rivaldo Pinheiro**, que desenvolveria o tema “Retrato de uma Hora de Transição”; **Antonio Pinto de Medeiros**, a discorrer sobre “Anatole France”; **João Wilson Mendes Mélo**, analisando a “Presença de alguns mortos” no caso Dante, Cervantes e Antero de Quental; finalmente **Luiz Inácio Maranhão Filho**, ocupando-se da “Lembrança de Zaratustra”.

A iniciativa sacudiu o torpor do velho educandário e a imprensa natalense deu-lhe ampla cobertura. Mereceu uma “Acta Diurna” do mestre Câmara Cascudo, publicada n’A República” de 6 de novembro de 1943. Ele notara nesses moços orientação para o universal e o político sobre o nacional e o objetivo. Américo de Oliveira Costa, em artigo para “A República” (27 de junho de 1943) dizia das conferencias, com sua costumeira elegância de estilo: “Conheço-lhes a inteligência e a sensibilidade ágeis e inquietas, a permanente preocupação do enriquecimento espiritual”. Por sua vez Aluizio Alves, n’A República” de 8 de agosto de 1943, louvava a iniciativa dessas conferencias, “dando ensejo a que jovens inteligentes revelassem qualidades que de outra forma poderiam continuar esquecidas ou ignoradas”. E adiantava que a escolha dos conferencistas reunira “o que de mais brilhante e inteligente temos na nova geração”. Finalmente Raimundo Nonato Fernandes, literato que as lides forenses e o magistério absorveram, traçava interessantes paralelos entre os vários palestrantes, em artigo n’ O Diário” de 30 de agosto de 1943, sob o título “Conversando com os moços”

E’ importante lembrar, nesta hora, as palavras do então diretor do velho Ateneu, professor Alvarar Furtado, abrindo o ciclo de palestras. Seu discurso está publicado n’A

República” de 11 de julho de 1943 Caminhava-se para o final da Segunda Guerra Mundial, que ainda se prolongaria até 1945.

Idealista, sonhando com um mundo mais sensato, no após guerra, fato que o futuro, infelizmente, não confirmaria, proclamava, convicto, Alvamar Furtado: “Dos escombros que surgirão aos olhos dos que sobreviverem no instante em que os homens deixarem cair as armas e a opressão desaparecer para sempre, haverá de ressurgir um mundo diferente, construído sobre as experiências destes dias infelizes”.

Vale também recordar suas palavras de advertência e orientação aos alunos, ainda hoje oportunas:

“Hoje, que estou na direção deste velho e querido educandário e assisto neste nosso Estado o perigo de uma inversão social e econômica, proveniente de uma situação criada pela guerra entre nós, quando os intelectuais estão ameaçados no seu prestígio pelo domínio imperioso e avassalante dos “nouveaux-riches”, sinto-me no dever de proporcionar aos estudantes deste Colégio uma educação diferente da que anteriormente tivemos. Ajustando-os às contingências do momento. Ensinando-os a amar e admirar o que os povos produziram de belo e eterno”.

### O JORNALISTA

Mesmo com a concorrência do rádio e da televisão, continua o prestígio do jornal e do jornalista. Porque se a televisão nos transmite -- até em côres, a imagem de forma dinâmica e o rádio nos faz escutar, no mesmo instante, a notícia ou o comentário da ocorrência, entretanto falta a esses dois potentes veículos de comunicação social um requisito, próprio do jornal. Este fixa os fatos e as idéias no papel, permitindo a leitura demorada, a reflexão, a guarda de tudo quanto passará fugasmente nos outros dois instrumentos. Muito embora, modernamente, a fita gravada e o video-cassete permitam aos outros dois vencer essa fugacidade. Mas resta a questão do custo desse novo instrumental, comparado à maior democratização do jornal.

Em geral, os moços têm atração particular por todos os meios de comunicação de massa. Não escapastes à sedução, sr. João Wilson, desde muito cedo, mesmo pondo de lado aquela precoce e curta experiência dos 16 anos, em Ceará Mirim. Fostes redator do jornal “A República”, de

tão longa tradição. Colaborastes no diário católico “A Ordem”, que marcou época na história religiosa e social do nosso Estado. Dela chegastes a ser colaborador, com apreciados artigos. Tendes colaborado igualmente na revista RN-Econômico, noutras publicações, seja a LBA, da qual fostes Procurador e Diretor de Divisão, seja da Universidade Federal do Rio Grande do Norte “Tempo Universitário”, ou da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a cujos quadros pertenceis bem como nas revistas da nossa Academia.

Quanto aos temas versados, variam bastante, confirmando vossas múltiplas preocupações, todas centradas no homem e seus problemas, inclusive as de natureza espiritual. Não foi sem razão que o saudoso economista Fernando de Oliveira Mota, prefaciando um dos vossos escritos, vos considerou ligado à escola e ensinamentos do notável padre Lebre, fundador do grupo “Economia e Humanismo”, autor de estudos sobre o Brasil, num deles ocupando-se argutamente dos problemas de desenvolvimento do Nordeste brasileiro.

## **O PROFESSOR**

Nas atividades humanas, poucas missões equiparam-se ao magistério. Vocação que, no dizer de um dos documentos do Concílio Vaticano II, “exige dotes peculiares de espírito e de coração, preparação muito esmerada, prontidão contínua de renovar-se e adaptar-se”.

Desde muito cedo vos entregastes a tão nobre mister, com dedicação e competência. Fostes professor da antiga Escola Técnica de Comércio de Natal, criação do incansável apóstolo Ulisses de Gois, precursora do ensino comercial e contábil no R. G. do Norte. Nela ministrastes aulas de História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil e também de Português. Essa Escola constituiu um dos primeiros setores da ação social católica em nosso meio. Ensinastes, ainda, no Seminário S. Pedro, do qual era Reitor o então Cônego José Adelino Dantas.

Mais tarde, vos dedicarieis ao Ensino Superior, sendo professor de Direito Usual e de Economia Social, na então Escola de Serviço Social de Natal, ligada à mesma ação social católica e que vi nascer, sendo seu professor durante 25 anos. Fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Natal, iniciativa da Associação de Professores, en-

sinastes História da Antiguidade e da Idade Média, ocupando a vice-direção por algum tempo. Fui também um dos fundadores dessa Faculdade, cabendo-me as aulas de Geografia Humana e depois de Sociologia.

Juntamente com Ulisses de Gois, Hélio Galvão e outros, promovestes a fundação e posterior reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômica, Contábeis e Atuariais de Natal, sendo professor de Economia Política, ramo em que vos especializastes em 1959, frequentando um Curso de Treinamento em Problemas de Desenvolvimento Econômico, na cidade do Recife, sob a orientação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), ligada à ONU. Dela fostes o diretor, durante 8 anos, até a federalização.

Constituída a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, graças ao esforço hercúleo de Onofre Lopes e seus colaboradores, que acompanhei tão de perto, passastes a professor de Filosofia da História no Instituto de Ciências Humanas. Agora, sois professor de Introdução ao Estudo da História no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da mesma Universidade.

### **HOMEM DA IGREJA**

A partir do Concílio Vaticano II, ficou suficientemente definida a posição do leigo no seio da Igreja Católica, não mais constituindo uma espécie de segunda classe, ou reserva, mas ativo integrante do Povo de Deus. Na expressão do recentíssimo Código de Direito Canônico assiste ao leigo o dever especial, cada um segundo a própria condição de animar e aperfeiçoar, com o espírito evangélico, a ordem das realidades temporais. Seu campo de ação é o mundo em que vivemos.

Antes mesmo destas definições, que importaram na maioria do leigo dentro da Igreja Católica, já vinheis colaborando, de maneira efetiva, na evangelização e na promoção humana em Natal, desde o tempo do então padre Eugênio de Araújo Sales, hoje arcebispo do Rio de Janeiro e Cardeal.

Eram os tempos inesquecíveis da Ação Católica, tão estimulada por PIO XI. O Padre Eugênio, como era conhecido, coordenava os movimentos da Juventude Masculina, enquanto o Padre Nivaldo Monte aqueles da Juventude Feminina. Tais movimentos não se empenhavam tão só no tra-

balho propriamente religioso, na esfera espiritual, mas também se dedicavam à ação social, atuando junto às concretas realidades terrestres do dia a dia, com espírito evangélico. Vieram assim juntar-se a diversas outras iniciativas, anteriores ou posteriores, que constituíram o chamado "Movimento de Natal", que ganhou fama internacional, merecendo uma série de estudos em jornais, revistas, livros e teses de doutorado, dentro e fóra do Brasil.

Estimulado pelo Padre Eugênio, um grupo de rapazes dedicou-se particularmente à promoção social e espiritual de menores no bairro do Morro Branco em Natal. Foi procedido por eles um levantamento de quantos careciam de escolas, verificando-se número superior a 300 crianças. Construiu-se uma casa rustica que servia de escola e de ambulatório médico dentário e centro de catecismo. A' noite funcionava uma aula de alfabetização de adultos. O trabalho prosperou e é hoje a Casa da Criança, confiada às Filhas de S. Vicende de Paula, ou Irmãs de Caridade. Já depois, viria um Centro Social, que tomou a denominação de "Celso Sales" desenvolvendo trabalho comunitário.

Estaveis entre esses pioneiros, sr. João Wilson, juntamente com José de França Monte, falecido tão prematuramente, Waldemiro Nascimento, Raimundo Nonato Costa, Waldemiro Cunha, Manuel da Cunha Rego Madruga, Jairo Toneli e vários outros.

Continuando no vosso retrato, depõe, adiante, Alvarar Furtado:

"Anos depois nos reencontramos numa missão comum, que ainda hoje nos impõe o magistério superior. A mesma compostura, o mesmo comportamento. O mesmo homem afinal. Fiel a si mesmo e às suas convicções."

Também teriam início trabalhos com menores em Ponta Negra, onde existe hoje um Abrigo de Menores, saído daquela sementeira. Um prédio estava abandonado e o Padre Eugênio obteve sua doação, feito pelo Ministério da Saúde.

Participaríeis, juntamente com o Padre Eugênio, que também me convidou e à minha esposa, da fundação da conhecida Obra do Bom Pastor de recuperação e promoção da mulher, cabendo-vos prestar dedicada assistência jurídica.

Esta longa experiência nos trabalhos da Igreja vos levaria, mais tarde, à presidência de Secretariado Arquidiocesano de Ação Social, à presidência do SAR (Serviço de

Assistência Rural) substituindo o Conego Eugênio Sales, mantenedor das Escolas Radiofônicas e suporte da Emissora de Educação Rural, Serviços de Cooperativismo e Artesanato (COPALA) — E também à orientação do Sindicalismo Rural. Presidiríeis também, sucedendo-me, a Liga Eleitoral Católica, cujas responsabilidades avultavam nos períodos eleitorais, tão difíceis e que passaria por uma reestruturação.

Cabe registrar, também, vossa atuação como Pro-Reitor para Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de maio de 1975 a maio de 1979 em que tivestes a iniciativa de criar e por em funcionamento, os seguintes serviços de promoção e assistência ao estudante universitário: Serviço Social do Estudante, Serviço de Aconselhamento Psicossocial e Vocacional, Serviço Médico do Estudante, Serviço Odontológico do Estudante, Serviço de Ensino Auxiliar em Família, Grupo Universitário Pro-Arte (Atelier), Serviço de Assistência Jurídica ao Estudante, Instrução e Assistência Religiosa, Cooperativa Cultural Universitária e as Bolsas de Arte, Esporte, Pesquisa, Extensão, Especial, Residência e Alimentação, bem como o Grupo Folclórico Panã-Paná. Alguns desses Serviços, como os de Bolsas de Arte e de Esporte foram depois adotados em caráter nacional pelo Ministério de Educação e Cultura e outros adotados em várias Universidades do país, como o Ensino Auxiliar em Família e o Atelier de Arte.

## **TRABALHOS PUBLICADOS**

Acontece frequentemente com os nossos intelectuais que, ou absorvidos pelos misteres da profissão, pela chamada “vida prática”, ou mesmo por uma certa displicência, vão a pouco e pouco deixando para mais tarde a realização de estudos e a publicação, em livro, de suas pesquisas e reflexões. Terminam, muitos, seus dias sem deixar marca maior da sua passagem, nem os frutos de seu talento e da sua rica experiência.

Convosco, sr. João Wilson, tal não vem acontecendo. Tende publicada uma série de folhetos, versando temas ligados à vossa especialização, que não se limita às lides forenses — sois competente advogado militante — mas tratando de assuntos econômicos e ligados à história.

Inicialmente, eram plaquetes. A primeira delas “História e Atualidade” (1966), tinha apresentação de Alvarar Furtado, que escrevia “Quando se fizer, um dia, um retrato da geração que criou em nosso meio um espírito universitário, dando alma à estrutura natural da Universidade, o nome de João Wilson Mendes Mélo não pode ser esquecido”. Penetrando na análise de vossa personalidade, acrescentava o prefaciador:

“Há realmente na sua pessoa uma tranquilidade quase monástica e, e em seus óculos de “scholar”, a transparência do estudioso, que não engana nem ilude ninguém. Não há no seu tipo a elasticidade do atleta, a expectativa de uma atitude em que o esforço físico entre como fator decisivo, mas na placidez de seu comportamento espera-se, de pronto, um estudo consciencioso dos problemas que estão sob a sua responsabilidade intelectual.

Tem-se a impressão que João Wilson desde menino mantém essa aparência sem inquietações, de precoce seriedade, que não o sugere de baladeira na mão, molestando vizinhos, ou brigando na escola”.

Continuando no vosso retrato, depõe, adiante, Alvarar Furtado:

“Anos depois nos reencontramos numa missão comum, que ainda hoje nos impõe o magistério superior. A mesma compostura, o mesmo comportamento. O mesmo homem afinal. Fiel a si mesmo e às suas convicções. Não discute alto (...) Bom professor de História. Aulas eruditas, didaticamente bem desenvolvidas através de uma excelente motivação”.

No mesmo ano de 1966 publicáveis “Universidade, Trabalho e Automação”,; por sinal com prefácio meu, onde acentuei que o vosso estudo nos dava uma amostra das linhas mestras de vosso pensamento social cristão, pugnando pela humanização do trabalho e implantação duma civilização solidária, em que o “ser” sobrepujasse o “ter”. Não divisáveis na era da automação, em si, um perigo, tudo dependente da posição que fosse concedida ao homem e do respeito à sua dignidade pessoal.

Seriam também de vossa autoria “Educação e Liberdade”, conferência pronunciada em 1978, quando da instalação da Universidade Regional de Mossoró, nossa terra de nas-

cimento, e a oração de paraninfo dos economistas de Natal, intitulada “Economia e Promoção”, depois muito desenvolvida, entrando na coleção Textos Acadêmicos, da UFRN.

Mas vossa obra básica, agora em 2a. edição, trata da “Introdução ao Estudo da História”, lançada pela empresa “Nossa Editora” de Natal, (1984).

## EM VOSSA CASA

Dando-vos as boas vindas desta Academia ao novo confrade, sr. João Wilson, reforcei minhas próprias palavras trazendo à coleção depoimentos valiosos de eminentes professores e escritores, relativos às vossas inúmeras atividades culturais e educacionais.

Estes méritos vos abriram, de par em par, as portas desta Casa, que passa também a ser vossa.

Em ampla visão da história, expussetes num dos vossos livros, a convicção, profundamente cristã, de que o homem não faz sozinho a sua própria história, nem está brutalmente entregue a fatores materiais e externos. Acima dele, encontra-se o Senhor da História, que é Deus.

Com efeito, vivendo a sua história, acha-se o homem sujeito às leis de um duplo movimento, a que aludiu o filósofo Jacques Maritain, no seu estudo “Sobre a Filosofia da História”. De um lado, a **lei da degradação**, do outro a **lei da revitalização**. Ambas ilustradas pela sabedoria eterna de Cristo, na conhecida parábola do joio e do trigo. Sempre a coexistirem na terra, a crescerem juntos, até o dia da colheita, no final dos tempos. Altos e baixos, grandezas e misérias, necessidade e liberdade.

A nós, cristãos, — e esta é a vossa posição — cumpre alimentar uma substancial dose de otimismo, diante do mundo e da sua história, porque somos todos os cooperadores do plano divino de salvação, para assegurar uma ordem social mais humana, mais justa, mais fraterna. Embora certos, não nos iludamos, de que semelhante ideal nunca estará plenamente realizado, neste mundo, confirmando as palavras proféticas de Maritain: “O cristão jamais terá repouso, enquanto durar a História”. É este o nosso papel, como sal, fermento e luz do mundo, tantas e tantas vezes desvairado.



1. Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

2. Número do Aluno: \_\_\_\_\_

3. Data da Prova: \_\_\_\_\_

4. Nome do Professor: \_\_\_\_\_

5. Assinatura do Aluno: \_\_\_\_\_

6. Assinatura do Professor: \_\_\_\_\_

7. Assinatura do Avaliador: \_\_\_\_\_

## TRÊS HOMENS NA CENA LITERÁRIA

### MEIRA PIRES, CONTRIBUIÇÃO VALIOSA AO TEATRO NACIONAL

Discurso de posse do Acadêmico João Wilson Mendes Melo (Cadeira 25, em 15-3-83)

À Academia Norte Rio-grandense de Letra minha saudação entusiasta. Todas as honras e louvores aos pioneiros que em nove de agosto de mil novecentos e trinta e seis se reuniram em casa de Luiz da Câmara Cascudo, à Avenida Junqueira Aires e fundaram de fato, esta instituição que, em seguida, a quatorze de novembro, teve nascimento legal na sede do Instituto de Música, à rua Vigário Bartolomeu, 630.

Este aplauso que hoje repito, foi realmente fruto de um grande entusiasmo porque vi concretizado um desejo antigo dos seus fundadores, aos quais acompanhava cheio de admiração como aluno de alguns, como jovem encantado pelos cutros que conhecia e admirava de longe. Vibrei com a sua fundação porque um quase lamento ouvido do seu primeiro Presidente não se repetiria mais. Quando em companhia de alguns, em dia já distante procurei Henrique Castriciano em sua então residência da Princesa Isabel, para comunicar a fundação da Academia de Letras do Ateneu Norte Rio-grandense, ele, com um leve traço de desapontamento, segredou: "Vocês jovens foram mais diligentes; não conseguimos ainda organizar a nossa instituição". Mas, um dia até bem próximo daquele, a instituição dos maiores surgiu. Firmou-se no ambiente cultural do Estado e do país e está bem forte para servir à mais bela das artes, no dizer de Alceu de Amaro Lima, porque é a arte da palavra.

Contestada se é ou não a origem das outras atividades humanas, a inteligência, pela idéia, é a mais permanente. Oswald Spengler quis dividir a História da humanidade pela história da arte, enquanto outros, muito depois, não muito justificadamente, vêem maior impulso determinante no modo de produção das riquezas materiais. A inversão de uma ordem que parece pelo menos mais lógica, não inibe a conclusão final de que o espírito continua a pairar sobre as águas, sobre as terras e os ares.

Quando tudo estiver passado, todos os aspectos da vida poderão ser esquecidos, mas uma história das mentalidades e das artes poderá ser reconstituída, para que a vida renasça, como antes, das idéias, das crenças, da sabedoria que a meditação e o bom senso originaram.

o—o—O—o—o

Chego para o convívio dos que sempre admirei, almejando passar a ser, de fato, um dos seus pares.

Numa longa, progressiva e cronológica trajetória, venho da Associação Potiguar de Estudantes e do Centro Estudantil Potiguar onde experimentei os primeiros passos de aprendizado da vida pública e de contacto com os auditórios e com a tribuna.

Venho da oficina e redação de O Idealista, ao lado de Jessé Dantas Cavalcanti, numa experiência jornalística quase infantil, em que no Ceará-Mirim, eramos redatores, tipógrafos, paginadores e gazeteiros, no mais ingênuo e grandioso empreendimento, de puro ideal e comovedora ação intelectual jornalística. Sou egresso, igualmente, das redações de alguns jornais da nossa província literária, como A Razão, com Aluisio Alves e Damasceno Bezerra, discípulos que eramos do pensamento e da pena formidável de Eloi de Sousa, e ainda de A República, com Waldemar de Araújo, Rivaldo Pinheiro e Luis Maranhão Filho, e de A Ordem, com Ulises de Gois, Otto Guerra e Nazareno Aguiar.

Venho, em trajetória constante, do Grêmio Literário Gotardo Neto, com Antonio Soares Filho, Hélio Galvão e Geraldo Fernandes de Oliveira e recordo as sessões domingueiras em que defendíamos Olavo Bilac, Rui Barbosa e Machado de Assis, com a ilusão jovem de que já sabíamos compreender o mundo; venho da Academia de Letras do Ateneu Norteriograndense, guardando a saudade dos companheiros falecidos e dos ausentes e preservando a amizade de Geraldo

Fernandes de Oliveira, Severino Monte, Gilberto Tinôco, Raimundo Nonato Fernandes, Waldir Leopoldino Cavalcanti, Rivaldo Pinheiro, João Cabral Filho e Oriano de Almeida.

Venho do Círculo de Conferências do Ateneu Norte Riograndense, ao lado ainda de Rivaldo Pinheiro, Luis Maranhão e Antonio Pinto de Medeiros, e onde sob a direção cordial e superior de Alvamar Furtado, sacudimos a cidade e o seu meio intelectual e educacional anterior à Universidade.

Venho do Centro de Estudos Sociais, com Aluisio Alves, seu criador, Otto Guerra, Dom Nivaldo Monte, Pe. José Pereira Neto, Murilo Melo Filho, Silvino Lamartine, Alix Ramalho e Margarida Filgueira e de onde brotou uma preocupação que ainda perdura, com os problemas fundamentais da vida em sociedade, notadamente dos seus aspectos injustos, incompatíveis com o espírito do Cristianismo e que com ele, inexplicavelmente, coexistem.

Venho, por fim e o proclamo com satisfação, da sala de aula, do Departamento de História, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de cuja formação fui testemunha atuante, com tantos pioneiros que a cidade, o Estado e o país conhecem, liderados eficientemente pelo professor Onofre Lopes.

Por tudo isso não entendo a Academia como a estação final, estável e gloriosa, aonde fomos todos conduzidos por alguns dos talentos que conseguimos cultivar. Mas, entendendo-a como um lugar de glorificação, é certo, porém como motivação para trabalhos mais intensos, uma espécie de arena ou palco, onde a vida literária de cada um está exposta a uma apreciação maior e o que se tem a dizer será mais ouvido porque mais esperado.

Figurar como membro desta casa é um cargo e um encargo de especial responsabilidade. Há que ordenar as idéias, na época da ideologia: há que dizer com precisão, na época da técnica e do método, como quem diz e faz para ser seguido e imitado; há que preocupar-se, como homem e intelectual, com a dignidade dos outros às vezes violada e lutar com a arte da sua palavra, escrita ou oral, na cátedra, na tribuna, na imprensa, por uma justiça social que dê a todos, na liberdade, condições de viver com alegria; há que manter, mesmo na aparência externa de silêncio, uma intensidade de trabalho e criação, como a postura e o cérebro dos pensadores.

Numa conferência de Olavo Bilac, no Instituto de Música do Rio de Janeiro, sobre a Tristeza dos Poetas Brasileiros, ele dizia que “para que uma idéia ou um sentimento se transforme numa frase literária, é preciso que haja: 1.º emoção; 2.º incubação; e 3.º expressão.

Na fase silenciosa, esta casa pelos seus habitantes, cultiva sua emoção, submete-a à reflexão para o amadurecimento indispensável e, por fim, proclama-a.

As academias, institutos, cenáculos, agremiações, ligas, gabinetes e uniões, apesar do seu formalismo desprezado por muitos, são o depósito dessas atividades superiores, de tantas gerações e se, muitas vezes, hibernam, fossilizam-se e parecem mortas, um dia renascem, pois a vida do espírito é anterior a tudo que foi feito nos sete dias infundáveis da criação, continuada pelos homens por conta da sua capacidade criadora.

Meu ingresso nesta casa, com as palavras de recepção, amigas e por isso generosas de Otto Guerra, é daqueles acontecimentos que marcam período numa vida. Aqui se produz daquele trabalho às vezes intangível, mas quase sempre expresso e palpável, de exaltar o belo e o verdadeiro.

Não impressiona mais a possibilidade de estarmos hoje a pergatar no deserto ou de escrevermos sobre a areia. Os desertos mentais já não existem no rigor da expressão. Hoje tudo que é dito é ouvido e seremos todos e todos serão, contra ou a favor. Duas palavras pelo menos podem ecoar em resposta: sim ou não, ao que se ouve, numa prova, portanto, de que as palavras não foram jogadas em vão e seus efeitos, purificadores ou poluentes, serão constatados.

Escrever menos, com a suposição de que não haja leitores, ou por isso não escrever, também parece de nenhuma procedência.

Jesus Cristo escreveu sobre a areia o que considerou estímulo para os homens soltarem as pedras agressivas e perdoarem uma mulher. Da areia sua lição saiu para a memória e ficou presente nos séculos como se Ele tivesse escrito sobre a rocha.

Anchieta, no solo brasileiro, cantou toda a poesia e todo o amor de sua alma santa, fixando suas palavras e pensamentos sobre a areia para uma vida breve, mas essencial à projeção de uma vida mais longa, pelo menos nos seus propósitos, na sua inspiração e na sua posição em face do transcendente e do definitivo.

Parce, assim, se é que já não bastante claro, que a repercussão ou perpetuação dos pensamentos ou construções literárias está muito mais na dependência do seu conteúdo que do seu continente.

Ficaram para sempre e para todos, os pensamentos e as palavras que não foram escritas no seu tempo, mas que tiveram força bastante para conservarem-se coladas à memória de várias gerações, até que gravadas para novos e mais longos períodos de sobrevivência. E é de se ver sempre que, quanto mais difíceis e tumultuados os tempos, os ambientes, as conjunturas e as estruturas, mais as palavras são procuradas, como janelas que se abrem para trazer luz e ar à escuridão. Deixa o sol entrar! recomendam doutrinas novas do nosso tempo.

A literatura traz, como sempre, a luz, o ar, o calor que as portas e janelas fechadas da liberdade ausente ou relativa, impedem de existir.

Por isso, defendo o ofício de escritor que esta casa patrocina prometendo a imortalidade.

Os que tanto batalharam para comunicar pela palavra e pela escrita a realidade que viam ou o surrealismo que sonhavam e as vezes anteviam, não perderam seu tempo mas realizaram tarefa que o futuro, inclusive, dirá mais útil ou menos útil, mas sempre apreciável.

Sobre o qualificativo de imortal cabe uma breve reflexão. "Os deuses homéricos não eram eternos, eram imortais, o que supunha um fim não pela morte mas pelo término de um tempo menor, de uma fração da eternidade."

A imortalidade acadêmica que implica na constante referência dos que chegam sobre os nomes dos que se foram, pretende captar uma centelha da luz daqueles deuses cujo nome original grego também significa **dia**. Se a memória sobre cada um não morre, será que as idéias de cada um não vão sequer envelhecer? Se não as nossas próprias idéias, pelo menos aquelas que abraçamos e defendemos. Através delas poderemos permanecer.

É assim a imortalidade que aos nossos antepassados podemos conceder. São lembrados hoje e o serão para sempre, pois não sei em que dia, em que noite, mas alguém desta tribuna repetirá os seus nomes no futuro, e outros mais e mais o farão igualmente. A memória os reterá aqui e os teremos

sempre vivos na perspectiva do tempo. Já é um privilégio e uma eleição para os que sonharam e realizaram, de irmão para irmão.

Na ordem dos que estiveram antes neste lugar que passo jubilosamente a ocupar, figuram três nomes engrandecidos pelo que pretenderam ser e realizar, pelo que pensaram, pelo que admiraram, pelo que disseram e cantaram.

Ponciano Barbosa foi o sonho e seu cântico, Meira Pires foi a realidade, captando-a no contexto das suas peças para o teatro, imitando a vida no palco e embelezando-a pela convivência que proporcionava.

Um traço comum entre os dois é que Ponciano também escreveu para o teatro.

E entre as figuras do sonhador e do homem da cidade e do palco, encontro com o dever de lembrar em primeiro plano, ad perpetuum rei memoriam, também o humaníssimo Aderbal de França, tão intimamente simples e silencioso que teve em compensação a vocação de jornalista para se fazer notar e ser presente pela leitura diária dos seus contemporâneos.

PONCIANO BARBOSA — a poesia simples da província.

De Ponciano Barbosa, as peças Ave Maria, Sonho, Mascaras e Perfeição, foram muito lidas e apreciadas no seu tempo. Mas, seu maior valor está na poesia que fixou nos livros Dúvida, Livro Humilde, de 1915 e 1916, respectivamente, e no Vas Spirituale, inédito à data de sua morte.

Sua poesia, como diz Câmara Cascudo “é triste, suavemente melancólica, docemente nostálgica”. Tanto que calharam muito bem nos lamentos das serestas de ontem que hoje se repetem, porque a paixão e a exaltação do amor que são de todas as épocas, de todas as datas, nas noites românticas suavemente acontecem. Muitas de suas poesias foram, assim, transformadas em canções, enriquecidas da musicalidade, ou então, à música do tempo acrescentaram-se os valores das suas inspiradas palavras.

Ele era poeta em todas as horas, mas teve, igualmente, uma visão do quotidiano e foi colaborador literário dos jornais O Dia, O Potiguar, Diário de Notícias, Jornal da Manhã e A República.

Destacou-se também como orador. Teve a maior repercussão sua última conferência sobre o “Padre João Maria”, com o sub-título de “Notícia Histórica de sua Vida, seu Tra-

balho Apostólico e Benemérito". Proferiu-a no Círculo Operário de Natal, no dia 10 de outubro de 1918. Foi este seu último trabalho intelectual.

Vejo e sinto a presença de Ponciano Barbosa na cidade pacata e triste. Ele emerge daquele ambiente e daquelas pessoas porque pensava mais que todas as outras na beleza das coisas e lutava para dizê-las. Ele sonhava mais que as outras e vivia, assim, num mundo acima do real, embora os seus sonhos fossem modestos, todos feitos de amor ingênuo, feitos de pouca ou de nenhuma carícia, feitos de distâncias, de ausências, por isso de saudade e de dor. Tudo, realmente, no terreno do sonho, sem se realizar. Ele próprio não se realiza à altura dos seus méritos, como poeta, para o futuro, mas continua de alma limpa, a versejar pelas ruas antigas que permanecem na lembrança com as configurações primitivas.

É nessas ruas de antigamente que deve ser procurado para a imortalidade, e dele falar-se como se fala daquilo que o passado não matou porque tinha valores para sua cidade, mais fortes que o tempo. E é de lá, dos idos de 1915 a 1918 que parte a ressonância dos seus cânticos, para os que têm ouvidos e olhos para ouvirem e verem, à distância dos dias e das noites, um poeta a espalhar pelas vias da cidade silenciosa, os seus versos sentidos e cantados para ele próprio, principalmente, e para os que fossem áptos a sentir a mesma linguagem.

O seu mundo deveria ser aquele das cidades pequenas que hoje conhecemos, onde o tempo se escoa gelatinoso e frio, silencioso e calmo. Onde o deserto das ruas dá uma sensação coletiva de solidão e a segurança de cada um no seu espaço individual, e faz do ambiente um pequeno mundo povoado de desejos e de ânsias de conhecer as distâncias que o separam do tumulto. O tumulto que ele, então, deveria recordar, mesmo sem o ter conhecido, somente pelo instinto humano da convivência.

A pequena cidade como era Natal, inocente da sua posição geográfica, nos caminhos aéreos de um futuro então próximo, embora por um tempo limitado à duração de um estágio técnico da arte de voar; inocente da sua vocação de trampolim de uma vitória humana e militar que seria apenas uma vitória num percurso longo, difícil e frustrado para a paz do mundo. Sua humildade de cidade com ares de santa e nome santo, deveria ser exaltada como tudo que é humilde, sem que ela o pressentisse.

Nela, como em outras do mesmo porte, não se olhava o intelectual senão com atitude de admiração e respeito pelo seu valor, com gestos ou pensamentos de louvação a uma grandeza imaterial que ele materializava. Era diferente do profano dos nossos dias que pode olhar o intelectual como apenas o membro de uma classe de privilegiados que têm grandes e substanciais qualificativos e realizam coisas que qualquer um nas mesmas circunstâncias e com os mesmos meios poderia realizar. Reconhecem-se, no entanto, muito de grandeza na produção intelectual mesmo que não consiga os padrões mínimos de perfeição, hoje desvencilhados da forma e atentos ao valor das palavras ditas.

Ao tempo desse patrono, a preservação da forma, do ritmo das frases e da rima, muitas vezes, quando o talento não era dos maiores, segurava as idéias que tendiam a voar mais alto, amarrando-as ao chão que pisavam, pela necessidade de se amoldarem à forma ou à roupagem previamente determinada, no número de sílabas e nas terminações musicais.

Sem desprezar o valor dessas regras e dessa disciplina, podemos lamentar, no entanto, que elas sejam em parte responsáveis por alguma mediocridade que poderia não ter existido ou que poderia ter sido atenuada.

Ponciano Barbosa tinha a verve dos poetas natos, aquela atenção voltada para as coisas belas, sobretudo da natureza. Via todas essas coisas com olhos e sentimentos que ultrapassavam os olhos e os sentimentos comuns, e uma prova de sua relativa superioridade é que não se sentia bem consigo mesmo e com sua forma de dizer e externar, como quem tinha visões maiores mas faltavam-lhe instrumentos para captá-las e externa-las.

Efetuara, realmente, um curso superior, pois era bacharel em direito pela Faculdade de Direito do Recife, mas, onde a exata percepção das coisas que, sobretudo a erudição ou a cultura conseguem dar? Poderia, sim, haver a superação de sua falta pelo profundo exercício de pensar, do qual pode advir uma sabedoria que foi aquela dos primeiros pensadores, dos primeiros filósofos da humanidade, na aurora da civilização e do humanismo.

### **ADERBAL DE FRANÇA — A CRÔNICA AMIGA**

Quanto a Aderbal de França, lembro-me de quando foi nomeado diretor de A República, o fato de que durante várias

edições as páginas do jornal eram cheias dos telegramas de felicitações, demonstrando que Danilo, o cronista, era conhecido e estimado pelo Estado todo que vibrou com a sua ascensão funcional como jornalista.

Estudante de medicina que foi até a matrícula do quinto ano, aprendeu muito sobre a psicologia das pessoas, aprendizagem que usou mais que os conhecimentos dos males do corpo. A finura do estilo nas suas crônicas diárias e os temas de que se ocupava, são uma prova de que desejava contribuir para uma moral elevada e um comportamento alegre das pessoas. A amargura não figurava nos seus assuntos e as palavras tristes primavam pela ausência.

Suas crônicas, sistematicamente iniciadas na edição de A República de 8 de junho de 1928, eram comunicação para todas as horas. Sem dureza de palavras e sem temas amargos, não eram indiferentes a nenhum aspecto da vida, mas, ao contrário, sabiam lidar com eles, constituíam a dose certa e constante para um regime de manutenção de vida otimista e feliz.

Assim, também, foi sua colaboração na Gazeta de Notícias, no Rio-Jornal, no A Pátria, no O Norte, na Revista Musical e no Semanário Mundo Médico, bem como na revista Cigarra (de apenas cinco números) por ele fundadas.

Aderbal de França fez, em síntese agradável, uma espécie de história do tempo presente.

No seu único livro, de 1926, Vida Profana, reuniu algumas de suas melhores crônicas.

Em O Diário, de que foi o fundador e depois no seu sucessor e continuador Diário de Natal, ainda hoje presente, continuou a escrever sua comunicação constante. Inicialmente sob o título de Vida Social e depois com o título de Crônica Social, até a edição de 7 de abril de 1972.

Na última Crônica, ele que foi sempre por tantos anos seguidos um mensageiro de boas novas e de palavras de estímulo, falou dos serviços postais brasileiros e exaltou a figura do mensageiro, do carteiro simples mas que, na sua opinião contribui "para a elevação social e política do mundo".

O ano de 1974, do seu falecimento, encerra uma fase gloriosa da crônica social em nossa terra.

Essa vida fecunda de jornalista, de cronista que amava o registro e a comunicação dos atos sociais foi presen-

ciada em parte e não é demais dizer, foi assimilada na sua grandeza, pelo mais próximo ocupante desta cadeira n. 25 que foi Inácio Meira Pires.

## MEIRA PIRES, O TEATROLOGO

Talvez seja difícil explicar as razões de uma vocação, mas não é difícil identificá-la nos indivíduos a quem se observa por mais tempo e, especialmente, naqueles de quem se conhece a vida. Tal qual as outras paixões, a paixão pela espécie de trabalho que sublima as pessoas e que nelas se realiza plenamente, não se esconde por mais que haja silêncio sobre ela.

Meira Pires, nascido em 15 de março de 1928, no Ceará-Mirim, foi uma vocação para o teatro. Algumas vezes a aventura da interpretação o empolgou e ele foi levado a realizar o Curso de Arte Dramática da Escola de Teatro e Cinema do então Distrito Federal, no Rio, mas foi bastante fugaz, porque sua inclinação era servir ao teatro de outra forma: ornamentá-lo com uma casa inspiradora e acolhedora e povoá-lo de personagens vivas, tão vivas ou verossimilhantes que, como os da realidade, são grandes e pequenas como pessoas, são eficazes, inteligentes ou são tolas, fúteis ou vulgares, como, igualmente, os ambientes que habitam, colorindo-os ou denegrindo-os.

Sua vida foi tão dedicada ao teatro de que cuidou materialmente com carinho como se fosse pessoa, que é impossível dissociar sua figura humana da nossa casa de espetáculos da Ribeira. Ele conseguiu renovar seu artístico e suntuoso edifício, aos que o viam de fora e aos que podiam gozar do seu interior, bem como conseguiu povoá-lo no palco, das personagens que criou e nas suas platéias dos indivíduos que motivou, educou para espectadores e, por fim, convidou e instou para que fossem presentes.

É impossível contornar-se o Teatro, por sua vontade chamado Alberto Maranhão, sem divisar sua figura irrequieta, no foyer, para as boas vindas. Há uma associação imensa entre sua figura humana e a materialidade daquela casa, tal a influência sobre a sua aparência e sobre a vida que fez desenrolar dentro dela.

Passado pouco tempo da sua morte que bem poderia ter esperado a realização de um trabalho maior, de acordo com as suas possibilidades de inteligência e vontade muito forte, os que o conheciam mais de perto ainda estão e esta-

rão por algum tempo naquele período de transição após os fatos traumatizantes e irremediáveis e de acomodação às situações novas, desfalcadas de pessoas e coisas vitais, mas que, malgrado seu valor, foram retiradas prematuramente do mundo.

Contribuir para que sua memória perdure é uma tarefa que procura vencer a morte no imaterial que dela se depreende.

Esta Casa é povoada pelos que venceram assim, porque bem realizaram nesta parte superior de si que é a inteligência, com repercussões no resto do mundo, pela sua verdade e pela sua beleza.

Ele poderia ter lastimado também, como o clássico poeta, ter sido “para tão longo amor tão curta a vida”, ou ainda poderia ter chorado ou feito como Olavo Bilac a sua maldição “pelo esplendor do que deixei de ser”.

Quase sempre as vidas mais produtivas têm suas muitas produções num tempo limitado. Seus apenas cinquenta e quatro anos não o impediram de ser autor de quatorze peças teatrais e cinco estudos sobre teatro; de ter sido diretor do Serviço Nacional de Teatro do Ministério de Educação e Cultura de que foi também Delegado por mais de quinze anos; de ter ocupado a direção do Teatro Alberto Maranhão e de haver exercido muitas outras funções administrativas de relevo. Não o impediram de ter sido realizador de congressos nacionais e de festivais regionais de teatro e de ser o principal responsável pela criação da Sociedade Nacional de Teatro Amador (SONATA) e de ter sido fundador do Teatro de Cultura e do Teatro Escola de Natal; de possuir inúmeras condecorações e medalhas de mérito, inclusive as medalhas de Ibsen, Bernard Shaw e Machado de Assis, concedidas pelo Ministério da Educação e Cultura.

O busto de bronze nos jardins do Teatro Alberto Maranhão foi mandado colocar pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

A consagração dos seus trabalhos literários está nas referências de Luis da Câmara Cascudo, de Juracy Camargo, Guilherme de Oliveira, Hermilo Borba Filho e Procópio Ferreira, este último que lançou no Brasil a comédia O Bonitão da Família, que Meira Pires escreveu aos dezenove anos de idade. Essas referências constam das plaquetes em que foram publicadas suas principais peças teatrais, bem como de correspondência com o autor. Pelo seu dinamismo mereceu

de Câmara Cascudo o cognome de “ventania do nordeste”, próprio do seu porfiar irrequieto e constante. Dele disse Edgar Barbosa: “Meira sempre me pareceu um inspirado, alguém possuído por um demônio bom e dominando esse demônio pela absoluta convicção desse sonho”.

Waldemar de Oliveira afirmou: “A palavra de Meira Pires é sempre ouvida com merecido respeito por ser a de um homem que conhece os problemas do teatro nacional, profissional ou amador, e, ainda, pela linha de correção moral com que costuma agir, um dos traços mais fortes de sua personalidade”.

Nilo Pereira ao saudá-lo na posse nesta Academia, na noite festiva de 5 de junho de 1975, disse: “Hoje, senhor Meira Pires, lançais esta Academia no palco de vossa vida que é uma agitação permanente”. E acrescentou adiante: “Ao invés da peça Está la Fora um Inspetor, podemos dizer, em boa paz e boa segurança, que um agitador está aqui dentro. Mas um bom agitador, um homem de incansável luta e de intermináveis planos, um visionário incessante”.

Porém, neste ambiente ele não teve, realmente, muito tempo para agitar, mas o fez enquanto pôde e permitiram as circunstâncias.

No seu discurso de posse, Meira fez uma profissão de fé e disse dos propósitos que o iriam animar e certamente o animaram. Disse alto e bom som: “A finalidade desta casa deve ser dilatada” e acrescentou: “Aceitem a minha sugestão como o primeiro passo de ajuda que me proponho dar à Academia para que ela, rejuvenecendo-se possa acompanhar de perto a realidade contemporânea e suas oscilações, dando um sentido mais longo e ainda mais alto às suas atribuições tradicionais, fascinantes e eternas”.

Suas peças de teatro foram: Destino, O Homem é o Lobo do Homem, o Bonitão da Família (comédia), O Biriba Chegou (comédia), Lágrimas de Fogo (alta comédia), Crime e Pecado (alta comédia), As Mulheres me Pertencem (alta comédia), Nascido do Amor (alta comédia), A Mulher de Preto, Um Resto de Homem (tragédia), Rumos (alta comédia), João Farrapo, Terras de Arisco, Cabeça do Mundo, Senhora de Carrapicho, A Miséria da Carne e Beatos do Catingó (inédito).

Os estudos por ele publicados são: Teatro Elizabetano, o Teatro Que Aprendi (crônicas e ensaios), Uma Política de Teatro no Desenvolvimento do Nordeste, Teatro Infantil

na Escola, Alberto Maranhão e Seu Tempo, O Papel da Reserva Militar, Caxias, o Pacificador, FENAT, um Projeto Cultural, Carta à Minha Mulher, Perfil do Amigo Morto (sobre Hermilo Borba Filho), Discursos e Imagens do Tempo (também discursos) e História do Teatro Alberto Maranhão.

Meira Pires viveu, realmente, o teatro. No princípio de sua carreira, mereceu de Renato Viana, comentando a Mulher de Prato, a seguinte expressão: “É um moço que honra ao seu Estado e ao Brasil”. José Américo de Almeida, ainda mais enfático, acrescentou: “É realmente uma grande vocação teatral destinada a uma carreira das mais brilhantes conquistas”. E Anísio Teixeira, muito sintético e eloquente: “Meira Pires é professor de teatro”. Pascoal Carlos Magno: “Meira Pires é uma legítima vocação teatral”.

Sobre a peça Um Resto de Homem, assim se expressaram Luis da Câmara Cascudo e Juracy Camargo, em nota por ambos assinada: “Raramente um trabalho consegue impressionar-me tanto como Um Resto de Homem, resultado positivo e real de um talento superior na plenitude de todos os poderes da imaginação”. E Juracy Camargo, sozinho, em outro estudo crítico: “Trata-se de uma peça de vanguarda, sobretudo no que concerne ao processo cênico dos diversos planos que constituem uma forma de expressão a mais no conjunto das que o teatro oferece aos legítimos dramaturgos”. E ainda Juracy Camargo, em outra oportunidade: “A obra de Meira Pires não merece apenas a minha admiração, mas o meu respeito.” E Bibi Ferreira, em carta ao autor: “Sua peça, lia-a outra vez, é fabulosa. Quero muito trabalhar nela. Ela será montada de qualquer maneira”.

Sobre O Bonitão da Família, opinou Procópio Ferreira, também em carta ao autor em vinte de junho de 1948: “Li com imenso prazer a sua comédia O Bonitão da Família. Achei-a engraçadíssima. Vou incluí-la no meu repertório.. Você é, realmente, um dos valores novos com o qual o teatro brasileiro poderá contar. Estou certo de alcançar com ela grande êxito, em virtude de considera-la, no gênero, uma obra de raro valor. A sua vocação para o teatro é uma das maiores revelações dos últimos tempos”.

Meira representou, como autor de grande brilho, nas suas peças Alguém Chorou a Perdida, A Mulher de Preto e no O Bonitão da Família. Também representou com invulgar talento As Mãos de Eurídice, de Pedro Bloch.

Como homem, esposo e pai, deu provas de uma imensa dedicação e grande amor. Na sua carta "Carta à Minha Mulher", de cinco de setembro de 1977, por ocasião do jubileu de prata do seu casamento com dona Ismenilda Leite Meira Pires publicada em plaquete e que Nilo Pereira no prefácio chama de "poema", de "evangelho do coração" e de "salmo do bemquerer", Meira diz a certa altura, dirigindo-se à esposa: "Quero dizer-lhe, com a resistência moral e espiritual de que sou dotado, que a cidade onde habitamos somente ganhou a obra cultural e artística que foi por mim levada a bom termo, porque você me proporcionou completa tranquilidade de ação".

Em outra carta, de trinta e um de dezembro de 1979, dirigida a sua filha Sarah, confessa: "Sou o velho chorão que compartilha das alegrias e tristezas da família". E mais adiante: "Se algo existe entre o céu e a terra é o amor que desfaz barreiras e ergue com solidez a perenidade das coisas e nem o tempo que tudo destroi conta com resistência bastante para diluir".

Em outra correspondência à sua esposa diz como arremate de toda sua concepção de vida, do seu amor e de sua fraternidade: "Não tenho medo de morrer, tenho saudade da vida".

É bem uma demonstração do seu amor à vida. Não lhe era bastante vivê-la intensamente no amor dentro da família, na participação social e política, na contribuição às idéias e à mentalidade reinantes. Criava vidas que povoavam a ribalta quando as três pancadas de Mollière sobre o tablado e a subida do pano, abriam para um público curioso e espectador, instantâneos da existência, cópias ou ficções verossímeis. Uma forma de prolongar a dinâmica da vida, gerando acontecimentos e situações que demonstram movimento e dizem das concepções do autor. Fazer teatro era uma das formas de sua energia. Ele que era "ventania", na expressão carinhosa de Câmara Cascudo, aragem quente e forte do Nordeste, encontrou na literatura do palco, os moínhos de vento de que precisava para movimentar e servir intensamente aos homens.

E os temas que explorou são aqueles que estão nas existências em nosso derredor e que muitas vezes não vemos porque queremos olhar mais longe, por cima delas. Meira Pires, então, nos chama para olharmos o vizinho.

As cenas que fez e estão aí para nossa apreciação, gritam alto o positivo e o negativo do comportamento humano e sugerem posições eloquentes diante do mundo.

Por isso é que sua aceitação foi tão grande pelos que, no Brasil do seu tempo, conhecem a técnica do teatro bem como a teoria e a prática da vida. Dizer como disseram de sua peça, *Um Resto de Homem* que ela teria de ser montada fossem quais fossem as dificuldades, é mesmo que dizer: o pedaço de mundo e de convivência que você criou tem vida demais para não aparecer, concretizando-se no espaço da ribalta, para admiração coletiva.

Geralmente conhecemos a parte superficial dos homens que dividem conosco o pequeno espaço, porque as limitações e os defeitos são mais visíveis, pelas propriedades inerentes ou pelos nossos olhos e pensamentos limitados e infensos ao elogio do outro. Mas a distância, decorrente do espaço e do tempo, paradoxalmente, estimula as causas de um conhecimento mais profundo.

Meira Pires foi mais conhecido e admirado pelos que o conheciam através da sua obra vasta e universal nos aspectos que explorou. É possível chegar a conhecê-lo melhor, Assim desejo e recomendo, numa atitude de justiça.

O historiador A. E. Taylor escreve que “a vida de um grande homem jamais pode ser o mero registrô de fatos indiscutíveis. Mesmo quando tais fatos são abundantes, a verdadeira tarefa do biógrafo consiste em interpreta-los; deve penetrar além dos simples eventos, no propósito e no caráter que eles revelam, o que só consegue fazer através de um esforço de imaginação construtiva”. Meira Pires está a exigir esse esforço de imaginação para revelar tudo que esse homem do nosso convívio recente realizou na criação literária. Ele, que foi da vida para o palco e que revelou tantas personagens cheias de movimento e atitudes que parecem, em determinados momentos, saírem do palco para a vida.

Se ele não teve uma grandeza intelectual ainda maior devemos atribuir às circunstâncias do lugar, às amarras naturais do espaço e à interposição dos outros, os outros da concepção amarga de Jean Paul Sartre.

Mas, a universalidade de sua inteligência, de sua ação e de seu processo de agir estão nos adjetivos e qualificativos que mereceu dos que tinham autoridade para dizê-los.

\* \* \*

A esses nossos intelectuais e a muitos outros, estendo a expressão das circunstâncias e das amarras naturais do espaço como dificuldades e às vezes estrangulamentos de sua ascensão maior. É que os que são feitos para voar grandes alturas têm as asas grandes. E deles poderíamos dizer como Charles Baudelaire daquele albatroz que em alto mar é aprisionado pela equipagem de um navio e forçado a andar no tombadilho, causou ilaridade, porque

Ses ailes de géant l, empêchent de marcher.

Foi assim com tantos homens de valor da nossa terra. Suas asas de gigante os impediram de marchar, de marchar mais e melhor sobre os acidentes do seu solo e os escombros da vida, pois foram feitos para sobrevoar.

Meus senhores! A evocação desses homens que aqui lutaram e daqui nos deixaram um legado valioso, faz reviver a memória e, usando uma expressão popular dos nossos sertões, "responde" no coração, onde aprendemos a fixar os melhores sentimentos, o amor e a amizade.

E' que essas palavras e a atitude isolada de um acadêmico que se acrescenta aos outros tão ilustres, sejam entendidas como se fossem a repercussão de um vozerio, de uma verdadeira manifestação tumultuosa, causada por tantos que ainda hoje, desejam saudá-los e louvá-los ao mesmo tempo, efusiva e estrepitosamente, porque são imortais.

Eles contribuíram para elevação mental da região e para a afirmação eloquente de que a inteligência, a sensibilidade e a dignidade humanas também estão entre nós, habitantes das margens deste Rio Grande, com toda sua força criadora e transcendente grandeza.

**DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO ACADÊMICO JORGE O'GRADY DE PAIVA NA SUA POSSE NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS, POR JURANDYR NAVARRO.**

Senhoras, meus Senhores:

Deslumbrados ouvimos, todos nós, o magnífico discurso de posse do novo acadêmico Jorge O'Grady de Paiva, uma das inteligências mais lúcidas da nacionalidade, a quem recebemos jubilosos, nesta Casa, na hora solene e na noite festiva de 30 de agosto.

Antes de se tornar imortal por esta Academia ele já o era pela Academia Potiguar e pela Academia de Letras do Rio de Janeiro. Cinge, pois, a sua fronte, a tríplice auréola da imortalidade, na literatura e na ciência especulativo-experimental. A evidência da sua cultura polimorfa serviu de persuasão para que a sua eleição tivesse caráter aclamatório.

Por ser norma tradicional desta Academia, e consagrada pelas suas congêneres do País, o discurso de saudação, que ora se segue, não analisa a obra do empossado, e sim, a sua pessoa; podendo, não obstante, serem intercaladas algumas passagens da sua contribuição intelectual.

A cidade do Ceará-Mirim, bêrço de acadêmicos ilustrados como Nilo Pereira, Edgar Barbosa e Meira Pires, é também a sua terra natal. Lá, ele contemplou, na sua infância, a paisagem bucólica dos verdes canaviais que sensibilizou, desde cedo, a sua alma poética.

Dentre outras produções, escreveu o acadêmico Jorge O'Grady de Paiva: **Verdade e Vida**, Rio, 1948, biobibliografia do Padre Luiz Gonzaga do Monte, o nosso conhecido Padre Monte, exemplo imperecível de virtude e sabedoria. Este livro, diga-se de passagem, é a mais completa radiografia da vida do grande intelectual. Sobre ser uma obra importantíssima, profunda, em que o autor sabiamente mergulha nos di-

versos arcanos da ciência múltipla daquele homem plural, como o chamava Nilo Pereira. Este livro foi a primeira luz para conhecermos o Padre Monte, e a partir dêle tirarmos elementos para a formação da sua Antologia. O Cônego Jorge O'Grady lançou a semente e ela germinou em nossa acuidade intelectual. Daí verificar-se, sem esforço, o poder influenciador do livro que pode ser para o bem ou para o mal. Todos sabem que as idéias de Voltaire e Rousseau influenciaram a Revolução burguesa, na França de oitenta e nove. O "Mal do Século" de Byron e o Wherter de Goethe levaram muitos ao suicídio e propiciaram um estoicismo exagerado, sendo vítima entre nós, dentre outros, Alvares de Azevedo, o Lacrimoso Perene, poeta dos maiores da nossa literatura. Por outro lado, quantas transformações foram operadas pelos Evangelhos!? A influência do livro é decisiva para a formação dos leitores. Deve-se, portanto, à influência benfazeja do acadêmico Jorge O'Grady, através do seu livro *Verdade e Vida* a edição da Antologia do Padre Monte.

Em 1952 edita outra biografia intitulada **JOÃO GUALBERTO. Varão da Eternidade**, que recebeu o Prêmio Carlos Laet de 1953, da Academia Brasileira de Letras. Expõe a vida de outro marcante vulto da Igreja, cujo talento silenciou Enrico Ferri, o conhecido criminalista italiano, em disputa polêmica. João Galberto foi, na opinião do Cardeal Leme, um dos grandes sábios do mundo.

Em 1957 divulga a obra **NOS DOMÍNIOS DAS LETRAS E DA CIÊNCIA**, em substituição ao anterior intitulado **NA SEARA DAS LETRAS DA FÉ E DA CIÊNCIA**. Incluso nesta obra vários trabalhos literários e científicos, destacando-se o de "Kepler, legislador do Céu", "A Apócope da palavra Santo", pelo ineditismo. O sobre "O Poeta do Vinho, da Dúvida, do Amor e das Rosas", em que faz uma análise da poesia do vate persa Omar Khayyám, e o Discurso na Academia Carioca de Letras, em recepção a Olavo Dantas.

No mesmo ano escreveu **EXCELÊNCIAS DO ROSÁRIO PREGADAS POR VIEIRA**, em homenagem ao quadragésimo aniversário das aparições da Virgem de Fátima, ocorridas em 1917. Afirma o autor que na opinião do Pe. Vieira, o mestre da eloquência sacra, o Rosário é a guarda da Fé.

Mil novecentos e setenta e nove é o ano em que publica a 3a. Edição, acrescida e ampliada, do seu famoso **Dicionário de Astronomia e Astronáutica**, obra pioneira.

Em 1983 divulga *Prédicas, Saudações e Necrológicos*, complementação do seu livro anterior *Prédicas e Minipredicas*.

Inédito tem outros trabalhos de cunho científico e literário, entre os quais o importante *Dicionário Onomástico*.

Além deste farto material de cultura, o novo acadêmico tem colaborado assiduamente com *Revistas de Academias* e outros *Centros culturais* e também escrevendo para jornais, mantendo, ainda, vasta correspondência epistolar.

Jorge O'Grady, como sucede a todo homem, como ele próprio preleciona, a trajetória da sua vida tem órbita de natureza elíptica, isto é, alternando "com distância máxima e mínima do centro de atração". O novo acadêmico não teve, ao que parece, vida plácida; e sim, muito ativa, desde a sua mocidade. Como os astros, a sua órbita de vida não foi regularmente circular em torno de um eixo magnético. Alongava-se em alguns pontos. Assim, foi o começo da sua vida sacerdotal, pertencendo a três Seminários: primeiramente, ao de Niterói, depois ao de Natal e por fim ao da Paraíba onde cursou, neste último, as disciplinas superiores. Antes, fôra acadêmico de Medicina, cursando até o segundo ano, deixando o curso médico pra ser Levita do Senhor. Em carta aos pais comunicando importante decisão disse que deixava de cuidar dos corpos para fazê-lo em relação às almas. Atendeu, assim o chamado daquela Voz sublime conclamando aos pescadores do Mar da Galiléia para serem pescadores de homens.

Estudou também no Atheneu Norte-Rio-Grandense e no Colégio Marista, desta Capital.

Ordenado sacerdote em 1934, foi ser Vigário em Canguaretama e Macau, Paróquias deste Estado. Passado algum tempo seria Diretor do Ginásio Santa Luzia, em Moçoró e Capelão do Colégio Sagrado Coração de Maria, daquela cidade. Para a Cidade Maravilhosa seguiu em 1944, incardinando-se na Arquidiccese carioca, levado que fôra por Dom Jaime Câmara, quando alçado a Cardeal da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Meus senhores,

Estamos diante de um peregrino do saber, de um cientista, de um profundo estudioso da Astronomia, crítico literário e conhecedor da Filosofia. É também aplicável à sua pessoa o que dissera do Padre João Gualberto, em relação ao espírito aristotélico, tanto filosófico como científico.

Além do domínio pleno desse hemisfério cultural, é, ou trossim, enriquecido de conhecimentos exceles da linguística, versado em vários idiomas modernos, coadjuvados pelo latim clássico e o grego antigo. Não obstante ter se aprofundado nas ciências profanas nunca descuroou das ciências ditas sagradas, formadoras do caráter e da personalidade.

Sacerdote de convicções firmadas, a sua Fé ardente jamais periclitou diante dos axiomas da experimentação científica, axiomas que os sabia alicerces da sua crença inabalável.

Na sua posse na Academia Potiguar de Letras, aproveitando o dístico daquele cenáculo **Ad sidera semper!** pronunciou o escoreito e melodioso pensamento: “porque, sempre, contemplei os astros, dicionarizei-os, em obra pioneira que é mais nossa, de nossa terra, do que minha pessoalmente. **Ad sidera semper!** E porque, sempre, elevei aos páramos celestes o pensamento, tem-me inspirado as Musas e me fiz sacerdote para melhor cantar, com Urânia, as glórias do firmamento”.

Como se vê, a sua vocação de astrônomo vez por outra é denunciada nas belas metáforas que usa no seu estilo literário.

No elogio ao Monsenhor Alves Landim, a quem substituiu em Academia mencionada, assim se exprime em certo trecho da sua alocução: “Descreveu em sua vida de sacerdote e homem de letras, em torno de Deus e das Musas, órbita elíptica... Duplamente centrada, à maneira de planeta de estrela binária, girou-lhe a vida em redor de dois grandes ideais: servir a Deus, de quem era ministro e às Musas, às quais era devoto”.

Chegando à cidade maravilhosa, depois de dez anos de ordenação, o Padre Jorge O'Grady iria, cada vez mais, ampliar a sua vasta cultura, prodigalizado por um meio mais adiantado, onde hoje goza de invejável prestígio no círculo intelectual carioca, pelo seu desempenho junto ao Centro Norte-Rio-Grandense, a Academia de Letras daquele Estado e a Federação das Academias, lá sediados, para os quais costumeiramente é convocada a sua inteligência iluminadora e superior nas palestras e conferências.

Para nós o perfil intelectual do insigne recipiendário é o do homem voltado para os estudos transcendentais. Desde moço o fototropismo do seu cérebro convergiu para os lí-

vros das ciências naturais, exatas e da literatura, tornando-se, com o passar do tempo, um autêntico ginasta do intelecto.

Proclamada a sua eleição, confidenciou-me o acadêmico Antonio Soares Filho: “Depois do Padre Monte, o Padre Jorge é o segundo cientista a fazer parte do plenário desta Academia”.

No universo da intelectualidade há matizes para todas as preferências. São presenciados os arroubos dos oradores, que magnetizam as platéias menos observadoras, com a magia da palavra e a postura do gesto. São vistos poetas filia- dos às mais variadas escolas desde as dos poemas épicos aos vanguardeiros modernos. Vislumbrados os escritores com suas tendências, características e gêneros literários determi- nados. Talentos outros, no domínio da arte, na pintura, na escultura, no teatro, que são reflexos vivos do gênio grego, reflexos do Medievo católico, do Renascimento clássico e do Modernismo revolucionário.

Tais artistas da mente atuam no grande palco da cul- tura, em cujos cenários são exibidos os seus talentos multifá- rios, quais atores de uma peça seleta. Entretanto, existe ou- tra categoria que se situa numa esfera mais restrita, que são os cientistas. Estes, vez por outra, são também atores do se- leto palco da inteligência, apresentando-se, porém, via de re- gra, como autores da peça, ditando o texto e dirigindo o es- petáculo, embora à distância, por controle remoto.

No seu ascetério contemplativo, no seu gabinete de tra- balho, ou no ocluso laboratório, o cientista tem uma preocu- pação exclusiva e relevante: a obsessão pelo estudo, pela in- vestigação e pela análise. Nessa cela amiga, debruçado em suas pesquisas procura indigitar o desconhecido, apalpar o invisível, enxergar o espírito da Ciência.

Na paz do dia e no silêncio da noite, passa uma vida, consome uma existência, solitário na sua glória e infatigável na sua messe. Pouco se lhe dá a febre do mundo, lá fora, atur- dido e em delírio, embriagado mundo, com o cérebro intoxi- cado e o coração sem amor. Na sua cela amiga ao cientista só interessa respirar o oxigênio refinado das alturas, em que é elevado pelas asas do pensamento.

É o estudo a sua ocupação primacial, obsessiva e per- manente. A sua curiosidade científica observa, através o cam- po telescópico, a dança harmoniosa das estrelas, ritmada pe- la música do mistério e sonorizada por encantada orquestra

celeste, na imensidão dos espaços. Descobre ser o minúsculo núcleo o cérebro da célula. Enxerga, nos mecanismos da Genética um poder maior e invisível que impede todo homem ter o símile rosto de Adão e toda mulher a mesma face de Eva. Isto para não tornar insípida a vida com todos seres sexuados cópias xerográficas dos seus ancestrais, quais amebas de mesma figura geométrica.

E' à medida que a ciência avança, decifrando os enigmas da Natureza, o cientista, qual bandeirante ousado do saber, se embrenha pelos ínvios caminhos dessa floresta desconhecida, alimentado pela esperança retratada na clorofila dos ramos verdes pendidos à sua passagem, esperança de avistar uma clareira onde um réstea de luz possa iluminar, na sua inteligência, uma nova descoberta.

É assim a vida do sábio, nunca descansando e jamais desistindo. E têm-lo um à nossa frente e ao nosso lado a quem hoje saudamos nesta noite festiva, na hora solene. Têm-lo um em nossa Academia. Não precisamos procurá-lo como o fez Diógenes, o grego, em pleno meio dia com um archote aceso, em busca de um homem de caráter. Nem como Madalena, com os lábios trêmulos e o coração em desespero, defronte ao Sepúlcro vasio, alucinada, a gritar pelo namorado dos sonhos da sua alma sofrida, "onde está esse Jesus"!

Esta Academia estava a precisar de um cientista e o tem agora para júbilo de todos. Têm-lo na pessoa augusta do Acadêmico Jorge O'Grady, incansável peregrino do saber como já deu prova no seu trabalho hercúleo na elaboração do seu Dicionário de Astronomia, trabalho de uma existência. Ele muito herdou da sua raça intrépida, a raça dos sábios.

Modêlo acabado dessa tenacidade é o francês Le Verrier que, em estudo exaustivo egigantesco, reobservou perto de cinquenta mil estrelas da **História Celeste de Lagrange**. Fez registro cronológico da vida dos cometas. Refez a teoria da circunvolução dos planetas, incluindo o Sol, de cujos cálculos elaborou uma projeção até o ano tres mil oitocentos e cinquenta!

Muitas e muitas gerações, em dois séculos e meio, se utilizarão daquilo que o seu luminoso cérebro arquitetou. A tenacidade do estudo chega a tanto.

Igualmente, quantas e quantas gerações outras não se utilizarão dos quase cinco mil verbetes do Dicionário de Astronomia e Astronáutica do acadêmico Jorge O'Grady de Paiva!

Beda, o Venerável, é outro exemplo marcante dessa raça intrépida. Antes de exalar o último alento estava prestes a terminar o seu derradeiro livro.

— “Apressai-vos, dizia aos escreventes à cabeceira do seu leito de morte. Apressai-vos porque está breve o chamado do Senhor”.

Instantes depois, Viterbo dêle se aproxima e indaga:

— “Podeis concluir o último capítulo?”

— “Escreve logo, responde-lhe, o mestre”. E depois, em murmúrio:

— “Terminei. Agora, inclina a minha cabeça enfraquecida em direção à Igreja”. E entoou, para morrer, a doxologia católica: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”.

Num último exemplo temos o do notável historiador César Cantu. Encerrado na prisão onde fôra jogado pela polícia-política austríaca, privado ficára do material de escrever. Com o fumo da vela e de fragmentos de palha fabricou engenhos de bicos de pena e tinta e, assim, pôde esquematizar, em papel de embrulho, a sua futura e consagrada **História Universal**.

Diante desses sacrifícios por um nobre ideal, que é o de se mortificar pela causa sagrada da Ciência, eu evoco Larcordaire, para dizer que “a coroa de louros só cingiu fronteiras feridas”. Lembra este pensamento, a divisa imbatível dos O'Grady: **“Vulneratus non Victus”** — “ferido, mas não vencido”.

Seja, pois, benvindo a esta Casa, que agora é sua, Acadêmico Jorge OGrady de Paiva, Cônego da Igreja Católica e Cardeal da cultura brasileira.



**DISCURSO DE POSSE DO PE. JORGE O'GRADY DE PAIVA  
NA CADEIRA 22 DA ANRL  
aos 30-8-1984**

Fale, primeiro, o coração. Na linguagem enternecida da saudade evoco o patrono da cadeira n.º 5, Moreira Brandão, meu bisavô materno, figura de prol em seu tempo, na província do RN e que, em minha adolescência, tantas vezes apareceu nas tertúlias domésticas, lembrado, sobretudo, por sua filha Estefânia, minha avó materna. O político liberal; o magistrado íntegro; o poeta inspirado; o orador fluente; o pai extremoso; o esposo dedicado e o chefe de família exemplar. Evoco, a seguir, o fundador dessa insigne poltrona, Edgar Barbosa, meu conterrâneo do Ceará-Mirim e meu colega de colégio e a quem, cedo, comeci a admirar, como estudante inteligente e aplicado e cultor do vernáculo, vindo a tornar-se apreciado escritor, sobretudo pelo estilo ático, de correção, clareza e elegância notáveis. E já que o patrono da cadeira que venho, nesta Casa, ocupar é o Con. Leão Fernandes, cujas excelsas virtudes sacerdotais e louçanias de linguagem e aprimorada cultura foram, por meu antecessor, tão bem assinaladas, justo é que o evoque quando, por duas vezes, lhe visitei o modesto túmulo em Angicos, numa homenagem a seu sacerdócio modelar e a seus dotes intelectuais. Lembro, ainda, a figura apostólica de seu irmão, também sacerdote, Con. Agnelo Fernandes, vigário do Ceará-Mirim quando de meu nascimento e por cujas mãos sagradas recebi as águas lustrais do batismo. Evoco, por fim, o recém-falecido presidente desta Academia, Dr. Onofre Lopes, velho companheiro dos bancos escolares e grande amigo e cuja atuação, nesta Casa e na Reitoria da UFRN, foi das mais marcantes e profícuas. Seu nome tremulará, sempre, como uma flâmula a indicar o roteiro e o ideal acadêmicos.

Dirijo, agora, minha palavra de especial saudação ao Exmo. Sr. Valerio Mesquita, representante do Governador

do Estado, pela honra de sua presença nesta reunião, cabendo palavras de gratidão aos meus ilustres pares, que me elegeram para seu convívio, a começar pelo sr. Arcebispo D. Nivaldo Monte, vice-presidente, em exercício, desta Academia, a continuar pelo ilustre colunista Paulo Macedo, por sua cobertura à minha eleição e posse e a terminar pelo sr. Jurandyr Navarro, designado orador para me saudar. Sem a boa vontade e generoso acolhida de todos não faria eu parte, hoje, deste colendo cenáculo. Prometo corresponder à magnanima escolha e honrar esta Casa com a melhor contribuição de sócio efetivo e devotado, exaltando as tradições acadêmicas.

## CÔNEGO LEÃO FERNANDES

### Srs. Acadêmicos:

O patrono da cadeira 22 já foi, como acima dissemos, posto no devido relevo por meu ilustre antecessor. Dele quero dizer, apenas, que é dessas figuras que crescem à medida em que o tempo flui e que marcaram, de maneira indelével, sua passagem pela terra. Assim como não apaga o homem os caminhos de Deus, também Deus não apaga os caminhos do homem. Traçou Leão Fernandes trajetória luminosa, de virtude e saber, nos curtos anos em que viveu. As acrisoladas virtudes desse sacerdote e seu amor às letras brilharão sempre, lembradas que serão por todos os ocupantes de sua cadeira patronímica.

E que semelhança, srs., entre o patrono e o fundador da cadeira! Ambos sertanejos que se deslocaram para o litoral. Portadores, ambos, da mesma constituição física. Precoces, por igual, na inteligência, caráter e dotes oratórios. Um e outro simples, modesto, dócil, humilde. Seguiram os dois o tríptico ideal do sacerdócio, do estudo e do saber. Irmãos até pelo nome, pois se um tinha a realza leonina, tinha o outro a majestade da montanha. E se a família de um foi brindada com a graça de ter dois sacerdotes, foi a do outro galardoada com três presbíteros, um dos quais chegaria à plenitude sacerdotal. Irmanados foram até na morte, já que sucumbiram ambos ao mesmo e insidioso mal. Que inspirada escolha a do patrono da cadeira 22! Fazendo-a, desfraldou o fundador, bem alto, tremulante lábaro de idealismo! Veneremos, srs., a santa memória de quem foi tão bem cogitado para assumir o patrocínio desta cadeira acadêmica e cujo nome figura, com justiça, em rua desta capital.

## CONDEGÃO LUÍS GONZAGA DO MONTE

Tendo-se prolongado no elogio do patrono da cadeira 22 não pôde D. José Adelino Dantas traçar o perfil, de corpo inteiro, do fundador e primeiro ocupante desta poltrona. Alegou que suas cinzas ainda estavam quentes e se lhe referiu por alto, acentuando, embora, a excepcional grandeza de seu talento e de sua cultura e sacerdócio de todo dedicado ao bem fazer. A nós deixou-nos a grata incumbência, como terceiro ocupante. Como, porém, biografamos o Pe. Luís Monte, quatro anos após seu desaparecimento, em livro de mais de 350 páginas (a ser, em breve, reeditado, em definitivo), dispensâmo-nos de fazer-lhe o elogio pormenorizado, mas nos deteremos quanto mister, nessa figura ímpar do clero do R. G. do Norte, terra a que queria tanto quanto ao próprio torrão natal.

Tão grande seu vulto, tão bela e tão nobre sua vida, tão radiante e tão poderosa sua inteligência, tão modesto e tão humilde seu sacerdócio, tão querido de quantos o conheceram e privaram de sua amizade, que Luís Gonzaga do Monte viveu sob o signo da Grandeza... humilde! Obtido do céu à força de orações, dirigidas pela genitora a S. Luís Gonzaga, veio ao mundo aos 3 de janeiro de 1905, na cidade de Vitória de S. Antão, no interior pernambucano. Na mesma ocasião era inaugurada a estátua que incorporou seu nome à velha cidade, na forma de anjo a tocar trombeta. Não era prenúncio do que viria a ser a vida do pequenino Luís? Já aos seis anos procurava imitar o sacerdote, ao altar, "**brincando**" de celebrar missa. Não era sinal de sua futura vocação? O aprendizado das primeiras letras nele foi galopante, em tudo se lhe revelando a precocidade intelectual. Mas não era só o intelecto que nele aurifulgia; a vontade se afirmava adamantina, como daquela vez em que decidiu, por conta própria, fazer a primeira comunhão. Tinha a preparação interior e não lhe importava a falta de uniforme branco; branca tinha a alma. Era o ano de 1913 e já estava Luís, com os pais, no Estado da Paraíba. No ano seguinte mudaram-se para o RN e foram para modestíssimo povoado no município de Lages. Trabalhava com o pai num barracão comercial. E estudava por si mesmo. Lia tudo que lhe caía nas mãos. E não se esquecia de ir, frequentemente, orar na rústica capelinha. Quatro anos transcorreram nessas atividades de sua adolescência. Aos 12, veio com os pais para a

capital do RN. Matriculou-se, em 1918, no Colégio S. Antônio. Foi aquele o ano da chegada a Natal, do novo bispo, D. Antônio Cabral. Luís inscreveu-se na Congregação Mariana, fundada sob os auspícios do novo antístite e presidida pelo zelo e dinamismo de Ulisses de Góis. No ano imediato, reaberto o seminário, nele se matriculou no 2.º ano. Na Academia Pio-literária D. Silvério teve a oportunidade de exercitar a oratória, sobretudo a improvisada. Era um encanto ouvir-lhe a palavra fluente, cálida, escorreita e os conceitos claros, belos e precisos que emitia. Ficou célebre o improviso que ali fez num Domingo de Páscoa. O tema, que a outros poderia embaraçar, deu-lhe asas para voar alto. Data dessa época sua afirmação de que “desejaria ser luz” se não fosse o que era... Mais tarde traçaria, para esta Casa, ao ser fundada, o lema latino AD LUCEM VERSUS (Rumo à luz), em forma clássica e lapidar. Aprimorou, por si mesmo, os estudos de latim, de que devassou todos os segredos e que conhecia como ninguém e não se limitando ao idioma em si (que era o da Igreja e o da ciência), mas abrangendo toda a literatura latina, em prosa e verso. E outro tanto também faria com o grego, sem nos esquecermos das respectivas e complexas Mitologias. Leu, no original, toda a Ilíada e toda a Odisséia, por ele consideradas insuperáveis. Dizia que as obras homéricas foram, para os gregos, o que foram as de Virgílio e Ovídio para os latinos, isto é, a bíblia desses povos. Nem lhe era desconhecida a Mitologia nórdica, tão expressiva em seu panteão e tão atraente em suas lendas.

Em 1922 começou o curso do Seminário Maior. Nele deixará a Filosofia cunho permanente. Sentia-se seduzido pela arte de raciocinar, metodizar, criticar e descobrir a verdade onde quer que ela estivesse e, bem assim, de afugentar o êrro dos escaninhos onde costuma esconder-se. E dos conhecimentos filosóficos gerais, desde então adquiridos, faria notável conferência sobre Educação Moral (outubro de 1929). Outra oportunidade teria, ainda, de abordar o tema, mas para mostrar que se há uma ciência da Moral não há, nem pode haver, uma Moral científica, dada a irredutibilidade desses termos. Fala a ciência no indicativo presente, enunciando leis, postulados e axiomas e, a Moral, no imperativo, dando ordens e preceitos. E já se tornara, a esta altura, autêntico auto-didata, enveredando pelas ciências físicas, químicas e biológicas. Chegaria, anos mais tarde, a montar laboratório de química e Mineralogia,

no Seminário. Nada havia, em ciência, que lhe fosse estranho ou lhe desinteressasse. Na imprensa de Natal, ainda seminarista, publicava, sob pseudônimo sueltos, combatendo os argumentos capciosos dos que lançavam a Teoria da Evolução contra a Igreja. Chamou todas as ciências de seu tempo a darem testemunho em favor da ciência divina e da Sagrada Escritura, concluindo: "Contra o dogma católico não pode a ciência levantar uma só objeção séria". Ainda não se ordenara sacerdote e tinha total acesso aos livros de D. José Pereira Alves, o novo bispo que tomara posse em 1923 e que, percebendo-lhe a acuidade mental e o desejo de tudo saber, franqueara-lhe, de par em par, as portas de sua biblioteca, no Paço episcopal. E fazia leitura dinâmica, por ele intuída e utilizada, antes que viesse a se tornar conhecida.

Veio a ordenação de presbítero aos 18 de setembro de 1927, conferida por D. José Pereira Alves, que regeu a diocese natalense de 1923 a 1928. Com esse erudito prelado e notável orador sacro aperfeiçoou Monte sua cultura geral e aprimorou sua eloquência sagrada, porquanto era D. José homem de letras, de ciência e grande tribuno.

O dia de sua primeira missa foi assinalada por belo poema latino do Con. Estevão José Dantas, em que começa expressando seu louvor ao amigo e ao primoroso cultor da língua em que o iniciára e, na qual, já ultrapassara o mestre.

Das matemáticas não foi Monte, apenas, familiar, mas podia ombrear-se com os maiores cultores da ciência exata. Foi assim, por exemplo, com Einstein, de cuja Teoria da Relatividade tomou conhecimento integral e a qual via com tal descortino que chegou a afirmar que o grande físico alemão não chegaria a completar sua obra, o que a outro estava reservado, no futuro. Vaticínio em via de realizar-se, com a descoberta das últimas partículas subatômicas, só faltando, agora, dar o arremate final à Unificação dos campos. Da alta matemática conhecia as teorias, os impasses e as tendências chegou a trocar correspondências com professores da Escola Politécnica da então capital da República. Em sua extrema modéstia não se manifestava senão aos íntimos. Com todos falava do comum e rotineiro, em linguagem simples e coloquial, a ninguém se sobrepondo. Quando, porém, era chegada a hora de defender a Igreja dos ataques de seus inimigos, a estes sobrepujava e vencida pela argumentação sólida, apoiada nos melhores mestres e autores. Seguiu o lema que se traçara o grande Pontífice Romano Leão XIII

**Fidei vindex, non flectar** (jamais me curvo ao adversário, em se tratando de defender fé). Freud e a Psicanálise mereceram-lhe exaustivo estudo, que se estendeu aos dissidentes do mestre de Viena e aos vários rumos que tomou a novel ciência. Dela via o mérito e o demérito.

Seus dezessete anos de sacerdócio decorreram árduos e profícuos, em Natal, sobretudo junto à Juventude Feminina Católica, da qual foi o grande mentor, obra magnificamente continuada por seu irmão sacerdote, no Instituto Social. Estudioso da Psicologia, em particular a feminina, pôde Monte traçar, com segurança, normas de ação para aquela ala da Juventude Católica, apontando-lhe os rumos para a restauração cristã da sociedade, em que tão empenhado se mostrava Pio XI, o Pontífice da Fé intrépida. E em certa alocução para auditório misto advertiu os homens de que não desdenhassem dos conselhos e avisos dados pela mulher, dotada que é de intuição como de 6.º sentido, o que a torna capaz de ver além do raciocínio, seja em estado de vigília ou esteja a sonhar. E citou o exemplo de duas mulheres célebres - Calpúrnia e Prócula - cujas advertências desprezadas pelos maridos a um, César, custou a vida e a outro, Pilatos, custou o cargo. Com sua eficiente e esclarecida atuação junto à F.F.C. previu Monte a fase da ascensão social da mulher. Foi professor no Seminário, nos estabelecimentos de ensino particulares da capital e no Ateneu Norte-riograndense. Podia ensinar qualquer disciplina, mas suas preferências eram pelo Latim e Matemática. Sabia lidar com os jovens, mestre que era na pedagogia. Ficou celebre, como prova de superioridade moral e, não só, intelectual, a aula extra, sobre sexologia, que deu, de improviso, em vez da normal de latim. Haviam-lhe os alunos preparado como que um teste, escrevendo e rabiscando, no quadro negro, antes que ele chegasse, figuras com insinuações malévolas sobre sexo. Sem qualquer reprimenda nem se dando por achado ofereceu-se para dar, naquele dia, aula sobre a matéria insinuada e discorreu, com ilustrações a giz, sobre a anatomia e fisiologia de ambos os sexos, deixando os jovens boquiabertos e, devidamente, ensinados. Sua força moral e domínio sobre os discípulos cresceram mais, pois tinham estes diante de si caso raro de professor capaz de discorrer sobre qualquer assunto e sem, jamais, se deixar apanhar por qualquer cilada.

As Teses latinas (de livre escolha e a sorteada) que apresentou aos examinadores quando de seu concurso para

o provimento daquela disciplina no estabelecimento oficial do Estado (republicadas pela Fundação J. Augusto, sob os auspícios de Jurandyr Navarro), nele revelam um soberano dominador do tesouro helênico-latino. Era universal seu domínio sobre a Literatura, assim oriental como ocidental. Egípcios e fenícios, mesopotâmios, persas e indús (encerrando estes o tesouro do sânscrito), chins e árabes foram estudados em seus monumentos literários, religiosos e filosóficos e avaliado o influxo que tiveram na cultura do Ocidente. Conhecia Monte o Teatro Clássico francês de Corneille e Racine e, o inglês, de Shakespeare, ambos ligados ao Teatro Clássico Grego. E se dava conta dos grandes romances psicológicos, desde os de Dostoévski e Tolstoi aos de nossos Machado de Assis e José de Alencar. Monte havia percorrido o caminho de Homero a Virgílio, de Virgílio a Dante, de Dante a Camões, de Camões a Cervantes, de Cervantes a Milton, de Milton a Goethe. . . Iliada, Odisséia, Eneida, Divina Comédia, Lusíadas, Dom Quixote, o Paraíso Perdido e o Fausto foram obras por ele não, apenas, lidas, mas analisadas e cotejadas (era grande aficionado da literatura comparada), a fim de se capacitar da real influência que sobre os modernos exerceram os antigos. E dessa influência viu que nem Anchieta se eximira, em seu poema latino "De Beata Virgine Mater Dei Maria" — Da Bemaventurada Virgem Mãe de Deus Maria — constante de 5.732 versos ou seja, de 2.866 dísticos. É o dístico a união do hexâmetro e do pentâmetro, que é a estrofe aprimorada por Ovídio, que cantou o amor humano e sensual, enquanto decantou Anchieta o amor puro e sobrenatural. Narra o poema toda a vida de Maria, da concepção e nascimento à encarnação do Verbo, à anunciação do Anjo, cantando a paixão e glória do Filho e da Mãe. Monte sobremodo apreciava o poema, tanto em sua feitura clássica como na conceituação mística e histórica. E muito admirava o móvel do poema a preservação do voto de castidade. E que assombrosa memória, acentuava ele, esse gravar, na mente, milhares de versos escritos na areia da praia! Tudo isso faz de Anchieta o primeiro humanista do Novo Mundo, como, aliás, o proclamou Fagundes Varela, em seu "O Evangelho nas Selvas".

A segunda obra de Monte, seguida às Teses latinas, foi o Tratado de Biologia que destinou aos seminários do Brasil, onde essa disciplina era quase desconhecida. E com os

avanços das ciências físico-naturais como poderiam os futuros sacerdotes ignorar a Biologia? No prefácio que escreveu para esse livro assim se manifestou o Prof. Cândido de Melo Leitão, um dos maiores bilogistas patrícios: “Expõe todos os problemas de acordo com o estado atual de nossos conhecimentos, cuja complexidade o A. sabiamente domina “(Obra já publicada pela F.J.A. ). E por sugestão de Luís da Câmara Cascudo escreveu “Fundamentos biológicos da Castidade”, que teve entusiástico prefácio do Prof. Henrique Tanner de Abreu, docente de Fisiologia da U. B. (livro a republicar pela F. J. A ). Trata-se de matéria não dantes versada em profundidade científica, tendo Monte, assim, preenchido verdadeira lacuna na bibliografia da castidade. Mostra como a virtude da pureza não é convencional, mas fisiológica. Não há, diz ele, irresistividade sexual, apelo inexorável da carne, instinto inelutável de procriar. A castidade e a continência não são, apenas, possíveis, mas benéficas ao corpo e ao espírito. Sem conhecer tal posição acaba de tomá-la, no RJ, quem diria? o cirurgião plástico e famigerado delinquente Hosmany Ramos. Em entrevista de 8 de abril deste ano a O Globo, assim respondeu à pergunta do repórter, sobre sua solidão no presídio onde cumpre pena: “Vivo vida monástica, onde toda aquela fantasia de necessidade sexual, de que é preciso ter mulher, desapareceu!” E acrescentou: “Sinto, hoje, mais gosto no cafezinho e me alegre com o sol a entrar pela janela”. Pôs Monte, nesse livro, no devido relevo o lado social da castidade, fator de antiviolência e de melhor entendimento entre os homens, assim oferecendo valiosa contribuição à mocidade hodierna, que se enreda nos desvãos do erotismo e desatina na sensualidade desenfreada. A pureza, o recato, o pudor, assegura Monte, integram a vida afetiva e alimentam o coração com bons sentimentos. Não é por acaso que a religião de amor a Deus e ao próximo prega a castidade e continência, já que se completam mutuamente. Hoje, quando vemos a sociedade perverter-se pelo desprezo de seus valores morais, é a derrocada social que assistimos, como já aconteceu com as civilizações passadas. No próprio céu claram os Signos do Zodíaco pela virtude da pureza e o domínio que deve exercer o homem sobre si mesmo. Basta, para tanto, atentarmos para o significado dos Signos. Ei-lo: Peixes, união entre o espírito e a matéria; Aquário, água lustral da purificação; Capricórnio, transformação da animalidade; Sagitário, luta contra si mesmo; Escorpião, controle dos baixos ins-

tintos; Balança, equilíbrio e justiça; Virgem, pureza e castidade; Leão, nobreza e caráter; Câncer, recuo diante do perigo (fuga da ocasião); Touro, domínio sobre a natureza e Carneiro, iniciação na Verdade e vitória do bem sobre o mal.

O fanatismo astrológico de nossos dias, recrudescido como nunca, devia ceder à meditação sobre o verdadeiro significado dos Signos, conforme consta do monumental "Dicionário de Símbolos", de Juan Eduardo Cirlot (Barcelona, 1969).

Não completou Monte o 4.º livro de sua autoria, no qual trabalhou nos três derradeiros anos de sua vida, quando se lhe esgotaram as forças físicas e contraiu tuberculose pulmonar. Reviu, nessa obra — seu canto de cisne — as chamadas bases experimentais do espiritismo e mostrou como são, todas, falhas, num ou noutro ponto. Tirou da doutrina e da prática espíritas todo fundamento científico sério, acentuando-lhe o caráter clínico-patológico. Não há, diz ele, nos fenômenos espíritas, intervenção das almas separadas dos corpos. Os fenômenos, quando não oriundos de fraudes e truques, enquadram-se na neurose ou na biofísica e parapsicologia. Assim nos confessou das vezes que conosco palestrou a respeito. Os originais, porém, desse "Livro das Revisões", foram encontrados dispersos e com trechos inteligíveis (caligrafia manual), conforme nos declarou seu irmão, o então Pe. Nivaldo Monte, hoje nosso preclaro antistite. "Porisso, disse este: não os pude dar à publicidade, mesmo em caráter parcial".

### Srs. Acadêmicos:

Assim como os grandes homens são, via de regra, redescobertos e trazidos do esquecimento à glorificação, assim também aconteceu com Luís Gonzaga do Monte. Coube a a Jurandyr Navarro, da geração posterior à do Pe. Monte, tomar conhecimento dessa extraordinária figura do clero do RN e ao deparar com depoimentos que, sobre-modo, a exaltavam, tirá-lo do olvido em que estava caindo e entregá-lo às novas gerações. Procedeu a magnífico e paciente trabalho de levantamento de sua vida e de sua obra e fez ressurgir das cinzas, numa pre-ressurreição, esse homem de porte, esse sacerdote de escol, esse sábio onímodo. Tornou a publicar-lhe os artigos dispersos, durante anos, na imprensa local e os li-

vros que escreveu, à exceção da obra sobre o espiritismo, pela razão já exposta. Merece, pois, Jurandyr Navarro e, com ele, a Fundação José Augusto, que os está editando, todos os encômios e aplausos. Creio que Deus predestinou Jurandyr para essa brilhante tarefa e que já o guindou, com justiça, a esta Academia de Letras.

Monte redivivo! E eu, que me honro de lhe ter escrito a biografia, rememoro, agora, alguns dos inesquecíveis momentos que juntos passamos, no seminário ou fora dele, onde quer que se encontrasse ou eu fosse visitá-lo. Guardo, ciosamente, na memória, muitos de seus sapientes comentários, sobre os mais variados assuntos. Na S. Escritura e, na Hermenêutica, era gigante. Diga-o a série de artigos sobre Josué e o Sol, em que interpretou esse trecho da biblia valendo-se de seus conhecimentos polimorfos, que incluíam Astronomia, para mostrar que o Sol não parou, ao dar-lhe Josué a famosa ordem que, tão pouco, foi inútil, já que obteve o prolongamento do dia, para vencer os amalecitas. E a Terra também não parou, nem sequer freiando, de leve, sua rotação para, assim, alongar o dia. "Não era preciso que ela parasse", conforme explanou no artigo final sobre o caso. E, como solução, apontou qualquer das seguintes: miragem, reflexão ionosférica, luz boreal ou zodiacal e raios cósmicos. Dera a legítima e definitiva interpretação a esse passo bíblico, do qual resultou, tomado à letra, a condenação de Galileu, hoje triunfalmente reabilitado pelo Papa João Paulo II. O Novo Testamento, sobretudo os Evangelhos, constituíam a leitura predileta de Monte, que a fazia em latim. Perguntei-lhe, certa vez, como interpretar, corretamente, aquelas palavras do cego de Betsaida: "Vejo os homens como árvores que andam". Enquadrou Monte essa curiosa visão de árvores-ambulantes ou homens arborescentes na psicologia da forma (Gestaltpsychologie, escola alemã). Dera a explicação cabal. Sobre a esfinge, a milenar escultura grega de tebas dizia: "Assim como o homem (Édipo) revelou o segredo da Esfinge (criança, adulto e velho), revelou, por sua vez, a Esfinge o segredo do homem. E explicava: "O homem todo está na ciência, na poesia e na fé; ora, afirma a ciência que o corpo humano, em sua evolução, não adquiriu, logo, a postura erecta, passando do engatilhar ao andar (+ +); a poesia, de inspiração virgí-

(\*\*) Desde 1950, com Pio XII, aceita a Igreja a origem do corpo humano de matéria orgânica pré-existent.

lio-horaciana, levou ao “**Terram inculcent plantae, foveante sidera verticem**” (os pés em terra e os olhos nas estrelas) (+ + +), ficando, assim, patente, que a marcha bípede impeliu o homem para a luz (**Ad lucem versus**, como diria mais tarde); e a fé ao tornar-se o homem encurvado pela velhice e arrimado a um bastão, o faz olhar para a terra, origem de seu corpo, como bem recorda a liturgia de Cinzas: “Lembra-te, homem, de que és pó e em pó te hás de tornar” (enquanto o espírito, que vem de Deus, para Deus retorna).

Outro tema que lhe era caro era o da vida, morte e ressurreição. A morte, asseverava, é consequência da vida: vive-se para morrer. E a ressurreição é consequência da morte: morre-se para ressuscitar. Considerava, por isso, o dogma da ressurreição da carne como processo, de certo modo, natural e necessário, pois se a vida é a tese de que a morte é a antítese, acentuava, só a ressurreição opera a síntese de ambas. Seu artigo “Vida e Ressurreição” vai da não-individualização inorgânica à individualização da célula, para concluir que no corpo conservamos um “quantum individualizante”, não arrastado pelo turbilhão vital e suficiente para nos identificar na ressurreição, não obstante as transformações do ciclo vital, pelas quais passamos. O fenômeno da rejeição, no atual transplante de órgãos, menor entre membros da mesma família, revela a presença do “quantum” individualizante. Que cerebração, srs., a do Pe. Luís Monte!

Dele inquiri, um dia, qual o exato sentido da expressão bíblica “chegada a plenitude dos tempos”. Eis como respondeu: “É a chegada da humanidade ao máximo de agravamento de seus males, tornando-se imperativa a aplicação de remédio **salutar**, sob pena de não sobreviver. Cristo só veio ao mundo quando desejado (era o Desejado das Nações), mas não o seria enquanto não fosse tido como indispensável e único **salvador**. Não se administra um grande remédio na ausência de um grande mal. Sua vinda devia coincidir com o remédio eficaz da **Redenção**”. E concluiu: “Razão não assiste, pois, aos que imaginam que, se Ele, hoje, viesse o mundo faria isto ou aquilo, agiria desta ou daquela maneira; a hipótese é inadmissível, já que não poderia vir antes da hora nem fora do tempo”. “E a plenitude dos tempos”, acrescentou,

(\*\*\*) No quadro de formatura dos perito-contadores de 1936, do Colégio Marista.

tem expressão complementar: a do “fim dos tempos”. Não chegará este sem que os homens tenham voltado a agravar seus males, desprezados os meios de salvação e a reta conduta da vida. Então virá o Cristo, sendo que, desta vez, para julgar e consumir o reino que estabeleceu na terra e, não mais, para salvar. E apontava o Divino juiz como exemplo para os que julgam, dizendo: “Não julgueis como Eu fui julgado, mas como Eu virei julgar” (+ +).

No púlpito, era um Crisóstomo, isto é, “boca de ouro”. Dalí desprendia fagulhas semelhantes às de um Bossuet, a “Águia de Meaux” e de um Fénelon, o “Cisne de Cambraia”, ambos, como ele, acadêmicos. Tinha assomos de Vieira e sua palavra eloquente, só no estilo diferia do verbo do doutíssimo João Gualberto do Amaral, a voz sacerdotal mais inflamada, erudita, veemente e portentosa que já reboou, neste século, da tribuna sagrada, no Rio e S. Paulo. Os sermões de Monte, preparatórios da Páscoa e dirigidos aos intelectuais natalenses, alcançaram notoriedade. Ministrava-lhes, então, os mais requintados aperitivos de ciência, cultura e fé para neles despertar o gosto e o amor pelo Pão Eucarístico. E isso num meio provinciano como o nosso. Que honra, srs., para Natal aqui haver vivido, escrito, ensinado e pregado o Pe. Luís Monte! Fulgura, hoje, seu nome na rua do Sanatório onde exalou o último suspiro.

Srs. Acadêmicos:

Essa a estatura olímpica do Pe. Monte, cognominado o “Anjo de Natal” e a quem não faltava genuína e onímoda sensibilidade, pois vibrava diante de todo o Bem e de todo o Belo. Revelou, agora, que a purificação, ascese e catarse estão disseminadas em toda a sua obra. Dela fez instrumento de elevação moral e espiritual e, não só, intelectual. Suas palavras, faladas ou escritas, eram servas da Verdade e do Amor e, só depois, serviam às letras por seu valor estético. Por isso intitulei “VERDADE E VIDA” a biografia que dele escrevi, reunindo nos dois termos que lhe eram tão caros seu espírito de síntese, que sobrepujava o de análise. Jamais perdia Monte a visão maior das coisas ou a do conjunto delas, descesse, embora, por vezes, às maiores profundezas analíticas.

(\*\*) Mensagem que escreveu para o quadro de formatura dos bacharelados de 1932, no Recife e que é, em latim, a seguinte:  
**Non iudicatus sed iudicaturas proficiam iudicantibus.**

Carlos Drummond de Andrade comparou Alceu de Amoroso Lima, em poema logo após a morte deste, a “Radiante Espelho”, no qual se reflete, por igual e por inteiro, nosso elogiado desta noite. Senão vêde:

“Lá se vai Alceu voltado para o futuro  
 Para um sol de infinita duração.  
 Lá se vai Alceu, sem melancolias nem ilusões.  
 Sua compreensão e universal doçura  
 Revelam que o pensar não é triste  
 Mas exercício de alegria.

.....  
 Alceu é o ser restituído a si mesmo  
 Contingência em busca da transcendência”.

Senhores:

Tal Alceu, qual Monte. Lá se foi Monte, tão cedo levado pela morte (aos 39 anos), deixando, como num espelho de múltiplas facetas, as radiâncias de uma vida toda útil, toda íntegra, toda bela. Possam as gerações futuras nele cultivar o homem que se realizou; o sábio que se universalizou; o cristão que se santificou e, o sacerdote, que se consumou, tendo revelado que celebrava todas as missas como celebrou a primeira. Honra e glória lhe sejam!

### DOM JOSÉ ADELINO DANTAS

Saudado por Câmara Cascudo, a 13 de setembro de 1949, ao ingressar nesta Casa como sucessor do Con.º Luís Monte, na cadeira 22 patrocinada pelo Con.º Leão Fernandes, ele o foi numa peça oratória das mais típicas e expressivas no gênero, equivalente, se posta em escala musical, à Sonata “Aurora”, de Beethoven. Vai esta num crescendo, dos primeiros albos da alvorada ao sol nado e esplendente, enquanto desfilam, naquela saudação, os preclaros avoengos de Dom José Adelino Dantas, sua terra dadivosa e acolhedora, os genitores, oriundos dos Dantas Correia e Azevedo Maia e cuja prole chegou a 16 rebentos, dentre os quais este que seria sacerdote e bispo; e a labuta paterna e materna, no afã de manter o lar; e as primeiras escolas, as primeiras mestras... até aquela visita pastoral de D. José Pereira Alves a S. Paulo do Potengi — 1925 — onde, pressentindo a vocação do jovem José Adelino, convidou-o a matricular-se no Seminário de Natal, convite de imediato aceito e firmando-se, a partir

de então, a carreira de quem, pelo estudo e pela fé, chegaria à plenitude do sacerdócio; e escalaria os degraus das letras, passo firme, até penetrar nos umbrais desta Academia, que honrou com a inteligência clara, a formação clássica, o saber e a virtude por todos proclamados. É que D. José Adelino foi um predestinado, um eleito do Senhor desde o berço e cuja vida de sacerdote e prelado decorreu, toda ela, pautada em harmonia musical e orquestrada por um conjunto de circunstâncias a um tempo simples e grandiosas.

Nascido aos 17 de março de 1910, quando o cometa de Halley já começava a iluminar o céu, espargindo mais luz do que temor, teve, por duplo motivo, o nome do Casto Esposo de Maria: nascia em seu mês e, apenas, dois dias antes de seu dia 19 de março (era, também, o nome de José Adelino homenagem a ilustre ascendente do mesmo nome). A 21 recebia o santo batismo na singela ermida de S. Vicente, município natal. Decorreu-lhe a infância tranquilamente até o falecimento do pai, num tombo equestre, em 1915. Deixou a genitora, com os filhos, o Seridó e se fixou em S. Paulo do Potengi. Dez anos haviam decorrido de vida árdua, trabalhosa, em que a seus estudos rudimentares e primários, feitos com perseverança e proveito, juntava os labores agrícolas e as fainas domésticas. Eis o testemunho de suas primeiras mestras, as professoras Paulina e Alzira Queiroz: "Conduta exemplar, obediente, estudioso, delicado, respeitador e sempre disposto a cooperar com os colegas que tinham dificuldade no estudo, sobretudo nos trabalhos escritos. Em suma, aluno modelar, com as melhores notas e aproveitamento e comportamento". Foi discípulo da Escola Rudimentar Mixta Cel. Maurício Freire, fundada em 1922 e transformada, em 1929, em Grupo Escolar, com o mesmo nome, estando presente à inauguração o já seminarista José Adelino, que discursou, juntamente com a diretora Paulina Queiroz. Data, precisamente, de 1929 meu conhecimento com José Adelino Dantas. Recém-chegado no ano anterior do Rio de Janeiro, tendo ingressado eu no seminário de Niterói pela mesma mão de D. José Pereira Alves, já então bispo daquela diocese, matriculei-me no Seminário de Natal, então funcionando em dependência do Colégio S. Antônio, à Rua do mesmo nome. Travamos, desde então, sólida amizade e, nas férias juninas, que ambos passávamos em S. Paulo do Potengi, dávamos, os dois, aulas de catecismo na igreja local e recitávamos, à noite, o

terço com o povo, ficando José Adelino com a parte dos cânticos. Desde cedo patenteceu-se-lhe o pendor pela música e o cântico sacro, pendor que o levaria a fazer da vida uma escadada musical e um hino de louvor a Deus. Robustecia-se nessa estima à medida em que nossos ideais comuns se consolidavam e tornavam mais afins. A partir de 1930, mudou-se o Seminário para a chácara do Tirol, à Rua Apodi, onde construiu D. Marcolino Dantas, empossado no ano transato, o novo prédio do Seminário. Cursamos, juntos, o Seminário Maior, compreendendo Filosofia e Teologia. Com a direção de Mons. Walfredo Gurgel, na reitoria do Seminário, davamos estas aulas de Dogmática em latim, quais as da Pontifícia Universidade Gregoriana, pela qual se doutorara. E, em latim, eramos arguidos e escrevíamos as provas. Isso contribuiu, em muito, para o maior domínio da língua oficial da Igreja, em que D. José Adelino se distinguiria a ponto de ver-se nela, com o aprumo dos bons conhecedores das exigências métricas dos vários tipos de versos latinos. Só nos separamos em 1934, após nossa ordenação sacerdotal, ocorrida a 18 de novembro, designado ele para a paróquia de S. Antônio e nós para a de N. S. da Penha e, logo após, para a de Macau. Em 1935 era transferido José Adelino para a reitoria do Seminário, onde permaneceria até ser eleito bispo, em 1952. Nesses 17 anos em que estive à frente do Seminário Menor de S. Pedro teve oportunidade de escrever seu primeiro livro, "A Formação do Seminarista". Era um resumo da matéria magistralmente versada pelo Padre Dubois, mas enriquecida por sua experiência própria. Pôde, assim, traçar rumos seguros para a formação dos futuros sacerdotes desta arquidiocese. Para formar o caráter dos seminaristas ele punha, na ordem direta, cada caso que se apresentava, geralmente, "em ordem inversa". Aprendera a técnica de o fazer com o latim clássico, que se não torna claro sem estar a frase na devida ordem gramatical. Percorria, destarte, os labirintos da vida moral e espiritual de seus alunos, bndoso sem concessões e forte sem violência, consoante à norma do Livro Sapiencial: "Fortiter et suaviter". Passaram por suas experientes mãos Dom Eugênio (que voltaria ao Seminário como Diretor Espiritual, Dom Costa e Dom Heitor, o que é mais do que suficiente para se aquilatar da boa formação que ministrava. Equidistante entre o zelo e a displi-cência, educava para o sadio apostolado sacerdotal e, não,

para a agitação e os excessos de atividade. A união do clero natalense, hoje, ainda, tão notória, muito deve aos rumos por ele dados ao Seminário. E para que se veja quão acertada era sua atuação atente-se para esta confissão do Pe. Raimundo Leão, que não perseverou na carreira sacerdotal: “Se eu tivesse tido como reitor o Con.º José Adelino — revelou ele ao Prof. Raimundo Nonato, um dos conspícuos membros desta Casa — creio que não teria deixado o sacerdócio, pois minha formação teria sido bem diversa”. “Três, ensinava o egrégio reitor, são os grandes amores do seminarista: Cristo, a Virgem Maria e o Santo Padre”. Quanto ao amor ao estudo, particularmente ao latim, está incluído no amor ao Santo Padre, cujas diretivas sempre inculcaram a necessidade do estudo e do conhecimento do latim. Cinco anos passou como bispo de Caicó, onde sucedeu a D. José Belgado, transferido para S. Luís do Maranhão. Durante esse tempo fez pesquisas nos arquivos paroquiais e obteve o material com que elaboraria seu segundo livro: “Homens e Fatos do Seridó Antigo” (1962), no que foi antecedido por “Homens de Outrora”, de Manoel Dantas e seguido por “Velhas Famílias do Seridó”, de Olavo Medeiros Filho. Desfez lendas e pôs em relevo os acontecimentos reais. Dar-nos-ia, por último, “O Coronel de Milícias Caetano Dantas Correia” com o subtítulo: — Um inventário revalando um homem”, obra com que encerrou suas atividades intelectuais. Em 1957 foi mandado para a diocese de Garanhuns, vaga com o trágico desaparecimento de D. Espedito Lopes. Não se intimidou de assumir a nova diocese com o ânimo viril que sempre o caracterizou. Governou-a por dez anos, quando foi, em 1967, enviado para a de Rui Barbosa, na BA, na qual permaneceria por oito anos até a renúncia pela saúde abalada, recolhendo-se, então, à sua terra, Carnauba dos Dantas, onde prestou assistência a quantos, ali, o procuravam. Não foi apenas sacerdote pleno pela elevação ao episcopado. Era bispo em letras clássica já que as dominava e por elas zelaria. Não é papel do bispo “olhar de cima”, vigiar, custodiar? Ele o fazia com o latim, língua pela qual nutria incomum afeição, assim continuando a tradição de alguns membros da família patriarcal seridoense, zelosos pela aprendizagem e cultivo do latim. E vem a propósito analisar, aqui, o motivo pelo qual os sacerdotes, em geral, sempre dedicaram grande amor à língua do Lácio. É

o idioma em que decantou Virgílio seu poema épico, a **ENEIDA**, descrevendo todas as vicissitudes e peripécias por que passaram os teucros quando abandonaram Tróia, em demanda de nova pátria. Quase tudo quanto se narra na Eneida apresenta semelhança com a história do povo de Deus e de sua peregrinação por 40 anos no deserto, rumo à Terra da Promissão. Resumamos por alto. Quando saiu Enéias de Tróia não sabia aonde o levavam os fados. Não foi assim com Abraão? Guiado pela fé seguiu o patriarca hebreu para o desconhecido. Caminha Juno, na Eneida, com majestade de rainha, ela que era irmã e esposa de Júpiter e vamos encontrar Abraão ao lado de Sara, também sua irmã e esposa. . . “Olha o céu e conta, se podes, as estrelas” (Gn XV,5), disse Deus a Abraão, acrescentando: “assim será tua descendência”. E os sucessores de Enéias não se elevariam até os céus? “Erqueremos até os astros tua posteridade.” (**Idem venturos tollemus in astra nepotes** — En. III.158) e, ainda: “Nosso nome será conduzido até os astros” (**Nostrum nomen in astra ferent** — En.VII,99). E não conquistariam eles vastos territórios? As ásperas lutas do peregrinar quarenteno de Israel e o grande número dos que não resistiram e faleceram se assemelham ao que é descrito por Virgílio, na Eneida. Dir-se-ia que a voz dos profetas hebreus ecoava na dos áugures, oráculos e predições das sibilas, como é de ver pela primeira estrofe da Sequência dos Mortos, de Tomás Celano: **Dies irae, dies illa, Solvet saeculum infavilla, Testa David cum Sibylla** (Dia de ira, aquele dia, que tudo em cinzas fará: diz Davi com a Sibila). A descida de Enéias ao Averno tem lances apocalípticos, pois Virgílio é como João e Paulo: pegureiro da Humanidade. Paulo, arrebatado ao 3.º céu, não teve palavras para descrever o que viu: “Ouvi, diz ele, palavras misteriosas que não é lícito ao homem revelar (II Co. XII, 4). E Enéias: “Que me seja permitido dizer o que ouvi e desvelar as coisas encerradas nas profundezas tenebrosas da terra” (Canto VI, 266,7). Viu a senda à direita e que é a dos Elísios; e a senda à esquerda, que conduz ao Tártaro. Tal qual, no Apocalipse, a direita e à esquerda de Cristo. Ali, os anjos retêm os ventos (7,1) como, na Eneida, as forças de Éolo (I, 59). E a mansão dos mortos à qual desceu Cristo não se assemelha aos Elísios? Ai chegando viu Enéias o futuro do Império Romano, a vencer todos os adversários e a conquistar o mundo inteiro! E ouviu o veredito final: “Outros saberão animar o bronze e tirar do mármore figuras vivas; melhor descreverão

outros o movimentos dos astros e o curso das constelações; tu, porém, ó Romano, governarás os povos sob teu império. Estas serão tuas artes: impor condições de paz, poupar os vencidos e dominar os soberbos. Farei latinos de todos, não tendo senão uma língua. Surgirá uma raça que excederá a de todos os homens". Não foi assim a Roma dos Césares, sobretudo ao ser ditada a **Paz Romana** pelo imperador Augusto, nascendo, então, o Cristo? E não surgiu para a **Paz**, entre todos os povos, a Roma dos Papas? Moisés só de longe e, de um monte, avistou a Terra Prometida, sem nela entrar. Assim Palinuro, o piloto de Enéias, só do alto de uma onda avistou a Itália e, nela, não entrou. Se o Jordão deteve seu curso e voltou à nascente, também o Tibre fez o mesmo (**En. IX, 125**). Vê Enéias cisnes em número de duas vezes seis e raios dourados em idêntica proporção. E não é o número doze o das tribos de Israel e o dos Apóstolos de Cristo. Entre os pagãos nenhum sacrifício havia sem libação de vinho. O **Bacchus laetitiae dator**, de Virgílio, corresponde ao **Vinum laetificat cor hominis**, da Sagrada Escritura. Baco e Ceres, o Vinho e o Trigo, são a base dos antigos sacrifícios incruentos. Não é Cristo sacerdote segundo a Ordem de Melquisedeque, que ofereceu pão e vinho? Tal a Ceia Eucarística, como **2.ª mesa ou sobremesa** servida pelo Cristo aos apóstolos. Era o vinho, outrora, coroado com flores, antes da libação. Não é o cristão, na Eucaristia, coroado com virtudes, flores da alma, antes da comunhão? A figura de Aquimênidas, esqualido e desprezível, é semelhante à de Cristo profetizada por Isaías, quando diz haver-o Messias perdido toda a beleza e mais parecer um verme... E assim como Aquimênidas afirmou: "Se devo perecer, ser-me-á doce se o for pela mão dos homens", assim foi a Cristo doce e suave perecer, na Cruz, pela mão dos homens. E se nos ativermos, já agora, às **Églogas** de Virgílio, que é a **4.ª** senão o prenúncio do nascimento do Messias, assim interpretada desde Lactâncio e S. Agostinho? Profeta dos gentios foi chamado Virgílio... Como, srs., diante de tudo isso, não dar a Igreja de Cristo e seus sacerdotes a devida atenção à obra poética virgiliana? Como seria possível desprezar a língua que a própria Igreja herdaria do Lácio e, com a língua, os fatos e fastos contidos na vasta literatura latina? Se há quem deva se interessar pelo tesouro clássico latino esse é, antes de todos, o sacerdote católico. Vem daí o amor, a dedicação, a veneração, que sempre

nos mereceram as obras da latinidade; as de Virgílio sobretudo, mensageiro imortal, que se tornou, da Divina Esperança num Salvador do Mundo.

### Srs. Acadêmicos:

Assim como José do Egito guardou, zelosamente, o trigo, foi nosso José, o Adelino, guardião não menos zeloso do trigo destinado ao celeiro divino, como Reitor do Seminário. E assim como, também, guardou José o trigo-Jesus, cuja carne nos seria dada no sacramento do pão eucarístico, igualmente nosso José, o Adelino, guardou os levitas do Senhor para multiplicarem, no futuro, o pão sacramentado para a mesa dos cristãos. Ainda quando bispo de Garanhuns deu grande impulso ao chamado Movimento dos Focolares, fundando-o, no Brasil, a pedido de Chiara Lubich, italiana que se dedicou a esse Movimento em prol da família cristã. O “*Pro aris et focis*” dos antigos romanos — Pelo altar e pelo lar — reviveu nesse oportuno Movimento, cujo foco é o lar, por ser a família a célula-mater da sociedade. A fundadora do Movimento na Europa, acima citada, ao saber do falecimento de D. José Adelino, externou seu profundo sentimento de pesar, ao mesmo tempo em que nele reconheceu o grande impulsionador do Movimento em terras de S. Cruz.

Tinha D. José Adelino Dantas grande admiração pelos mártires de Cunhaú e Uruassú, no RN, trucidados pela fúria de Jacó Rabi, aliado aos janduis que aliciara para sua causa. AD URUASSUENSES CLARISSIMOS VIROS é o título de poema seu em Latim, em que evoca o martírio de Uruassú e sauda os mártires, poema que consta do “Panorama da Poesia Norte-riograndense”, de Rômulo Wanderley. E por ocasião do tri-centenário desse horrendo massacre visitou as ruínas tanto de Uruassú, no município de Macaíba como as de Cunhaú, em Canguaretama, formulando votos pela canonização desses mártires heróis da fé. A igreja de Cunhaú está hoje recuperada e tombada pelo Patrimônio Histórico e outro grande admirador desses mártires, Vilhena de Moraes, é autor de belíssimo poema intitulado “O Bravo Potiguar”, em que exalta a figura de Mateus Moreira, cujo coração foi arrancado pelas costas. Vale a pena reproduzir o trecho final do poema:

“Tirai-lhe o coração, em vida, pelas costas!”  
 Impávido sorri o moço potiguar,  
 Sentindo não ter que um coração a dar.  
 E, num lago de sangue, ao tombar, esvaído,  
 Nas etéreas regiões o doce olhar perdido  
 Exclama, quando exala o último alento:  
 Bendito seja Deus no Santo Sacramento!

.....  
 E agora, ao relembrar o herói, Mateus Moreira,  
 Freme de orgulho a Pátria Brasileira!”

Tem-se empenhado, desde então, a Igreja Potiguar pela elevação aos altares desse punhado de bravos heróis da fé e é de crer que ainda venham a ser canonizados, como o foram os 103 mártires do cristianismo na Coréia do Sul, pelo Papa João Paulo II, por ocasião de sua recente visita àquela nação asiática.

Quando do I centenário da fundação da paróquia de Jardim do Seridó era D. Adelino bispo em Caicó. Organizou romaria ao túmulo do primeiro pároco, Pe. Francisco Justino Pereira de Brito, sendo acompanhado por grande número de diocesanos e prestando, àquele sacerdote, u'a homenagem que bem traduzia seu apreço pela figura do pároco, por ele sempre prestigiada.

Não quero concluir este elogio acadêmico sem me referir ao Brasão darmas de D. José Adelino Dantas. Confiou sua execução ao beneditino da Bahia Irmão Paulo Lachemeyer, constando o mesmo da obra “Os Armoriais eclesiásticos do Brasil”, de Luís Gardel (1963) e onde se lê: “Em campo de ouro cruz negra carregada de fonte vermelha, atravessada por três faixas ondeadas de prata e acompanhada da lança também vermelha na haste preta, sainte da ponta do quartel dextro”. Inspirou-se o elaborador desse brasão apostólico na Cruz e na Lança, de grande simbolismo cristão e na figura heráldica da fonte ou viveiro, bezante ou arroela que consta de circunferência de metal atravessada por faixas ondeadas de prata. Agora, a interpretação: o campo de ouro é o amor do S. C. de Jesus que, do sacrifício da Cruz, fez brotar todas as graças e misericórdias; e a haste, com a ponta tinta de sangue, é a lança do soldado romano que lhe abriu o lado. A inscrição é a mesma do brasão de D. José Pereira Alves — *In finem dilexit* (Extremosamente amou) — num

preito de gratidão ao prelado a quem devia o aceno para o sacerdócio. E assim como Cristo se entregou por suas ovelhas, também o bispo José Adelino Dantas se sacrificou pelas ovelhas confiadas a seu pastoreiro e as amou, como o Cristo, até ao amor mais desvelado.

As dioceses de Garanhuns e Rui Barbosa mereceram-lhe o mesmo zelo com que regeu a de Caicó, zelo sobremaneira posto em relevo pelas vocações sacerdotais, recrutando no seminário os jovens chamados por Cristo.

Impunha-se, porém, seu afastamento dos trabalhos pastorais, face a seu estado de saúde que se tornava, dia a dia, mais precário. Poderia dizer como Virgílio (En. VI, 114) "**Invalidus, vires ultra sortemque senectae**" (enfermo, além do vigor e das forças da velhice). E, assim, resignou. Aceita a renúncia, pela Santa Sé, em 1975, só lhe cabia regressar ao torrão natal, para ali viver os anos finais de sua apostolar e laboriosa vida. E, ao fazê-lo, sentiu-se verdadeiramente em casa: **Hic domus, haec patria est**, cantou Virgílio (En. VII, 122) — Aqui é nossa casa e nossa terra. E ali permaneceu por oito anos, prestando valiosos serviços como se fora o pároco e, a todos, edificando por sua piedade, modéstia e dedicação, já celebrando a santa missa, já batizando, confessando e administrando a unção dos enfermos. Nunca se afastou do espírito em que se formara e em que vivera o sacerdócio e o episcopado. Preocupava-o o entusiasmo de certos meios católicos pelo marxismo condenado por Pio XI e não se preocupava menos pela acentuada tendência hedonista da sociedade contemporânea, a qual, segundo Pio XII, "perdeu a noção do pecado". Aceitou as normas da Santa Sé emanadas do Concílio Vaticano II e o fazia em espírito de obediência, demonstrasse, embora, certa inquietação com as inovações apressadas e o progressismo excessivo de muitos, em detrimento da melhor e mais sólida tradição. Só Deus sabe quanto lhe custou conviver com tal situação.

Agravados seus padecimentos por uma trombose cerebral foi internado, em Natal, na Casa de Saúde S. Lucas, onde nada lhe faltou nem da parte do corpo clínico nem das enfermeiras, sobretudo de uma religiosa cuja vocação amparara e de sua irmã Júlia, com quem residiu em Carnauba dos Dantas e que lhe fechou os olhos, o que faz lembrar aqueles tocantes versos de Laurindo Rebelo, em "Adeus ao mundo":

“Feliz o que, no arfar da ânsia extrema,  
De desvelada irmã piedoso lenço  
Úmido de saudades vem limpar-lhe  
As frias bagas dos finais suores”.

Era o dia 14 de março de 1983 e o ilustre morto voltou à Carnauba dos Dantas, onde foi dado à sepultura, não sem antes ficar exposto na catedral de Caicó, sua primeira diocese, onde foi concelebrada missa de requiem presidida por D. Heitor e encomendado o corpo.

Cumprira sua missão e deixara um nome, consoante ao pensamento virgiliano: “Cada qual tem seu dia certo; a vida é, para todos, breve e irreversível; mas deixar fama pelo que se fez, esse o papel da virtude” (*Stat sua cuique dies; breve et irreparabile tempus omnibus est vitae; sed famam extendere factis, hoc virtutis opus* — En. X,467,8,9).

Aos 18 de agosto de 1983 realizou a ANRL sessão em sua homenagem, onde se ouviu a voz autorizada de Oto Guerra, a ele ligado por vínculo de parentesco e cuja oração foi como que o prolongamento da saudação acadêmica de Câmara Cascudo. Se comparamos esta à Sonata “Aurora”, de Beethoven, a alocução de Oto, se posta, por igual, em música, lembraria outra peça daquele incomparável gênio musical: a “Sonata ao luar”. Porque assim como fez esta ecoar, melancolicamente, suas notas, como que banhadas pela mortíça luz da Lua, as palavras de saudade de Oto Guerra ecoaram com a mesma nostalgia das vozes que se despedem, que entoam o adeus. E, assim, se fechou o círculo musical sobre a vida de D. José Adelino Dantas, toda ela regida pelas regras do bem viver, do bem fazer, do bem crer, do bem orar, do bem servir, do bem pregar e do bem amar. Hoje, na visão beatífica, seu belo espírito se banha na luz da glória e extasia no louvor a Deus, integrando o cântico dos bemaventurados.

**Srs. Acadêmicos:**

Depois de havermos contemplado, no firmamento das letras potiguares, as fulgurações destes três astros que se chamaram Leão Fernandes, Luís Monte e José Adelino, respectivamente patrono, fundador e segundo ocupante da cadeira 22 desta Academia, considerêmo-los projetados na terra. Aí se alteiam a modo de alcantilados serros. Vêmo-los,

então, quais blocos graníticos ou penhascos costeiros, batidos, nas faldas, pelas vagas marinhas e castigados, nos tôpos, pelas forças eólicas, a nos recordarem a bela metáfora de Monte, a propósito da extensão territorial do Brasil — o “gigante pela própria natureza” de que fala o Hino Nacional — “gigante, dizia Monte, que se estirasse um pouco mais o braço iria buscar as neves dos Andes para com elas brincar nas praias do Atlântico” Extensão territorial, srs. que neles se transforma em grandeza humana, pois ora cuidamos ouvir, trazido pelo quebrar das ondas e o sibilar dos ventos, num como éco perene e nítido, o canto do poeta maior, Meneses e Sousa, repetindo a cada um destes pinca-ros humanos — Leão, Luís e José — o que decantou ele da “Serra de Paranapiacaba”:

“Dorme, repousa em teu sono,  
Da força pujante emblema,  
Que tens o oceano por trono  
E as nuvens por diadema!”

**Tenho Dito.**

## DISCURSO DE POSSE DO PROF. GRÁCIO BARBALHO

Esta é a noite que escolhi para viver um momento tantas vezes repetido à luz deste mesmo cenário.

É, certamente, um momento gratificante para quem supõe recolher uma aura de triunfo, ao perceber que estão ao seu lado, em jubiloso convívio, aqueles que justamente permitiram nascer e, a partir de agora, florescer esse convívio.

Eis-me, então, o mais novo dos que chegam a esta Casa e procuram dignificá-la, a cumprir parte do ritual que me autoriza rever e analisar, desta tribuna, a grandeza daqueles que, de forma real ou simbólica, a ocuparam no passado.

Ao ingressar nesta Comunidade Acadêmica — em sua essência uma casa de cultura — a minha condição de médico permite que me veja um pouco no passado para evocar a presença, sempre lembrada, do Acadêmico Onofre Lopes.

Onofre, mipibuense e médico, sucedeu nesta Casa a Januário Cicco, médico e mipibuense, no mesmo ano em que, sendo seu continuador à frente da Sociedade de Assistência Hospitalar, criava a nossa Escola de Medicina. Eu, conterrâneo, me detenho ante a memória dos dois para ressaltar a figura daquele que, até bem pouco, aqui estava a comandar encontros em noites como esta.

A lembrança do homem obstinado, inovador, íntegro em sua conduta, firme em suas decisões, vive em todos nós. Guardo de nossa convivência dois momentos de alta significação para mim: quando me estimulou a não desistir da inclusão do meu nome no quadro de professores da Faculdade que iria dar os seus primeiros passos e, quase trinta anos depois, quando, em uma reunião do Conselho de Cultura em sua residência, fui consultado, a seu pedido, se aceitaria candidatar-me a este lugar que, afinal, agora me pertence.

As homenagens prestadas à sua memória nos levam a rever a conceituação filosófica de CÍCERO quando recolhe, em seu estudo sobre a velhice, as palavras de Ciro, o Antigo em seu leito de morte: “As honras prestadas a homens ilustres não se repetiriam após a morte deles se suas almas não tivessem feito algo para fazer-nos conservar-lhes a lembrança”.

### Srs. Acadêmicos:

Quando, em 1954, os despojos de Nísia Floresta foram repatriados, dizia Hélio Galvão, já acadêmico, em discurso proferido no Instituto de Educação de Natal, que ocupava, nesta Academia, uma “cadeira onerosa, impondo ao seu titular um déficit permanente para com o antecessor”. Que poderia eu dizer nesta hora quando vejo que quem o afirma, tornado antecessor, me transmite esse ônus tantas vezes multiplicado?

Sobre o patrono e o primeiro ocupante desta Cadeira serão poucas as minhas palavras. Uma distante incursão no passado me transfere aos oito ou nove anos de idade quando o manuseio da coletânea “Poetas do Rio Grande do Norte”, de Ezequiel Wanderley, me trouxe as figuras de Nísia Floresta e de Henrique Castriciano. Nessa época, a minha vocação em devorar sonetos parnasianos, que se prolongou por toda a adolescência, fez certamente desse livro o meu breviário.

Na antologia, Nísia iniciava a sequência das produções poéticas com os versos escritos na Capela de Santo Alfieri. Ao lado do texto original em francês podia-se ler uma tradução bastante livre da qual retive apenas os dois primeiros versos:

“Aqui sob o zimbório onde um santo viveu  
Eu cismo sobre o nada. E a alma entristeceu”.

Esse retorno no tempo, devo acentuar, transfiro ao saudosista que me acompanha nesta altura da vida e é o que faz descerrar o cenário de sua multiforme expressão literária para ressaltar, de início, a condição de poeta, um ângulo talvez de menor significação como insinua o próprio Castriciano.

Se, de outro lado, procurasse destacar o trabalho da jornalista, da conferencista, da socióloga, da romancista, da memorialista, iria dizer como Nilo Pereira: "Não vou traçar o perfil literário de Nísia Floresta porque nada mais é possível acrescentar a Adauto da Câmara e Oliveira Lima". Sem esquecer o que veio surgindo ao longo dos anos em artigos de jornais, discursos, conferências, notas biográficas e monografias. Em trabalho recente, a professora Zélia Mariz traz um bem elaborado resumo de sua vida e de suas produções literárias e atividades sociais, colhido em extensa fonte bibliográfica que inclui, entre outros, os nomes de Câmara Cascudo, Gilberto Freire, Henrique Castriciano, Mélio Galvão, Raquel de Queiroz, Nilo Pereira e Veríssimo de Melo. O acadêmico João Medeiros Filho, em estudo pormenorizado, destaca o ambiente em que Nísia viveu os primeiros anos, procurando dissipar dúvidas quanto ao seu comportamento no convívio social ao mesmo tempo em que traz à discussão pontos controvertidos de sua biografia como a data em que nasceu.

Se agora viesse a descortinar outros ângulos de sua personalidade pouco acrescentaria ao que foi dito sobre a feminista, a abolicionista, a educadora, a saudosista de sua terra, a amante de viagens.

A feminista que já aos 22 anos traduzia o opúsculo de Mrs. Godwin, iniciando uma permanente atitude de contestação aos ditames de certa época em que, como diz a canção popular, "quando o homem falava a mulher se calava por educação". Decerto não poderia prever que, quase um século depois, seria o seu Estado o primeiro a conceder o direito político à mulher brasileira.

A abolicionista que, em sábia e serena advertência, recomendava: "Amai vossos negros e eles vos servirão não como brutos mas como homens livres e devotados".

A educadora que certamente imprimia nos colégios que dirigiu aquele pensamento inoador visto em "Conselhos à Minha Filha" quando diz: "Esforço-me por dar-te uma educação que, entre nós, se nega ao nosso sexo".

A saudosista de sua "Pátria Querida" e do recanto nordestino em que nasceu e que se revela, em insistente loque de nostalgia, nos seus escritos pelo distante mundo que percorreu, deve estar presente, não há dúvida, no nome que adotou: NÍSIA FLORESTA BRASILEIRA AUGUSTA.

As impressões que colheu em terras da Europa podem ser ressaltadas no minucioso relato contido em seu livro "Itinerário de uma viagem à Alemanha". Em notas que dirige a familiares mostra, com riqueza, o dia-a-dia de um turista à procura de conhecimentos, analisa fatos históricos ao visitar castelos e mansões, cultiva e revigora o sentimento religioso ao encontro das seculares igrejas que conheceu.

Estamos vivendo o ano que assinala o centenário de sua morte. É então chegado o momento de imaginarmos seus últimos passos em terra distante onde, afinal, adormeceu E, depois, o regresso ao berço querido para o sono definitivo.

Será também um novo marco de evocação desta mulher extraordinária, onde talvez seja possível trazer uma luz mais incidente sobre a invulgar estruturação de seus conhecimentos na infância e na juventude. Para que, mais uma vez, se revele a condição de autodidata como a principal responsável, no dizer de OLIVEIRA LIMA, pela sua formação intelectual "sólida e brilhante, clássica e moderna".

\* \* \*

Surge agora ante a minha imaginação, como um novo desafio, a figura de HENRIQUE CASTRICIANO, o fundador desta Cadeira. É que me vejo outra vez levado a repetir NILO PEREIRA quando diz que é impossível falar sobre HENRIQUE depois que LUÍS DA CÂMARA CASCUDO publicou o seu "Nosso amigo Castriciano".

É evidente que poderei apenas relancear sobre o muito que foi dito e analisado no desenrolar de sua longa vida. Retroceder aos primeiros anos quando as investidas da doença levaram o colegial do Recife ao clima benfazejo do nosso sertão. Lembrar o acadêmico de Direito em Fortaleza, já se revelando o orador, em cujas palavras, como então foi dito, "palpita uma alma de artista". Ver a saúde de novo em declínio a transportá-lo aos ares da Suíça antecipando, no mesmo caminho, o poeta Manoel Bandeira que, como ele, iria sobreviver por longos anos. Mostrar aquele que, em quase toda a sua vida, é um incansável amigo dos livros como acentua Câmara Castudo quando diz: "A casa onde morasse era um desordenado mostruário de livros, fechados e abertos, derramados pelas cadeiras, mesas, banquinhos, rebordo das janelas (...)". Assinalar a atuação do

político e do homem público em certo período de sua vida: Secretário do Governo, Procurador Geral do Estado, Deputado Estadual e, finalmente, Vice-Governador em dois quadriênios, encargos meritórios que se completariam com o desejo, não realizado, de expor e debater idéias e conceitos educacionais como deputado na Câmara Federal.

Devo, entretanto, me deter um pouco quando procuro examinar três incidências do seu universo cultural: o poeta, o jornalista e o educador.

Na antologia de Ezequiel Wanderley está o poeta. Sua fotografia ali estampada é uma das recordações visuais dos tempos da minha infância. Nenhum dos versos de "A estátua", o consagrado poema transcrito no livro, ficou na minha memória. Hoje releio esse poema e suponho que quando o artista

"Sentiu que o mármore chorava  
Como distante desta gleba fátua  
E viu surpreso, então viu que brilhava  
Uma lágrima nos olhos da Estátua"

é certo que já antevia, como personagem, o simbolista, cultor da poesia inovadora de Cruz e Souza, a confrontar as limitações da pobre condição humana com as poderosas forças da natureza:

"Não chores, pois, astro da noite amada!  
Não rujas, não, esplêndido oceano!  
Montanha, ride! a vossa mágoa é nada  
Ante o sofrer do coração humano"

Henrique, príncipe dos poetas norte-rio-grandenses, era também um parnasiano. Amigo de Olavo Bilac, aceitava o culto bilaquiano da sua "Deusa Serena", a "Serena forma". Esta seria então um complemento de seu engenho poético, a justificar o conceito de que sua poesia "é um trabalho de artesanato literário". O soneto "Monólogo de um bisturi", tantas vezes reporduzido, envolve essa estrutura e então se pode ler:

"Fere esse braço grego! e as pomas cor de neve!  
E as linhas senhoris que a pena não descreve!  
E as delicadas mãos que o pó vai dissolver!"

Seus quatro livros de versos: "Irriações", "Ruínas", "Mãe" e "Vibrações" foram editados quando Henrique ainda não completara trinta anos de idade. Assim, a mocidade concedeu-lhe a inspiração poética, traduzida no magnífico estilo de poemas como "O Aboio", justamente na época em que sua irmã AUTA preparava "O Horto", o "cancioneiro geral das nossas tristezas" como bem definiu Edgar Barbosa.

Agora é a vez de reconhecer o estilista dos artigos e crônicas em jornais, elevando bem alto o prosador que não pôde ser visto no texto de romances inacabados. No alvorecer do século vinte, quando o desenvolvimento da teoria eletrônica do átomo levava o poeta Augusto dos Anjos a ouvir "em sons subterrâneos o choro da energia abandonada", ainda incapaz de "mover milhões de mundos", o nosso Henrique, discorrendo sobre a Teoria Orgânica das Sociedades, analisava a confluência do transformismo de Darwin em sua "Origem das "Espécies" com a filosofia evolucionista de Herbert Spencer e dizia: "Quem poderá prever o que será o mundo civilizado daqui a quatro séculos? Quem sabe o que o espírito humano criará nesse espaço de tempo nos diversos departamentos da ciência e quem nos poderá dizer até que ponto essas criações modificarão a vida social de amanhã?".

Este é o sociólogo que se aproxima da ciência para inquirir sobre o destino do homem na terra. E, como se vê nas "Cartas holandesas", quando se revela o saudosista cultor das tradições seculares que vicejam em países da Europa enquanto morrem no Brasil; o religioso que faz, com entusiasmo, a apologia de Jesus cuja alma, segundo ele, "paira acima da religião"; o observador político que mostra, em substancial análise, o decorrer da nossa vida pública no Segundo Império.

Finalmente, os artigos que escreveu na "A República" quando da morte de Lourival Açucena, onde recorda não só o poeta como as excentricidades de sua vida boêmia, revelam o poder de síntese do historiador ao detalhar a vida social e econômica do Rio Grande do Norte ao tempo do Imperador Pedro II. E, sobretudo, retrata com sutileza o dia-a-dia de uma Natal provinciana, suas limitações, enquanto a fisionomia do rio, das dunas, dos bairros acentua o que para ele é "a bela tristeza da nossa paisagem".

E o educador? Quando, em 1911, foi criada pelo Governo do Estado a Liga do Ensino já se podia prever, pela contribuição marcante e inovadora de Castriciano, a fundação da Escola Doméstica. Uma instituição particular, única em sua época em nosso país, coroou certamente, nas diretrizes de seu espírito cintilante, aquela de aperfeiçoar a educação doméstica.

Como afirma o irmão Eloi “sua vocação foi a de educador, principalmente no tocante à educação da mulher”, o que vem se ajustar ao conceito de Nilo Pereira de que “a Escola Doméstica é o seu maior poema”.

Nos anos da velhice, quando os novos pareciam desconhecê-lo e poucos lembravam o escritor e o poeta, estava de algum modo viva a lembrança do educador. As instituições que criou, em plena florescência, lhe davam esse prêmio. E quando o destino amargo o levou, sem reversão, a a um leito de hospital era decerto emocionado que recebia a visita das alunas e a presença festiva dos escoteiros. Seria este, então, o momento de repetir as palavras do mestre Câmara Cascudo: “Para o lar que não possuiu dedicou sua existência cultural. Morreu num aposento de hospital sem a mão de uma mulher sobre sua cabeça agonizante”. Mas deixou, poderosa e viva, a ESCOLA DOMÉSTICA.”

#### SRS. ACADÊMICOS, SENHORAS E SENHORES:

As múltiplas cintilações da atividade literária de Nísia Floresta e Henrique Castriciano estarão, certamente, brilhando com igual intensidade na trajetória do homem de letras e do humanista que foi Hélio Galvão.

Dele se poderia talvez dizer o que está em uma das biografias de Balzac: “Foi tudo quanto se pode ser em literatura: contista, historiador, poeta, filósofo, jornalista, atuando nesses campos com um raro poder de intuição que lhe permitia chegar ao fundo da alma dos homens”.

Frente a essa multiplicidade de caminhos a percorrer, no instante em que me cabe, ainda que em singela reverência, cultuar sua memória como meu antecessor nesta Cadeira, teria certamente ante a minha imaginação o desafio do poder de síntese. Uma rápida visão no caminho percorrido poderia, entretanto, obscurecer significativos detalhes da paisagem. É então que me vem à lembrança, como a sugerir um rumo diferente, o verso de Bilac: “Quem o molde

achará para a expressão de tudo?”. Ao concordar com o poeta, dispense a minúcia de uma apreciação global para ressaltar três pontos luminosos de sua vivência cultural: o historiador, o sociólogo e o etnógrafo. Certo é que neles está o jornalista. Está também o humanista; mas está, sobretudo, o pesquisador.

O HISTORIADOR: Em uma das crônicas que escreveu para a “Tribuna do Norte” diz Hélio Galvão: “Em 1935 eram poucas as minhas leituras de ficção porque a história dominava as preferências do estudante”. Já nessa época começava a preparar o seu primeiro livro, o “Goianinha”, que não chegou a ser editado. No prefácio que escreveu para este livro diz Câmara Cascudo que, quando o conheceu, “pertencia Hélio Galvão à escola difícil e meritória dos pesquisadores acima do desânimo, tenazes agressores das traças que apagam nomes e gestas ilustres no mundo confuso dos arquivos”. Estava assim configurada, no alvorecer de sua fecunda atividade literária, a simbiose perfeita entre o historiador e o pesquisador.

O relevo fundamental de seus estudos de história traz o Rio Grande do Norte como cenário. Já nos primeiros ensaios contesta a opinião de outros pesquisadores quando afirma, em artigo publicado no “O Cunhaú”, jornal de Canguaretama, em 1938 que André de Albuquerque, chefe revolucionário de 1817 em nosso Estado e mártir ainda hoje reverenciado, não teria nascido em Goianinha, distrito de Goiana, Pernambuco, e sim na nossa Goianinha, o que foi confirmado em estudos que vieram depois. Em alguns artigos que escreveu para jornais de Natal a pesquisa histórica transparece viva, minuciosa, envolvente. Em quase todos revive Hélio traços adornados do nosso passado com um feixe de linhas direcionais para o município em que nasceu.

Analisa a origem, inclusive indígena, das localidades do município de Goianinha; refere ascendentes de Nísia Floresta que lá viveram e prosperaram no comércio e na agricultura bem como velhas heranças no decorrer do século dezoito; aborda a miscigenação de holandeses com brasileiras, antecipando, de muito, a temática do poeta Mauro Mota com as suas “tristes meninas” que os americanos conheceram na segunda guerra mundial. Em outros estudos relata fatos históricos de alguns engenhos como Estivas e Cunhaú, descobre, ao registrar as secas que assolam periodicamente o

Nordeste, referência ao precursor da açudagem no longínquo limiar do século dezoito e, finalmente, como um corolário ao sentimento cristão que o acompanha, traça profusa biografia de sacerdotes, inclusive de alguns que viveram em época remota como o padre Felipe Borel, fundador do Apodi.

As pedras estruturais desse mosaico de informações firmam-se, não há dúvida, na incessante busca de antigos documentos, e esse mergulho nos arquivos históricos se aprofunda de forma admirável quando estudo a genealogia de famílias potiguares.

É este o incansável pesquisador, membro do nosso Instituto Histórico e Geográfico, que chega ao estrito detalhe quando, em um de seus artigos, ao analisar um documento que não prova seja Gondim o capitão-mor Antonio Vaz, diz: "O livro de onde extraí estas notas é o mais antigo manuscrito existente no Rio Grande do Norte, trazendo numerosos documentos anteriores à ocupação holandesa".

Não podemos fugir à convicção de que as pesquisas históricas do jornalista chegariam à sublimação com seu livro sobre a Fortaleza da Barra do Rio Grande. O que impressiona neste trabalho, que leva o autor a se equiparar aos grandes vultos da historiografia brasileira, é o incansável acesso à informação precisa, trazendo uma bibliografia incomparável que ele próprio justifica e, de certo modo, enaltece quando diz: "O livro exigiu leituras pacientes, pesquisas demoradas, penoso mergulho na papelada que envelheceu virgem".

O texto é sério, conciso, real, não se podendo admitir a descrição fantasiosa de algum feito ou o relato romanceado de um episódio. A construção da fortaleza, que o autor recompõe em termos exatos e certamente definitivos, é a porta que abre o cenário de um novo território, o território do Rio Grande e permite a formação de um pequeno aglomerado que será, no futuro, a nossa Capital cuja evolução desde os primórdios com a expulsão dos franceses, a dominação holandesa que veio depois, a lenta estruturação do ambiente familiar através dos séculos, a sobrevivência da fortaleza até os nossos dias, vive intensamente nas páginas deste livro.

Um documento que não se perderá no tempo e dará, com certeza, ao autor o prêmio de ter seu nome transportado ao futuro.

O SOCIOLOGO: O Sociólogo Hélio Galvão se reflete do mesmo modo com a mesma precisão de conceitos do historiador, em seus trabalhos de jornalista. Em um desses ensaios, ao discorrer sobre a permanência do celibato entre os padres, é ele mesmo quem diz: "Não sou reacionário no sentido de resistir às realidades. Estudioso da Sociologia, conheço de algum modo o processo de mudança social".

Era realmente, além de professor, um estudioso da Sociologia. Nesses artigos esparsos em jornais estuda, com autoridade, temas como a indissolubilidade da família, apontando falhas no casamento civil e religioso e analisa, algum tempo depois, as modificações no relacionamento homem/mulher; apresenta, em base fundamentada, a sociologia do povoamento das cidades e vilas do Rio Grande do Norte, mostrando com exemplos os fatores que determinaram a fundação dessas localidades; é um dos primeiros a se revoltar com a nova denominação de municípios, cidades e lugares, atitude que define como "crime de lesa-história", sobretudo quando a substituição é feita por nomes vulgares de políticos, "aquilo que já se definiu como bajulação topográfica"; lembra a importância do senhor de engenho na época colonial, no Brasil império e ainda nos primeiros decênios do Brasil republicano e conclui que essa importância arrefeceu depois que os senhores de engenho preferiram a Capital.

Eis agora o sociólogo reunindo peças altamente valorizadas de seu labor literário. Dessa reunião surge "O Mutirão no Nordeste", um trabalho pioneiro que o credencia como autor de renome.

Estudando o mutirão, a "faxina" dos municípios potiguares de onde mais se aproximou, revê extensa bibliografia mostrando a sua variada designação e a forma de comportamento nos estados nordestinos, na Amazônia, no Oeste brasileiro e, com particular detalhe, em países como Portugal e México.

Para ele "o esforço recíproco em trabalho comum desbasta arestas e enche o vazio da pobreza". Importante é a bibliografia apresentada que inclui citações de autores nacionais bem como as que retratam costumes em vários países. do Canadá à Índia. Acha que o mutirão ou "adjunto" que engloba, no Nordeste considerado, a agricultura, a caça, a pesca, hospedagem, festas populares, o batizado, o casamen-

to, o “quarto” ao doente e ainda trabalhos domésticos como a renda e o labirinto, é essencialmente tarefa do mundo rural e que terminará impregnando-se do “individualismo urbano”, entre outros motivos em consequência do êxodo e que vai desaparecer no futuro.

É do conhecimento de muitos que “O Mutirão no Nordeste” recebeu acolhida elogiosa do historiador e sociólogo OLIVEIRA VIANA e está no texto de enciclopédia argentina.

O ETNÓGRAFO: No momento em que surge o etnógrafo Hélio Galvão não podemos dissociar essa presença daquela figura ímpar de estilista que nos oferece, como atração irresistível, as “Cartas da Praia”. Para enaltecer a beleza, a simplicidade, o poder de sedução que as “Cartas da Praia” e as “Novas Cartas da Praia” nos oferecem, nada mais será acrescentado ao que disseram os seus prefaciadores. O que nos resta é recorrer à sua leitura para participarmos daquele cenário e então absorver a natureza ambiente, com a flora e a vida animal que ainda restam, conviver com o mundo dos pescadores e caçadores ouvindo o relato de suas andanças, com o contador de velhas histórias, a rendeira e sua atividade artesanal, os tipos populares com o seu linguajar simples onde subsistem termos em desuso.

Ao exibir a fiel documentação de uma época, o relato das tradições já mortas é tema apaixonante para os que as recolheram no passado. Assim, se me permitem, procuro despedir-me do etnógrafo e humanista para reencontrá-lo em uma de suas crônicas de jornal e seguir suas pesquisas sobre o Tenente-cirurgião da Guarda Nacional, Manoel Laurentino Freire de Alustau Navarro, que terminou se fixando no século passado em Papari. Vejo então que somente um incansável e minucioso pesquisador de nossa história poderia reviver ante os meus olhos a figura de Cândido Freire de Alustau Navarro, filho daquele Tenente-cirurgião, o “Seu Candinho” do meu tempo de menino em São José de Mipibu, que chegava uma vez ou outra a nossa casa, abria a sua maleta de homeopata e, ao mesmo tempo em que prescrevia dietas, entregava à minha mãe o remédio por ele indicado.

Se procuro devolver esta recordação da infância às “Cartas da Praia” é porque lá está a palavra de Hélio, que volto a ouvir: “O poder de evocação pode fazer o milagre

de repassar aos nossos olhos a paisagem que desapareceu, as pessoas que já não vivem e trazer de novo à memória episódios, fatos, gestos de que um dia participamos”.

\* \* \*

Procuremos agora seguir os passos do escritor ao longo de outros itinerários. Certo é que o folclorista, o antropólogo e, de algum modo, o biógrafo já se anteciparam pois, em essência, não podem ser dissociados das três marcantes definições que acabamos de analisar.

Como bacharel em Direito foi jurista de mérito, resolutivo e combativo, chegando o reflexo de sua erudição profissional a transpor as fronteiras do Estado. Nas lutas jurídicas que travou poder-se-ia talvez, entrever o antigo militante de um certo período de nossa destinação política, fazendo lembrar a veemência de editoriais vistos no texto da imprensa natalense. Importante nesta altura é ressaltar o valor literário das monografias que escreveu versando sobre temas jurídicos. Seu estilo correto, primoroso, nos leva à evidência de que vem a fugir de si próprio quando afirma: “Não temos o direito de exigir que todo advogado seja um intelectual”.

Cultor da ecologia defende, em vários trabalhos publicados, a preservação da natureza no meio ambiente, sem esquecer até mesmo o uso generalizado da caça predatória. O processo que o Governo pretende usar na restauração de nossas matas para ele é inadequado, insistindo no reflorestamento com árvores apropriadas ao clima onde irão crescer e só assim “os poucos exemplares da fauna que ainda vivem e fugiram procurando outro habitat, certamente voltarão”.

Finalmente, o poeta. Hélio Galvão não chegou a reunir poemas em livro. Talvez sentisse que o lirismo de sua alma de artista, reproduzido em versos, seria apenas a complementação da linguagem poética contida em muitas de suas publicações em prosa. É certo que só nos últimos anos modelou o escritor sua inspiração poética, o que vem concordar com o que disse em carta-resposta de 1948: “Não sei fazer poema, também não sei fazer soneto mas gosto muito de de poesia”. No ano seguinte, ao assumir esta Cadeira, repetiria: “Não sou poeta mas sucedo a dois poetas. Nunca perpetrei um verso”.

A publicação de sua coletânea de poemas poderá mostrar o romântico que, lembrando algum familiar ausente, diz:

“É bom ter saudade de quem vai voltar”.

De outro lado, sua leitura confirmará a observação do acadêmico Antônio Soares Filho quando, em saudação evocativa, define o poeta mostrando que “o seu linguajar faz lembrar, de certo modo, alguns parnasianos que aderiram ao modernismo e não perderam, de todo, o lirismo e a verdadeira arte de versejar”. E, com justeza, conclui: “Seus versos foram manifestação de três sentimentos: amor à esposa, ternura para com a numerosa descendência e religiosidade inabalável e contemplativa”.

Hélio Mamede de Freitas Galvão nasceu em Tibau do Sul, na época município de Goianinha, a dezoito de março de 1916. Era filho de José Mamede Galvão e Isabel Genuína Galvão. Chegou a Natal nos primeiros anos da década de trinta e, já no início, a paixão pela leitura e o sentimento religioso permitiram consolidar algumas amizades, pois enquanto cursava a Escola Normal pertencia à Congregação Mariana e frequentava diariamente a Biblioteca Pública do Instituto Histórico.

Logo iniciou sua colaboração na imprensa ao mesmo tempo em que participava da fundação de associações culturais, entre elas o “Centro Estudantil Potiguar” e o “Grêmio Literário Gotardo Neto”. Em seguida, fez parte do grupo de intelectuais convocados pela Biblioteca Norte-rio-grandense de História para escrever a história de alguns municípios, daí surgindo os originais do livro “Goianinha”.

Em 1939, tornado tabelião, mudou-se para Pedro Velho, interior do Estado. No seu regresso a Natal, em 1947, passou a colaborar assiduamente em jornais, assinando artigos e crônicas como “Nota da semana” na A ORDEM e “Pesquisas e notas” no DIÁRIO DE NATAL. E, ainda, ligado à política com o despontar da redemocratização após o Estado Novo, a sequencia dos editoriais que, no aceso das disputas, escreveu para o JORNAL DE NATAL.

Em 1948 iniciou o Curso de Direito, bacharelando-se em 1952. A partir daí, uma atividade profissional absorvente veio juntar-se à do professor de algumas instituições de en-

sino, entre elas a Faculdade de Filosofia, a Escola de Serviço Social e a Escola de Jornalismo “Eloi de Souza”; enquanto colaborava em revistas, inclusive do sul do país, voltava aos artigos de jornal como “Ponto de vista” na TRIBUNA DO NORTE e preparava os livros que iriam coroar sua obra literária.

Duas poderosas colunas sustentaram, sem estremecimentos, ao longo dos anos, o templo de sua vivência afetiva: o amor aos livros e o amor à família. Sua devoção à família, verdadeiro culto, é sempre lembrada no registro dos amigos mais aproximados. E transparece, viva e edificante, quando, em saudação a Dom Nivaldo Monte nesta Academia, começa externando sua tristeza pela morte de um filho. Irreconciliável com a desventura, mostra o seu desalento em palavras tocantes e nem a lembrança do conselho de Sancho a D. Quixote, apontando a filosofia da resistência moral ante o insucesso, consegue apagar esse desalento quando diz: “Refugiei-me no silêncio da biblioteca para extrair dos livros que juntei a seiva que dá força à fragilidade desses restos de vida”.

Por essa permanente dedicação à esposa e aos filhos responderia, em parte, a religiosidade que o acompanhou durante toda a vida. É o que ele próprio atesta quando diz: “queremos o cristianismo vivo e puro para evitar a família ameaçada de ruína”. E não era apenas um intransigente devoto do culto mariano, como proclamava, ou um assíduo frequentador da missa aos domingos ou aquele que defendia, com ardor, as tradições da Igreja, rebelando-se contra as inovações dos “católicos progressistas”, a tendência ao ecumenismo, a extinção do celibato entre os padres. Era mais do que isto, pois nele estava o minucioso analisador da história da Religião, não se cansando na busca de livros raros para recompor detalhes de acontecimentos bíblicos, estudar a origem de termos sagrados e pesquisar, através dos tempos, os erros e acertos da Igreja Universal.

Quando, em 1960, recebeu do Papa João XXIII a medalha e o título de Comendador da Ordem de São Gregório Magno revelou-se, em discurso de agradecimento, um homem simples “avesso a manifestações de ordem pessoal”. Entretanto, pelo que deixou bem se ajustaria e mesmo valorizaria o conceito de Pascal: “É o pensamento que caracteriza o homem. Sem ele, não o podemos conceber”.

Senhoras e Senhores:

Hélio Galvão foi eleito membro desta Casa em 1948. No discurso de posse, a 26 de maio do ano seguinte, disse concordar com a irônica insinuação de um jornalista ao afirmar que a Cadeira de Nísia e Castriciano permanecia inocupada. Devo tornar minhas as suas palavras quando isso me traz a ilusão, talvez o reconforto de voltar aos tempos de adolescente, ser de novo o ginásiano que agora repete ao seu colega Ascendino, aqui presente: “Algum dia entrarei em uma Academia de Letras”.

devido à sua natureza, a avaliação da qualidade da água é realizada por meio de indicadores físicos, químicos e biológicos. Os indicadores físicos são aqueles que podem ser observados diretamente a olho nu, como a temperatura, a turbidez e o odor. Os indicadores químicos são aqueles que são medidos por meio de análises laboratoriais, como o pH, a condutividade elétrica e a concentração de nutrientes. Os indicadores biológicos são aqueles que são medidos por meio de análises de organismos vivos, como a presença de bactérias e algas. A escolha dos indicadores depende do tipo de poluição que se deseja avaliar e dos recursos disponíveis para a análise. A avaliação da qualidade da água é um processo contínuo e deve ser realizada regularmente para garantir a saúde pública e a sustentabilidade ambiental.

Os indicadores físicos são aqueles que podem ser observados diretamente a olho nu, como a temperatura, a turbidez e o odor. A temperatura da água é um fator importante para a vida aquática, pois afeta a taxa de metabolismo dos organismos. A turbidez é a medida da quantidade de partículas em suspensão na água, o que pode reduzir a penetração da luz e afetar a fotossíntese das plantas aquáticas. O odor é um indicador de contaminação por matéria orgânica em decomposição. Os indicadores químicos são aqueles que são medidos por meio de análises laboratoriais, como o pH, a condutividade elétrica e a concentração de nutrientes. O pH é a medida da acidez ou alcalinidade da água, o que afeta a disponibilidade de nutrientes para as plantas aquáticas. A condutividade elétrica é a medida da capacidade da água de conduzir a eletricidade, o que está relacionado à presença de sais dissolvidos. A concentração de nutrientes, como nitrogênio e fósforo, é um indicador de contaminação por efluentes domésticos e industriais, o que pode levar à eutrofização e à formação de algas nocivas. Os indicadores biológicos são aqueles que são medidos por meio de análises de organismos vivos, como a presença de bactérias e algas. A presença de bactérias coliformes é um indicador de contaminação por fezes de animais, o que pode ser perigoso para a saúde humana. A presença de algas é um indicador de contaminação por nutrientes, o que pode levar à formação de toxinas e à morte de outros organismos aquáticos.

A avaliação da qualidade da água é um processo contínuo e deve ser realizada regularmente para garantir a saúde pública e a sustentabilidade ambiental. A escolha dos indicadores depende do tipo de poluição que se deseja avaliar e dos recursos disponíveis para a análise. A avaliação da qualidade da água é um processo contínuo e deve ser realizada regularmente para garantir a saúde pública e a sustentabilidade ambiental. A escolha dos indicadores depende do tipo de poluição que se deseja avaliar e dos recursos disponíveis para a análise.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO  
DO ESCRITOR E ACADEMICO  
ASCENDINO ALMEIDA

Autoridades  
Senhores e Senhoras  
Acadêmicos

O Tempo foi sempre eterno. Eterno e, até determinado instante, indivisível. Depois que o homem criou o calendário e o relógio, é que o dividiu e o subdividiu em anos, meses, dias, horas, minutos e segundos. Não contente, o homem repartiu o Tempo em fatias maiores: O Presente, o Passado e o Futuro.

O Presente é permanência. Durante a vida toda, o homem vive o Presente, que sobre-resta na sucessividade dos segundos, como diria Augusto dos Anjos no seu "Lamento das Coisas". Tudo passa, mas o Presente, mutável nas ocorrências, é imutável no tempo.

O Futuro é o desconhecido, o que há de vir: promessa, na esperança que anima; fé, no êxito que se aguarda; apreensão, no ignorado que sobrepassa.

O Passado é o caminho que ficou atrás, é o tempo que se foi, é a vida que foi vivida. No Passado, restaram as esperanças sepultadas; sumiram os anseios perdidos; ficaram as promessas não cumpridas. Mas surge aqui um elemento novo que opera o milagre de tornar o Passado sobrevivente: é a RECORDAÇÃO.

Curioso observar que, em relação ao Passado, selecionamos, quase sempre, fatos que nos alegraram, episódios que nos comoveram, ocorrências que nos foram mais felizes. Talvez instintivamente, procuramos afastar lembranças que nos foram tristes ou dolorosas, para não termos que revivê-

las ou até dramatizá-las no palco da memória. “Se Deus suprimisse por nós” — sentença Maupertuis — “todo o tempo que desejássemos suprimir, talvez a duração da vida mais longa se reduzisse a poucas horas”. O Passado é um tempo sem retorno, sabemos, mas a memória exerce o milagre de recordá-lo, e até de revivê-lo, em certos aspectos, pelo esforço da evocação, e é o que tentaremos fazer, em instantes de fixação.

Recordamos, como se o revivêssemos, março de 1932. Erguemos da memória um painel que ali guardáramos. Españamos-lhe a poeira. Retocamos algumas de suas tintas mais apagadas, reavivando-lhes as cores. Avistamos, bem nítido, um aspecto parcial da Ribeira, aparecendo, imponente, a fachada do Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão. À sua esquerda, separado dele por uma rua, o Colégio Pedro II, aonde nos conduzem. Entramos, eu e meu pai. Eu, 17 anos de idade, a esperança nos olhos cintilantes e no coração apressado; meu pai e acompanhante, a experiência, na soma dos anos vividos.

Logo à entrada, fomos recebidos pela figura veneranda e séria do seu Diretor, Professor Severino Bezerra de Melo, a quem nos ligaríamos pelo resto dos anos que ele viveu, responsável que foi pelo nosso ingresso como professor de Português, no mesmo Ateneu em que fôramos aluno. Nossa vaga no colégio já fora garantida pela matrícula, antes mesmo da nossa vinda de Patu, no alto sertão do Estado. Conduziram-nos depois à sala de aula onde, bisonho e dúbio, sentamo-nos ao lado de um menino, quase franzino, alto para a idade que tinha. Foi esse o nosso primeiro contato com Grácio Barbalho: eu, 17 anos já feitos; ele, 15 anos incompletos, ambos cursando o 3.º ginásial. No ano seguinte, 1933, todos os alunos do Colégio Pedro II foram forçados a transferir-se, porque o Colégio fechava as suas portas face a exigências do Ministério da Educação, julgadas incabíveis pelo Professor Severino Bezerra, que a elas não se submeteu. Alguns dos alunos, cujos pais desfrutavam melhor situação financeira, transferiram-se para o Colégio Marista. Os demais foram para o Ateneu Norte-rio-grandense. Entre estes, estávamos eu e Grácio. No Ateneu, em 1934, concluímos juntos o Ginásial. Era esse o ano em que o velho educandário da Junqueira Aires completava cem anos de fundação. O evento mereceu um livro de Clementino Câmara intitulado “O

Ateneu". Nesse livro, à página 32, foram transcritos os nomes dos 33 alunos da nossa turma, que registramos aqui, num culto de saudade aos que já se foram e numa homenagem viva aos que, porventura, ainda estejam vivos. Parece-nos ainda ouvi-los responder "presente" à chamada feita, cada aula, pelo professor ocasional, a caderneta aberta diante dos olhos.

1. Alberto Duclerc Pinheiro
2. Alberto Vieira Roselli
3. Aliete Roselli
4. Alvaro José Pires
5. Amando Homem de Siqueira
6. Anadil Vieira Roselli
7. Ascendino Henriques de Almeida Júnior
8. Clóvis Gentile
9. Dulce Cicco
10. Edmundo Gurgel
11. Evaldo Sizenando Pinheiro
12. Fernando Pinheiro de Araújo
13. Felizardo Eugênio Toscano Lyra
14. Francisco Bilac de Faria
15. Francisco Pilomias de Sousa
16. Grácio Guerreiro Barbalho
17. João Pedro do Monte
18. Jofilly de Carvalho Paiva
19. José Ariston Filho
20. José Arnaud Gomes Neto
21. Lúcia Bezerra de Albuquerque Ramalho
22. Maria de Lurdes Meira Bezerra
23. Myrtes Bezerra de Melo
24. Morton Mariz de Faria
25. Nadir Medeiros
26. Nélson de Oliveira Reis
27. Newton Pessoa de Paula
28. Osman Capistrano Silva
29. Paulo Gomes da Costa
30. Ruy Augusto Pereira do Lago
31. Ruy Lucena
32. Sinésio Pereira da Silva
33. Túlio Augusto Fernandes de Oliveira
34. Yaponan Caramuru de Brito Guerra

Dos professores, apenas Vécio Barreto permanece vivo.

Entre os mortos, a nossa memória relembra Luís da Câmara Cascudo, Celestino Pimentel, Joaquim Torres, José Gurgel do Amaral Valente, Padre Luís Monte, Monsenhores Pegado e João da Mata Paiva, Luís Torres, Gentil Ferreira, Luís Antônio dos Santos Lima, Edgar Barbosa, Sylvio Veiga, Padre Calazans Pinheiro, Israel Nazareno, Hostílio Dantas, sem esquecermos aqui o temido inspetor Lucas Sigaud e o querido funcionário Emídio Fagundes.

Aquela época, salvo juízo apressado, o aluno era mais atuante do que nos dias presentes. Havia vibração e entusiasmo. A inquietude estudantil de hoje gera greves e protestos; a daquele tempo, a par das noitadas inconseqüentes, produzia movimentos que empolgavam a classe e a sociedade. Lembraríamos aqui a memorável campanha da Rainha dos Estudantes, em 1934: a nossa turma do Ateneu, 5.<sup>a</sup> série, contra todos os alunos restantes do Ateneu, mais o Colégio Santo Antônio, mais o Ginásio Diocesano Santa Luzia, de Mossoró. Havia apenas duas candidatas, ambas do Ateneu e ambas merecedoras pela mocidade e beleza: a nossa, Lúcia Ramalho; a outra, nossa adversária, Alba Marinho. O desequilíbrio de forças deu a vitória à nossa opositora. Durante a campanha, nós da 5.<sup>a</sup> série, em grupos organizados, saíamos todos os dias, de rua em rua, de casa em casa, de pessoa em pessoa, de coração em coração, pedindo exemplares do jornal "A Razão", onde vinha impresso o cupom de votação a ser preenchido e, todas as noites, sobraçando os jornais arrecadados, íamos à residência do nosso colega Fernando Araújo, na rua Açu, onde recortávamos os cupons e os preenchíamos para, na manhã seguinte, depositarmos os votos na respectiva urna, que era guardada e fiscalizada pelo próprio jornal. A campanha gerou tal entusiasmo que, apesar da derrota, o pai da nossa candidata, Dr. Francisco Ramalho, fundador e 1.<sup>o</sup> Presidente da Associação Odontológica do Rio Grande do Norte, residente na rua 21 de março, ofereceu a todos os componentes da nossa turma, em sua própria casa, um baile que marcou época, por sua animação.

Depois veio a dispersão, na ânsia da conquista social e no enalço da sonhada profissão. Os caminhos se diversificaram. Vários se "encantaram", na expressão feliz e exata de Guimarães Rosa; diversos foram perdidos de vista; alguns

aqui estão, repisando conosco, através da memória, caminhos já transitados. Eu e Grácio aqui defrontados: eu, para saudá-lo; ele para ingressar nesta Casa da Memória, cujas portas se lhe abriram hoje, recebendo-o, solenemente, como um dos seus habitantes.

Já é tempo de falarmos a respeito do nosso recipiendário. Na noite mesma em que Grácio Barbalho foi eleito, fomos à sua residência, alguns acadêmicos, para comunicarlhe a unanimidade da sua vitória, oportunidade em que ele nos convidou para apresentá-lo nesta Casa.

Agora é difícil saber de quem a vitória maior: se da Academia que o recebe, se dele, que é recebido.

Receber e ser recebido são gestos comuns e diários no trânsito da convivência humana, porém se avultam, por sua singularidade, nas solenes recepções de uma Academia de Letras. Noite de emoção, a posse de um acadêmico é, realmente, de inigualável superioridade.

Muitos, sabemos, combatem as Academias de Letras. Na maioria, estão os que já tentaram forcejar-lhes as portas e não o conseguiram. É um direito legítimo e incontestável que lhes assiste, mas o ingresso nelas é afunilado pelo voto, e o número de vagas é limitado pelos estatutos. O voto é um filtro, e os votantes exercem livremente o seu direito e a sua vontade. É verdade, e ninguém discute, que, algumas vezes, os pressupostos melhores ficam do lado de fora, sendo-lhes lícito aguardarem outra oportunidade que, lamentavelmente, só aparece quando uma das "deusas parcas" nos subtraem um companheiro.

Na eleição de Grácio, o problema não existiu. Nele, era tão legítimo o direito de ser um dos nossos que os prováveis concorrentes se abstiveram do seu legítimo direito de candidatar-se.

Grácio Barbalho vem substituir o nosso Hélio Galvão, cuja cadeira tem, como patrono, Nisia Floresta Brasileira Augusta, nome sonoro e patriótico que identificou um dos eminentes vultos femininos, senão o maior, que se fixaram na moldura iconográfica do tempo. A ele, Grácio, caberá selecionar as tintas, tomar o pincel e pintar, em cores vivas, as duas culminantes figuras humanas.

É tão extenso o currículo profissional de Grácio Barbalho que nos abstivemos de mostrar todo o seu longo itinerário, o que faremos, posteriormente, quando da publicação deste discurso na Revista da nossa Academia.

Aqui, lembraremos instantes da sua mocidade para depois nos fixarmos em três aspectos decisivos da sua brilhante trajetória: o médico, o laboratorista e o pesquisador da Música Popular Brasileira.

Criança ainda, Grácio Barbalho ganhara o hábito, quase mania, de colecionar.

Não sabemos se ele chegou a colecionar namoradas. Sabemos, porém, que uma das suas primeiras coleções foi a de carteiras vazias de cigarros, quem sabe surgindo-lhe daí o vício do fumo, que iniciou na adolescência e que ainda persiste, mesmo sendo médico e, por isso mesmo, conhecendo os males do tabagismo.

A respeito de fumantes, permitam-nos abrir um parêntese para lembrar um episódio: conhecemos um médico de Mossoró, o Dr. Lavoisier Maia, tio do Ex-Governador Lavoisier Maia Sobrinho que, a nosso ver, era o mais viciado dos fumantes viciados, mas adepto incondicional daquele conhecido preceito: "faça o que digo, mas não faça o que faço". Condenava terminantemente o fumo diante de cada cliente. Recordamo-nos bem de uma noite em que o Dr. Lavoisier Maia, vindo de Mossoró para Catolé do Rocha, dormiu em Patu, na casa de meu pai adotivo, de quem era muito amigo. Nós, criança ainda, fomos fazer-lhe companhia. Duas horas da madrugada, aproximadamente, o Dr. Lavô, como o chamávamos, acordou-nos para saber se havia na cidade algum vendedor de cigarros que dormisse no próprio estabelecimento comercial. Respondendo-lhe afirmativamente, pediu-nos que lhe fosse comprar cigarros, sem o que não conseguiria dormir o resto da noite. Fomos e, o que é curioso, compramos cigarros na mercearia de Massilon, o mesmo Massilon que, posteriormente, matou um policial em Belém, na Paraiba, e, perseguido pela Polícia, uniu-se ao grupo de Lampião, participando do famoso ataque de Mossoró.

Fechemos o parêntese.

Grácio Barbalho não colecionava apenas carteiras de cigarro. Também era colecionador de sonetos, copiando-os à mão. De 1932 a 1936, copiou 600 sonetos que ainda conserva encadernados. Certa vez, em Recife, 1936, acadêmico de Me-

dicina, entrou em um “sebo” e, por acaso, descobriu um pequeno livro que enfeixava cem sonetos célebres do Brasil. Grácio, estudante pobre, não podendo comprar o livro, mas, vendo, no seu índice, o célebre soneto “Velho Tema”, que há muito procurava, do poeta Vicente de Carvalho, resolveu copiá-lo ali mesmo. Revistou o bolso à procura de lápis e papel. Encontrou-os. Houve, porém, uma dificuldade: o livro era daqueles que trazem as folhas coladas lateralmente. Não desistiu. Com esforço e habilidade, afastou as páginas com os dedos, sem rompê-las, mas o bastante para permitir-lhe a leitura, e o copiou.

A ânsia do colecionador não termina aí. Em 1951, Grácio Barbalho adquiriu a sua primeira radiola, iniciando a sua famosa coleção de discos 78 porque é, talvez, a mais completa do Brasil. Raros são os discos fabricados no Brasil, entre 1927 e 1950, que não estejam devidamente catalogados na discoteca de Grácio Barbalho. E o que admira é a momentaneidade com que colhe os discos solicitados pelos visitantes. Seus dedos parecem ter memória, porque, mal vem a solicitação, o disco, num passe de mágica, vem às suas mãos e, destas, vai instantâneo ao toca-disco e à audição do espectador.

Inquestionavelmente, Grácio é hoje um dos maiores, senão o maior conhecedor da Música Popular Brasileira. Além de numerosos artigos sobre o assunto saídos em revistas, publicou excelente livro, “O Popular em 78 Rotações”, com que se apresentou, nesta Academia, à vaga do nosso Hélio Galvão.

Deixemos Grácio com as suas coleções para reencontrá-lo em Recife, no Curso de Medicina, concluído em 1940.

Convidado, instalou seu consultório médico em Santana do Matos. Todos sabem, muito mais os médicos, como era ingrato, há 40 anos passados, o exercício clínico da Medicina, principalmente no interior de um Estado pobre como o nosso, onde os recursos médicos eram extremamente limitados; onde as populações, em sua maioria, ignoravam as dificuldades enfrentadas pelo médico, o consultório geralmente desaparelhado; onde não havia serviços hospitalares, nem mesmo ambulatórios emergenciais; onde, nas farmácias, quando elas existiam, escasseavam os medicamentos; onde, sempre ou quase sempre, faltavam enfermeiros; onde, de outro lado, sobrava a ignorância.

Todo esse amontoado de deficiências deve ter influído sobre o médico clínico Grácio Barbalho, fazendo que ele, num relance, escolheesse, dentro da sua profissão, o silêncio e a solidão de um laboratório de análises clínicas, ainda com a vantagem de falar pouco, fato que já era o seu forte. No laboratório, Grácio não se arriscaria a ver a morte de perto e só diagnosticaria a doença fora do corpo. Sois, Grácio, no silêncio do vosso laboratório, um vigia da saúde contra o assalto da doença e a investida da morte, porque é de vós, da vossa percepção, do vosso conhecimento, do vosso tirocínio, da vossa experiência, que partem os sinais de alerta, levando ao clínico geral, ao especialista, ao cirurgião, a certeza do diagnóstico ou as informações que a ele conduzam, visando ao desempenho da Terapêutica. Em suma, Grácio, sois a providência a serviço da providência.

Depois de situar o nosso recipiendário como médico, laboratorista, colecionador e pesquisador da Música Popular Brasileira, observemos agora uma característica inconfundível da personalidade de Grácio Barbalho: o seu propalado mutismo.

Grácio Barbalho é conhecido e reconhecido como aquele que fala pouco.

Ele próprio atribui esse conceito a dois episódios: um deles, ao boato que Filgueira Filho, de saudosíssima memória, espalhou por toda a cidade que Grácio era seu amigo íntimo porque, quando os dois se encontravam, Grácio exclamava: "Oh!". O outro ocorreu quando, certa vez, viajando de Natal para Santana do Matos, em companhia de Manuel Vilaça, este inventou e espalhou, entre colegas e amigos, que Grácio, durante toda a viagem, só falou em céu e chuva, sendo constantes e repetidas frases como estas: "O céu está nublado". "Parece que vai chover". "O tempo está se fechando". "Tudo indica que vamos ter um bom inverno".

E Grácio sentenciou: "A coisa pegou". Essa característica de caladão", diz ele, "corre por toda parte". "Quanto mais eu falo, mais dizem que eu não falo". Grácio não se ressentido. Acostumado à sua discoteca, onde ouve sempre e pouco fala, e ao seu laboratório, onde não fala, mas apenas vê, habituou-se, entre os amigos e colegas, a ver e ouvir mais do que falar.

A palavra, pensamos nós, nem sempre indica o saber de quem fala: há os que muito falam e sabem pouco; há os que falam pouco e muito sabem. São muito os pensadores que avaliaram o silêncio como valor maior de conduta, e, aqui, citaremos alguns:

“Muitas vezes”, afirma Simônide, “nos arrependemos de ter falado, mas nunca de ter calado”.

O Marquês de Maricá sentencia: “O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe e aprende o que ignora”.

“O silêncio”, diz Figueiredo, “é o pudor das almas sábias e prudentes: dentro dele cabe tudo o que é grande: o amor que não se exterioriza, o sonho de beleza que não se atinge, a cultura da rosa mística oculta no fundo do coração”.

Grácio, falando pouco, venceu em todas as atividades a que se dedicou, porque pôs, em cada uma delas, o seu coração. O cérebro, fonte da palavra, ninguém o nega, aponta os caminhos, mas é o coração que, sem interferir no mecanismo vocabular, dirige os passos, trabalha as mãos, move os entusiasmos, produz o êxito.

Não é o falar muito que mede o valor de quem ingressa em uma Academia de Letras.

Lembrariamos aqui uma antiga Academia Persa, cujo estatuto sentenciava os seus acadêmicos a “pensar muito, escrever pouco e falar o menos possível”.

Muitos eram os que nela desejavam ingressar. Certo dia, apareceu um candidato, o Dr. Zeb, autor de um único livro. Os predicados exigidos, ele os tinha: pensava muito, escrevia pouco, falava o menos possível. Chegou tarde. A única vaga havia sido preenchida. O Presidente que, na oportunidade, estava reunido com vários acadêmicos, considerando o reconhecido valor do Dr. Zeb, e em estrita obediência estatutária, sem dizer nada, apresentou ao candidato uma taça cheia d'água, querendo significar que não havia mais vaga. Zeb não se perturbou. Dirigiu-se a um vaso cheio de flores, que havia perto, cortou uma pétala de rosa e, também sem dizer palavras, colocou a pétala sobre a superfície da água que enchia a taça e, com tanta precaução o fez que a pétala não causou qualquer extravasamento.

Compreendendo o gesto mudo, mas eloqüente, todos os presentes, sem pronunciarem quaisquer palavras, aplaudiram com prolongadas palmas, aceitando Zeb por aclamação.

O livro que Grácio nos trouxe, "O Popular em 78 Rotações", fixou a sua dimensão nos conhecimentos da Música Popular Brasileira, aquela música que estereotipa a alma do povo brasileiro, aquela música que aprova ou repudia, aplaude ou protesta, enaltece ou deprecia, sem sair, é bom que se diga, daquele humor característico e bem brasileiro. O livro de Grácio Barbalho é um documento vivo de uma época, é o registro fiel do sentimento de um povo.

Sr. Presidente,  
Senhores Acadêmicos,  
Excelentíssimas Autoridades,  
Meus Senhores, minhas Senhoras:

Tem-se observado que, no Brasil, entre os profissionais liberais, o médico é um dos que mais têm procurado ingressar nas Academias de Letras.

No Rio Grande do Norte, essa estatística falha, sinal de que a nossa Academia goza de perfeita saúde. Se fôssemos contar os médicos que aqui ingressaram, talvez não chegássemos a seis. Na Academia Brasileira de Letras, entretanto, o número de médicos que têm ingressado em seus quadros é bem maior.

Humberto de Campos, em seu livro "Um Sonho de Pobre", publicou uma crônica deliciosa a respeito, sob o título "Uma Visita a São Pedro". Por sua originalidade e excelente humorismo, nós a transcrevemos aqui, na oportunidade em que um médico ingressa em nossa Academia.

Escreve o grande cronista maranhense:

"No dia de São João, cerca de cinco horas da tarde, achava-me eu mergulhado em triste meditação a uma das janelas do arranha-céu em que moro, quando ouvi um ruído de papel de seda machucado que vinha do alto. Ergui os olhos e vi, bailando a poucos metros acima de mim, um balão verde, azul e amarelo, e que, apagado e murcho, descia lentamente, dobrando-se sobre si mesmo. Bateu no fio do telefone e deteve-se. E tão perto de mim que, erguendo a bengala em que me arrimo, consegui pescá-lo, trazendo-o para dentro da sala.

O que nos vem do Céu dá-nos sempre a doce impressão de coisa boa. Mesmo quando se trata de um balão encolhido e amassado. O que desce do firmamento é Deus quem manda. E era com esse pensamento que passava em revista os gomos de papel cortados em losango e ligados uns aos outros, quando, no lugar em que devia ter funcionado a bucha, meus dedos tateantes encontraram, preso por um fio estreito, um pedaço de papel, dobrado em quatro, como os bilhetes de namoro. Desdobrei o papel e vi que se tratava, realmente, de um bilhete, escrito à máquina, e que dizia simplesmente isto: “No dia em que apanhares este balão, deita-te antes da hora do costume. Dorme, sonha e, no teu sonho, vem até cá”.

E, por baixo, a assinatura:  
“Pedro”.

O conselho era convidativo e original. Não trazia endereço, é verdade. Mas devia ser para mim. Eu sou um sujeito excessivamente modesto. Se, ao amanhecer, encontrasse, na minha correspondência, um envelope sem sobrescrito, mas com o timbre do Catete, convidando para escolher uma das pastas ministeriais, na recomposição do Governo, eu iria, pé ante pé, metê-lo por baixo da porta do apartamento vizinho. Mas, em se tratando de comunicação com o Paraíso, eu me sinto perfeitamente à vontade. Eu tenho sofrido tanto nestes últimos cinco anos, que os santos, os mártires e os bem-aventurados me tratam como camarada. Quando, todos os dias, começo, aqui embaixo, a fazer os curativos que a cirurgia dos homens me impõe, São Sebastião, lá em cima, tapa os ouvidos e os olhos, achando que as suas setas, comparadas às minhas, são café pequeno. Daí a naturalidade com que li o bilhete, e a displicência com que exclamei:

— É para mim mesmo. . .

— Com essa convicção, deitei-me, naquela noite, pouco depois das onze horas. Deitei-me e, para facilitar a viagem, tomei uma pastilha de bromural. Os santos, quando prometem o sono à gente, fazem o milagre. Mas sempre é conveniente facilitar o milagre com um pouco de narcótico. E eis por que adormeci imediatamente e sonhei, e no meu sonho, fui ter, naquela noite, aos caminhos e às portas do Céu.

Pessoas que assistiram a algumas das duzentas e tantas representações da comédia "Amor", de Oduvaldo Viana, contaram-me que São Pedro aparece ali, no seu escritório do Paraíso, trajando terno cinzento, sapatos amarelos e lenço empinando a ponta fora do bolso pequeno. Oduvaldo andou, evidentemente, pelo Céu, antes de mim. Pois foi com essa roupa, exatamente, que encontrei o chaveiro, quando me veio receber à porta, na noite de São João.

— Olá! Recebeu o meu bilheteinho? — disse-me, puxando-me para o interior e deixando a porta encostada.

— Recebi, recebi... — confirmei. E aqui estou às suas ordens.

Sentamo-nos, os dois, em dois pedaços de estrela, que faziam parte do mobiliário do escritório.

— Você quer chá ou café? — consultou-me, enquanto acomodava uns papéis sobre a mesa.

— Café.

O santo bateu, duas ou três vezes, com a palma da mão sobre um tímpano. Um anjo entrou, vestido de azul, os cabelos frisados, um laço de fita em cada asa.

— Diga a São Paulo que mande café... — recomendou o santo.

— Quem fornece café aqui é São Paulo? — indaguei.

— É. Ele fornece lá na Terra e aqui.

E após um instante:

— Mandei aquele bilhete a Você para me distrair um pouco... Você não imagina o que é a monotonia da vida aqui no Céu! Calcule que, às vezes, se passam semanas sem que apareça por aqui uma alma!...

— Então, não vêm mais almas para o Céu?

— Qual nada! Lá uma ou outra... De modo que eu resolvi abandonar isto, aposentar-me e voltar para a Terra.

— Para a Terra, meu Santo? E isto aqui?

— Isto aqui está liquidado. E de tal forma que o Senhor já deliberou, por proposta minha, transformar o Paraíso em simples dependência do Purgatório. Eu me aposentarei e virá, como chefe de secção para cá, um bem-aventurado qualquer... Os anjos vão ser todos dispensados...

— Ah! E que serviço lhe posso prestar nessa emergência? Algum préstimo que eu possa ter, está à sua disposição,

, E é isso o que eu desejo. Desempregado aqui, pre-  
tendo ir, como lhe disse, para a Terra. E quero que você me  
arranje, por lá, uma colocação... Causa modesta, para  
principiar... Trezentos ou quatrocentos mil réis...

Refleti um pouco. Lembrei-me dos amigos a que po-  
deria recorrer. Bati na testa:

— Ah! Uma idéia!

— Qual?

— A Academia!

— A Academia Brasileira de Letras? Ah, esta, não!

— São quatrocentos mil réis por mês, meu santo!

— Eu sei, eu sei... Mas eu não lhe estou dizendo que  
desejo viver na Terra?

— E a Academia não é na Terra?

→ A Academia é, mas você não está vendo que os aca-  
dêmicos estão passando todos para o lado *de cá*? E é isso  
que eu não quero. Para ir e voltar, não me convém. Depois,  
esse negócio de Academia é com o Lucas.

— Com São Lucas?

— Sim: ele é que é médico. E, se não me engano, é  
preciso ser médico para fazer parte da Academia. Não é  
não?

— Não, Senhor.

— Pois olhe, eu supus que fosse...

— Uma alma que subiu do Rio de Janeiro, outro dia,  
contou-me que todos os médicos do Brasil são candidatos à  
Academia de Letras.

— Mentira dessa alma! Há alguns que não são.

— E se eu for candidato, serei eleito?

— Meu santo, isso é que eu não sei... Ai é que é  
preciso um milagrezinho.

— Milagre?

— E então! Ali é como no Céu antigamente: só se  
entra quando Deus puxa.

— Mas, com o seu voto eu conto... Posso ou não po-  
so contar?

Fiquei vermelho e atrapalhado. Aqui na Terra, lugar  
de pecado, eu minto com enorme desembaraço. No Céu,  
porém, sentia constrangimento.

— Fale, meu filho. Seja franco!

Desembuchei:

— Meu Santo, eu o queria lá na Terra, a meu lado, com o seu vistoso fardão acadêmico. Mas tenha paciência e diga-me uma coisa: Deus Nosso Senhor não será candidato?

São Pedro pôs a mão no queixo.

— Espere aí que eu vou perguntar, disse, desaparecendo por trás de uma porta de ouro, vedada por um reposteiro de nuvens.

— Ao cabo de alguns instantes, regressou. Vinha calmo e triste.

— Filho, vá embora... Desça para a Terra...

— Mas, meu Santo, e a resposta? O Senhor é ou não é candidato?

Não, não sou. Nem o serei. O Senhor está indignadíssimo com a Academia. E empurrando-me para a porta:

— Diz Ele que, em acadêmico, não há que fiar, pois vocês, quando prometem o voto a Deus...

—?...

— No dia da eleição, votam todos no Diabo...

Quis repelir o insulto. Mas já estava acordado".

Reproduzindo essa crônica, não nos moveu qualquer crítica à classe médica, pela qual temos profundo respeito e admiração. A Medicina é um sacerdócio e se, às vezes, há erros diagnósticos, resultam eles das limitações humanas do médico diante do ilimitado domínio da Medicina.

Reforçando esse ponto de vista, lembraríamos aqui um episódio que lemos, há muitos anos, e que nos ficou na memória, de um médico, moço ainda, que, após a extração do rim tuberculoso, já sem função, de uma jovem, empalideceu quando, abrindo o rim extraído, julgou-o perfeito, levando-o à suposição de que, inadvertidamente, extraíra o rim do outro lado, que era são.

Foi para a sua residência como um louco, na espera ansiosa do que poderia acontecer nas primeiras 24 horas. Durante toda a noite, não conseguira dormir um minuto sequer, telefonando de meia em meia hora para o hospital, solicitando informações a respeito da operada. Somente às dez horas da manhã seguinte, o telefone tocou. Sobressaltado, tomou um revólver, certo de que iam comunicar-lhe a morte da paciente. A operada estava salva, disseram-lhe; o rim não operado estava funcionando. O médico foi então ao espelho para barbear-se, e, surpreso, viu que a maior parte

dos seus cabelos haviam ficado brancos, no período de uma noite. Dirigiu-se ao hospital, mandou fazer o exame bacteriológico do rim extraído. O exame positivou a lesão. Ele não se enganara na operação.

Como se vê, a situação do médico, mormente do cirurgião, é, em determinados aspectos, apreensiva e difícil.

Grácio Barbalho, a nosso ver, foi inspirado quando, dentro da Medicina, um universo de caminhos diante de si, temperamento fechado, mas sensibilidade emergente, escolheu a solidão de um laboratório de análises clínicas, onde, sem ver o paciente, pudesse conduzir o clínico ou o cirurgião a um diagnóstico provável ou certo.

Prezado Grácio:

Não trazeis para aqui as mãos vazias e o peito descoberto. Vinde de muito longe, trazendo, dos caminhos andados, os troféus de muitas conquistas, os prêmios de renhidos combates, as condecorações de vitórias indiscutíveis.

Não é em vão que hoje vos colocais entre os primeiros do Brasil, no conhecimento da Música Popular Brasileira.

Não foi inútil o prestígio que alcançastes na vossa especialidade médica e dentro do Magistério Superior.

Não será decerto ausente o vosso esforço para dignificar a cadeira que, nesta noite, ocupais, exercendo a vossa inteligência e impulsionando o vosso esforço em prol do engrandecimento da nossa maior Casa de cultura e de inteligência.

Vencestes em todas as atividades que tentastes, porque pusestes, em cada uma delas, o vosso coração. O cérebro, ninguém o nega, aponta os caminhos, mas é o coração que dirige os passos, trabalha as mãos, move os entusiasmos, produz o êxito.

Aqui estamos, menos para saudar-vos e, muito mais, para integrar-nos na vossa alegria e na vossa emoção, que, nesta noite, passam, também, a ser nossas.

A barreira do tempo, que nos separou tantos anos pela diversificação dos nossos rumos profissionais, agora se desmorona, possibilitando este reencontro entre dois conviventes de um passado memorável.

Sede bem-vindo, Acadêmico Grácio Barbalho, ao nosso convívio, nesta Casa chamada dos imortais, onde os homens morrem, mas não morrem as suas idéias no tempo e na memória dos que vão chegando, graças à sucessividade das exigidas substituições.

Esta Casa, agora, é também vossa; vossa é também esta noite de incontidas emoções.

Asseguramos a vossa presença entre nós pelo sufrágio unânime do reconhecimento aos vossos méritos.

Aqui chegastes pelo vosso valor inquestionável, porque legítimo.

Nossos parabéns.

**SAUDAÇÃO DE DIÓGENES DA CUNHA LIMA AO  
ACADÊMICO DORIAN GRAY, EM 26 DE SETEMBRO DE  
1986.**

Permitam-me, senhoras e senhores, misturar as tintas para matizar esta noite de azul. Falo sobre e ao lado de quem vive a arte como ofício.

Os serviços são ofícios, humildes ou nobres, mas ofícios. Cada vez mais a ciência e a tecnologia são apropriadas, e são ofícios. Mas a arte, pura, inteligente e até mesmo erudita, em nosso meio, resiste em ser lazer, entretenimento hora do nada-mais-importante-a-fazer. A arte é ofício nobre quando vivida com intensidade e ternura como acontece com Dorian Gray. Dorian Gray Caldas teve Eloi como pai, cedo perdido, e a quem diria em poema:

Teu filho aprende  
o difícil ofício  
dos adultos.

Foi difícil, mas aprendeu. É adulto no viver da arte e na arte de viver. O nome da mãe, Ninfa, já lhe testemunha a destinação poética. Entra na Academia quando faz o Jubileu de Prata da sua poesia publicada. O livro é Os Instrumentos do Sonho, 1961. Faz também poesia plástica em tapetes, é pintor, escultor, ceramista e gravador. Todos os dias Dorian inova, cria, recria, produz beleza porque este é o seu ofício.

Não posso ver Dorian sem me lembrar de azuis e de marinhas. O mar e o azul estão nas suas retinas, nos esconderijos do seu cérebro e são despertados e conquistados pelo movimento de suas mãos hábeis. Quando menino, já poderia dizer à maneira do poeta espanhol Miguel Hernandez

“Conquistarei o mar. . .”

As marinhas do nosso escritor são o mar domado, conquistado pela sedução da beleza calma:

“Uma calma  
que o mar põe nos olhos  
dos velhos marujos.”

A teoria literária sempre tem aliado a poesia à música, ao canto, à dança. O ritmo como origem, a poesia deve ser música, som e audição. Esta é a corrente maior, mais forte, dominadora da maioria. Miguel de Unamuno elevou a tese proposta de que a poesia é arquitetura, construção. Tridimensional. No Brasil, o grande doutrinador é João Cabral de Melo Neto, poeta seguidor deste liame, de construção. Para mim, Dorian Gray não aliou a sua poesia à música e nem à construção, mas à pintura, sombra e luz, terceira dimensão apenas como perspectiva. Nosso mestre, Acadêmico Américo de Oliveira Costa, já notara:

“Há como que uma corrente de vinculações e identificações, uma espécie de simbiose, um sistema de vasos comunicantes, entre o verso e o desenho, que os fizeram completar-se, naturalmente, como as faces de um díptico.”

E Pedro Simões:

“Uma poesia plástica. Como conseguisse transpor para a palavra escrita o preto-e-branco do desenho, negando-se a denunciar o grande colorista que navega as marinhas azuis. . .”

Até quando ele descobre um adjetivo para a palavra “canto” não é na música que ele vai buscar “claro” e o poeta diz: “Canto um canto claro”. E depois “deponho um canto antigo no azul.”

O poeta vê também “azul nas pontes desoladas” e “azul em mim entardecido”. Até a condição maior de existir é apresentada como “os claros e escuros da vida.”

O sempre surpreendente e homem bíblico, Acadêmico Sanderson Negreiros (que é também Deodato, dado por Deus), anotou:

“Pintor de marinhas, é um dos que melhor neste País, souberam ver, transfigurar, rever e modificar o grande mar-nordestino e do mundo —, que espreita, como cão dormindo no horizonte, o sentimento que nos faz adivinhar o mistério e consumi-lo como garantia de sobrevivência, a que nos deverá ligar à vida que virá depois da morte.”

E o seu colega também no sentido marinho, Acadêmico Newton Navarro pontificou:

“Quantas vezes diante do mar o seu pincel descobre matizes que facilmente outro pintor não descobriria! Pinta e o mar passa inteiro para as suas telas.”

Dorian, homem da terra, natalense profissional, tem mercado garantido **fora daqui**. Os seus trabalhos podem ser encontrados no Banco do Brasil em Brasília, ou na sua agência de Zurique, Suíça. Um Engenho do Ceará-Mirim foi transportado à coleção da Casa Branca. Imaginem a emoção que tive ao deparar-me com a tapeçaria de Dorian Gray no Ministério de Ciência e Tecnologia de Bonn, na Alemanha. Ou que teria um natalense ao visitar o Banco Interamericano de Desenvolvimento em Washington. Suas obras já foram adquiridas para vários Museus.

Estamos recebendo o escritor, o poeta autor de Padre **Miguelinho: Vida e Morte**, nosso herói principal e mártir, revalorizado pelos desenhos e pinturas de Dorian.

O seu livro **Poemas para Natal em Festa** são exaltações da nossa terra e gente, com maestria e domínio do verso.

**Lendas do Rio Grande do Norte** são mais do que as nossas lendas. São também os mitos, enriquecidos pela força poética.

**Canto Memória** é livro de força e solidão, paisagens, homens e lembranças, dignas de serem reinventadas, pelo nosso artista.

Senhores Acadêmicos,

Seja-me permitido, como o homem é o mesmo, que eu me repita em linguagem de 1964:

Sua arte surge: poemas, tapetes, pinturas a óleo, gravuras, esculturas, bicos de pena. Todos poemas. São o instrumento de sua comunicação com o público cada vez maior. Personalidade, gente de bom gosto, artistas, colecionadores, daqui e do estrangeiro, incluem Dorian Gray na sua riqueza. Muitos não conseguem comprar os trabalhos de Dorian Gray. Ainda que ele seja disciplinado, infatigável.

Dorian Gray reabilitou, revalorizou o nome famoso. Que não é pseudônimo. Outros ainda lhe farão por Retrato. Verdadeiro, viril, criador, que engrandece a nossa cidade.

Dorian, meu querido, seja bem-vindo ao convívio desta Academia criada por um sábio — Luís da Câmara Cascudo. Tenha forte participação nos trabalhos acadêmicos. Esta noite está mais colorida de azul pela sua emoção. Esta casa estará mais azul, também no sentido popular da palavra. **Feliz.**

(Saudação de Diógenes da Cunha Lima ao Acadêmico Dorian Gray, em 26 de setembro de 1986).

## PEREGRINO JÚNIOR, UM HUMANISTA

Dorian Gray Caldas

Meus senhores,

É para mim motivo de orgulho tentar traçar o perfil daquele que foi Peregrino Júnior, nas letras, na ciência, no cenário da cultura nacional. Inteligência polimorfa, grande contista, jornalista atuante, médico notável, ensaísta, pensador, homem de ciência, escritor. Perspicaz e profundo em todas as modalidades dos seus estudos. Ora se interessando pelos problemas da poesia, da arte, do escritor brasileiro, da biotipologia nas artes, na literatura, ora defendendo em festivais e conclaves, dentro e fora do País, os assuntos da cultura e do ensino nas universidades brasileiras. Dessa amálgama de contrastes, dessa energia de valores, haveria de se impor a figura ímpar e singular de Peregrino Júnior. Escritor, *causeur*, diplomata, humanista. Quase todas as áreas do conhecimento humano lá estavam implícitas em sua obra, sua visão humana e científica, sua verdade interior. E o fez com probidade e alto senso de responsabilidade. Daí a minha difícil incumbência de tentar neste discurso abordar (mesmo que o faça com o mais absoluto desprendimento) os diversos aspectos da obra desse escritor polivalente, que já foi estudado e pesquisado por críticos da envergadura de um Ivan Cavalcanti Proença, Armindo Pereira, Austregésilo de Athayde e tantos outros de renomada competência. Quis o destino que fosse eu a traçar-lhe o perfil ao tomar posse na cadeira n. 9, anteriormente ocupada por tão ilustre acadêmico, embora o faça com humildade e paciente reflexão, pon-do à prova as minhas limitações e procurando sobrepor-me a elas.

A estima que tenho pela família de Peregrino Júnior, que há longos anos conheço e admiro, cujos vínculos de uma

forte amizade me prendem desde os primeiros contatos com Umberto Peregrino, irmão do homenageado nesta noite, melhormente me leva a exaltar o autor de **Pussanga**, o livro extraordinário de contos abordando a temática amazonense.

Digo mais uma vez: estou gratificado e orgulhoso pelo honroso encargo, e nesta oportunidade quero também homenagear o Dr. Onofre Lopes da Silva, presente espiritualmente nesta Casa, que tantas vezes e por tantos anos presidiu com raro brilho, senso de justiça e competência; esta Casa dos seus amigos aqui presentes, onde, numa continuidade afetiva, nos elevamos na convivência humana.

Em prosseguimento, peço desculpas aos distintos acadêmicos pela informalidade que darei a este início do discurso, mas não resisto ao inusitado registro que João Condé faz de Peregrino Júnior, espécie de Flash/ficha catalográfica, que passo a transcrever:

Nome: João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior

Nasceu em 1898 na cidade de Natal

Casado, tem 4 filhas

Altura, 1,82

Sapato n. 40

Olhos verdes

Colarinho n. 38, mas tem o "pescoço forte", na classificação do poeta Manuel Bandeira.

Cabeleira curta e meio grisalha, mas suficiente.

É de formação católica.

Só vai a missas de 7.º dia e de ação de graças.

Diz que deixou de ir a missa por causa dos sermões dos padres.

Gosta muito dos seus vizinhos.

Dorme cedo e acorda de madrugada

Seu prato predileto: feijoada brasileira.

Nunca jogou e detesta o jogo.

Nunca fumou e tem horror ao fumo.

Sua fruta predileta: guajiru.

Se pudesse recomeçar a vida, faria o contrário de tudo o que fez até hoje.

Bebe com prazer mas com prudência e moderação

Não gosta de bichos.

É médico.

Acredita em vitaminas.

Romancistas brasileiros de sua predileção: José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Cyro dos Anjos e Jorge Amado.

Poetas brasileiros de sua predileção: Manoel Bandeira, Carlos Drummond, Ribeiro Couto, Olegário Mariano,

Augusto Frederico Schmidt e Ademar Tavares

É fatalista.

Teme as doenças humilhantes e longas.

Tem muita preguiça de fazer visitas, mas, quando faz, gosta.

Pintores brasileiros de sua admiração: Portinari, Pancetti e Guignard.

Gosta de música, mas não é ouvinte assíduo.

Seus compositores preferidos: Mozart, Beethoven, Bach e

Vila Lobos.

Detesta música norte-americana.

Gosta de viajar de avião e não tem nenhum medo.

Publicou o seu primeiro livro (Vida Fútil) em 1923.

Dos seus livros publicados prefere: "Doença e Constituição de Machado de Assis".

Já fez versos, poucos e ruins.

Sua leitura predileta: ensaios, romances e medicina.

Acha que a sua carreira literária tem atrapalhado, às vezes, a sua carreira de médico.

Seu primeiro emprego público: escrevente da Central do Brasil, por concurso, ganhando Cr\$ 350.00.

Já gostou de futebol, tendo até jogado.

Só escreve a mão.

Ocupa a cadeira n. 18 da Academia Brasileira de Letras, de que é Patrono João Francisco Lisboa. (Fato curioso: é a Cadeira que já teve maior número de ocupantes).

O primeiro livro que leu: "Germinal" de Zola (12 anos).

O romance que mais o impressionou: "Crime e Castigo".

Raramente responde a cartas.

Sua maior emoção literária: ver um artigo transcrito no jornal

“A República”, de sua terra .

Gostaria de pintar

Ainda brinca com as filhas .

Considera-se um hóspede inútil em sua casa; não liga nem o rádio .

Só toma banho frio e, como médico, oferece essa receita de graça aos seus amigos e leitores .

Almoça diariamente na A. B. I. e, às segundas-feiras, com o grupo que intitulou: “Peregrinos” .

Não é supersticioso: Janta todos os dias 13 com um grupo de amigos .

O problema da morte não o preocupa .

## **AS REALIZAÇÕES, OS FESTIVAIS, AS CONDECORAÇÕES, A CONVIVÊNCIA HUMANA.**

O espírito de convivência foi uma das maiores virtudes de Peregrino Júnior. Em torno dele, numa constante e recíproca cordialidade, reuniam-se sempre os amigos, para discutir problemas, traçar metas, criar condições, executar programas em prol da cultura brasileira. São famosas as reuniões do dia 13 de cada mês. No dizer de R. Magalhães o Clube dos 13, que foi fundado por Ribeiro Couto, teve em Peregrino Júnior seu assíduo e prestimoso incentivador, contando com nomes de projeção a exemplo de Manuel Bandeira, Rodrigo Otávio, o próprio R. Magalhães Júnior e tantos outros. Registrem-se também os famosos almoços na ABI, onde a figura polivalente de Peregrino Júnior emprestava àquelas reuniões calor humano, numa fraterna convivência de elevados propósitos, reveladores de sua capacidade de conviver. São dele algumas iniciativas que culminaram em realizações culturais que todo o Brasil conhece.

Destacamos o Festival do Escritor Brasileiro, que Peregrino Júnior realizava com absoluto êxito. Nós, aqui do Rio Grande do Norte, estivemos presente ao IV Festival, atendendo ao seu convite, nos idos de 1963, sendo governador do Estado o atual Ministro Aluizio Alves, tendo à frente da nossa delegação o escritor Rômulo Wanderley. Nesta ocasião, Valdemar Cavalcanti, na sua coluna "Jornal Literário", escrevia: "mais de 300 (trezentos) escritores se inscreveram e estarão amanhã, nos seus Stands no Museu de Arte Moderna, ao lado de figuras de projeção no mundo artístico, político e social pondo dedicatória em seus livros, para amigos e admiradores". Era o IV FESTIVAL DO ESCRITOR BRASILEIRO promovido pela U. B. E., tendo à frente Peregrino Júnior, plenamente vitorioso.

Criou ainda Peregrino Júnior o **Grupo dos Peregrinos**, que todas as segundas-feiras se reunia no restaurante da ABI, entidade da qual Peregrino Júnior foi presidente por duas vezes.

Infatigável trabalhador (e se dizia preguiçoso), nos legou pela sua ação uma extensa e quase impossível enumeração de realizações no campo das atividades científicas e culturais.

Quando de sua posse na Academia Brasileira de Letras, onde ele também chegou a ser presidente, foi saudado pelo poeta e acadêmico Manuel Bandeira. Na Academia Norteriograndense de Letras, quando de sua posse, foi saudado pelo saudoso Dr. Paulo Viveiros.

Recebeu Peregrino Júnior, pela sua ação e pelos seus méritos, condecorações e diplomas, notadamente do Chile, da Bolívia, do Equador, Portugal, Noruega, Síria, Finlândia, American International Academy, Mérito Naval, Aeronáutico, Mérito Médico, no Brasil, e muitos outros mais.

Peregrino Júnior distingue-se não só pelas suas realizações, como pelas novas diretrizes que soube imprimir à sua atividade sempre renovadora.

## O E N S A I S T A

Peregrino Júnior nos legou diversos ensaios, desde estudos sobre o folclore brasileiro aos temas sobre arte, poesia e universidade. E ainda trabalhos sobre sua especialidade médica: a Endocrinologia.

De um ensaio seu sobre o Bumba-meu-boi de Óbidos e Santarém de Belém do Pará, que conheceu melhor que os do Rio Grande do Norte, que no dizer de Luís da Câmara Cascudo é "divertimento centralizador das preferências populares", Peregrino afirma que "os figurantes são os mesmos na linha de prioridades". A verdade é que o auto do Bumba-meu-boi é uma das mais legítimas tradições do nosso folclore, tendo atraído estudiosos de todos os quadrantes. Mário de Andrade estudou e levantou diversos aspectos do nosso auto, comparando-o a outras variantes brasileiras e universais. No en-

saio sobre este assunto, Peregrino Júnior, mesmo reconhecendo a aculturação do auto português às características locais, ressalta que ele “continua sendo o mesmo em sua tessitura dramática”.

Outro ensaio do mestre de Pussanga — Natal na Amazônia —, recorda o escritor o natal do caboclo que “vive largado e só na barranca dos grandes rios paludiais”. Serve o tema a Peregrino Júnior, para falar na sua terra Natal, acentuando que: “parece até a Nau Catarinista de seu Miguel Leandro”. A presença das festas natalinas volta na noite da memória, e o telúrico e o menino se confundem com “as sombras da mata, com os duendes da floresta”. Pág. Seleta, 111. Ivan Cavalcanti Prcença. Ed. José Olympio e INL.

Peregrino Júnior tinha uma capacidade extraordinária de transmitir conceitos e formar opiniões. Nos legou estudos sobre as mais variadas modalidades do pensamento e se notabilizou entre os jovens, promovendo conferências, excursionando, escrevendo sobre eles, discutindo seus problemas, na universidade, na vida literária, numa atividade sempre marcante. Dele os ensaios sobre “O Tempo Interior na Poesia Brasileira”, as conferências e depoimentos sobre o Movimento Modernista, os ensaios abordando a “Origem e Evolução do Simbolismo”, a “Poesia e a Prosa de Ronald de Carvalho” ou ainda sobre José Lins do Rego ou ainda sobre a Amazônia, seu tema inesgotável.

O escritor admirável que ele era nos legou obra de interpretação abrangente, sabendo transmitir principalmente nos seus contatos com os jovens universitários, um profundo conhecimento dos problemas das universidades brasileiras. De fala amável, elegante e culto, receptivo e generoso, atraía para si todas as atenções. Solícito e observador, ganhava sempre o conferencista maiores alturas, na discussão dos assuntos da cultura em todas as suas dimensões.

A sua perda física lamentada por todos os segmentos da cultura nacional e sentida mais de perto pelos amigos e discípulos, deixa um enorme e irreparável vazio, principalmente para aqueles que se acostumaram a ouvi-lo nas horas de debate ou nas horas de lazer, no restaurante da Associação Brasileira de Imprensa, nos famosos almoços de que nos fala Raul Fernandes (no seu discurso sobre o mesmo). Almoço em que reunia seus amigos numa continuidade afetiva e numa reciprocidade de atenções.

De todos os ensaios de Peregrino Júnior, o que mais me motiva é “Origem e Evolução do Simbolismo”, conferência proferida na Academia Brasileira de Letras a 26 de agosto de 1966. É uma análise do movimento simbolista, a atmosfera de uma geração febricitante, o estudo do ambiente e das condições do movimento simbolista, que teve em Mallarmé seu idealizador. Outras vozes da poesia se juntaram para aprofundar os conceitos da escola chegada ao Brasil por volta de 1893.

Sendo receptivo às sensibilidades de um Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Cruz e Souza, Alphonsus de Guimarães, Mário Pederneiras e tantos outros que viriam se juntar ao movimento, Peregrino Júnior analisa as razões do aparecimento da nova poesia, redescobrimo no tempo e no espaço os motivos que levaram os nossos poetas a absorver e viver tão intensamente aquele momento literário que teve vida breve como movimento. Revela Peregrino Júnior “que nós os brasileiros, somos por formação e temperamento, naturezas inclinadas à extroversão”. Daí o movimento ter ficado restrito a poucos adeptos mais inclinados ao ideário intimista.

Nessa análise do movimento simbolista, Peregrino Júnior registra e compara com isenção, mas não deixa de criticar (quando preciso) com a autoridade de sua vasta cultura. E chega a esclarecer muitas dúvidas que nós tínhamos da controversa escola que chegou até nós, mais pelo gênio de alguns de seus poetas do que pela sua essência estética.

Queremos, ainda, para finalizar este registro sobre o ensaísta, transcrever um depoimento de Octávio de Faria sobre “Doença e Constituição de Machado de Assis”, publicado em 1938, obra de preferência de Peregrino Júnior. Diz Octávio de Faria: “bem merecia, aliás, Peregrino Júnior, esse tardio reconhecimento, essa consagração. Não digo que seu livro, na época em que foi publicado pela José Olympio, tenha passado despercebido ou tenha sido friamente recebido. Apenas não teve a acolhida que merecia. Foi preciso que os anos passassem e muita água corresse sobre o assunto, o “delicado assunto”, para que se verificasse quanto Peregrino Júnior fora hábil, comedido e exato, rigoroso e honesto em suas apreciações”.

Registramos ainda alguns dos seus trabalhos críticos: **Testamento de uma Geração**, 1944. **O Tempo Interior na Poesia Brasileira**, 1946. **Origem e Evolução do Simbolismo**, 1955. **Biografia de João Francisco Lisboa**, 1957. **Panorama Cultural da Amazônia**, 1960.



## O MÉDICO, O PROFESSOR, A UNIVERSIDADE

Formou-se Peregrino Júnior no ano de 1929 pela Faculdade Nacional de Medicina — UB, no Rio de Janeiro, em turma de 374 médicos. Em 1939 criou o Serviço de Endocrinologia Clínica do País, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro. De 1937 a 1939 chefiou o Departamento Hospitalar do IPASE. Professor de Clínica Médica, membro do Conselho Universitário, membro da Academia Nacional de Medicina e outras entidades médicas do País. Em 1940, Peregrino Júnior é nomeado para catedrático de Biometria da Universidade do Brasil. Nesta oportunidade recebeu dos amigos uma extraordinária consagração. Registramos alguns pronunciamentos e depoimentos sobre Peregrino Júnior, proferidos no Salão Nobre do Automóvel Club, salientando a sua nomeação e a sua personalidade. Falaram os seguintes oradores: Professor A. Austregésilo, em nome de seus mestres; Dr. Castro Barreto, em nome dos seus colegas; Professor Anggione Costa, em nome dos seus amigos; Ribeiro Couto, em nome dos “rapazes” do jornal; Dr. Silvio Barbosa, em nome dos alunos; Dr. Elinio Souto Lira, em nome dos seus discípulos e do Centro Potiguar. E muitos outros mais. Desses depoimentos que exaltam a figura de Peregrino Júnior principalmente no campo específico da sua atividade médica, destacamos estes depoimentos: Do Dr. Castro Barreto: “Quando Peregrino Júnior ganhou, a um só tempo, após magníficos concursos, as duas cadeiras nas Faculdades do Rio e Niterói, não fizeram as congregações senão selar unanimemente a láurea de professor que os estudantes haviam consagrado com a sinceridade instintiva dos moços”. A seguir, diz o acadêmico Ribeiro Couto: “Professor ele sempre foi. Toda sua vida é uma afirmação viril de otimismo e confiança”. Acrescenta Odílio Costa Filho: “Em primeiro lugar, o escritor e médico cresceram separa-

dos, neste espírito tão interessante. Nos seus contos é certo que sempre se morre; mas quase nunca de doença, sim de morte matada”.

Estava naquele momento Peregrino Júnior recebendo as homenagens justas pelos seus relevantes préstimos à causa da medicina e da ciência.

Quando Peregrino Júnior nos fala de sua missão de médico e professor, diz “ser nessessário desencadear na mocidade universitária o gosto pelos problemas da cultura e o interesse pela pesquisa científica”. E continua; “Sendo a universidade, por definição, o grande laboratório onde se elabora e se tempera a formação das elites nacionais, não é possível eximir o professor universitário da responsabilidade ou do encargo de preparar, no espírito e no coração dos homens de amanhã — daqueles que nos vão suceder; ou daqueles em cujas mãos vamos colocar o alto e claro destino do Brasil — o entusiasmo dos problemas da cultura da ciência e da técnica”.

Naquela época já eram registradas as preocupações de Peregrino Júnior com os problemas ainda hoje pertinentes às Universidades brasileiras, naqueles idos de 1940, em plena 2.<sup>a</sup> Grande Guerra Mundial.

No seu trabalho “**Interpretação Biotipológica das Artes Plásticas**”, edição de 1936, de uma conferência realizada na Associação de Artistas Brasileiros, Peregrino Júnior estuda as artes plásticas sob o ângulo dos temperamentos. A biotipologia é um critério normal do próprio temperamento do artista ou do escritor. Cita Zola, segundo o qual “a arte é a natureza vista através de um temperamento”. Estaria já o nosso escritor, antecipando-se à análise sobre Machado de Assis, no seu livro, “Doença e Constituição de Machado de Assis”, escrito em 1938. Além de estudar a sua biotipologia, iria aprofundar seus estudos no campo de conhecimentos específicos.

O seu trabalho a “**Interpretação Biotipológica das Artes Plásticas**”, viria, no nosso entender, reparar uma certa deformação à época da Arte Moderna, agravada pelo conceito nazista de “arte degenerada”. Embora não entrando no mérito da questão, a defesa que Peregrino Júnior faz da Arte Moderna, tem muito a ver com o problema. Seria também um julgamento de valores vistos por um prisma científico. Assinala Peregrino; “o que se operou no Brasil, de

1923 para cá, na poesia, no romance, na pintura, na escultura, não foi uma simples atitude, nem tampouco um acesso de loucura". Seria a libertação da Biotipologia de cada um. Sua libertação espiritual, "uma autonomia estética" no seu dizer, natural de um temperamento rico de imaginação ou mais de acordo com as tendências naturais de cada temperamento.

Da separata de "O HOSPITAL", novembro de 1941, Peregrino Júnior estuda os problemas do Brasil na área da medicina. Observações e idéias que ainda hoje têm perfeita consonância com os problemas atuais. Diz Peregrino: "Estudantes e professores, não podem, não devem viver em compartimentos estanques: o ensino para ser útil, tem que ser um ato permanente de comunicação humana". Comunicação esta, entendemos, que a reforma do ensino comprometeu, definitivamente. Outra separata que aborda este problema é MISSÃO DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DAS ELITES. 1955. Estuda Peregrino Júnior, nesta Aula Magna, o "Homem Brasileiro Problema Fundamental"; A "Tarefa da Universidade"; "Retrospectos das nossas Atividades". E ainda: "Posição da Universidade na Paisagem do Novo Mundo", "A Universidade no Brasil" e "Erros de Preparação".

Alude a que "Devemos ministrar aos jovens do Brasil idéias claras e estáveis sobre o mundo e sobre o homem do seu tempo". E acrescenta: "A nossa tarefa principal é preparar a juventude brasileira para a mais árdua, a mais alta e a mais grave das profissões civis: a profissão de homem. E sendo impossível, além disto ilógico, dissociar o corpo do espírito... só se pode cogitar de melhorar as condições do homem brasileiro, cuidando ao mesmo tempo de sua cultura e da sua saúde".

Este é Peregrino Júnior, o humanista, o médico o pesquisador, o cientista, o apóstolo de uma doação interior, tocada pela fé que emana do espírito.



## O JORNALISTA

Peregrino Júnior teve no jornalismo brasileiro uma atuação marcante. Atravessou toda a juventude e maturidade ligado ao jornalismo. Destacando-se também na crônica social. Esta inclinação para o jornalismo, remonta à cidade de Nova Cruz, no RN, quando Peregrino fundou a folha "O Independente", tendo, depois, na capital do Estado, colaborado na "Gazeta de Natal" ou "O Libertador", e ainda em "O Jornal da Manhã". E criou também "O Espectador". Em sua permanência na imprensa local, por escrever um artigo julgado insultuoso, Peregrino foi punido com uma suspensão que atingia seus estudos por um ano. Magoadado pela violentação que lhe feria os princípios de jovem idealista, transferiu-se, na companhia de um tio, para o Pará, onde começa a sua brilhante carreira jornalística e literária.

Escreve nos jornais do Pará, em "A Província do Pará" e na "Folha do Norte". Organiza em Belém o grupo da revista **EFEMERIS**, espécie de precursora dos ideais modernistas, no dizer de Inojosa.

Aquele mundo novo, contrastando com o seu longínquo Rio Grande do Norte, iria marcar profundamente sua sensibilidade.

Desse conflito de costumes e hábitos, crenças e mitos, Peregrino Júnior tira a sua lição de humanidade. Mesmo no Rio de Janeiro, onde se instalou definitivamente, jamais esqueceria as vertentes de sua visão da Amazônia.

Peregrino Júnior chegou ao Rio de Janeiro em 1920 com duas metas em perspectiva: fazer jornalismo e formar-se em medicina. Procurou Humberto de Campos. O escritor percebe no jovem a vocação de escritor e cronista. Apresenta-o a Cândido Campos de "A Gazeta de Notícia", redator e secretário daquele órgão noticioso. Peregrino Júnior começa a escrever a sua Crônica Social. Da **Gazeta** passa para o

jornal "A Notícia", onde escreve uma crônica com o título "Pé de Coluna". Logo depois, no Rio-Jornal, passa a assinar uma coluna com o título de "Vida Fútil", Georgino Avelino é o diretor do jornal e Azevedo Amaral e João do Rio seus co-diretores. As crônicas reunidas iriam resultar em seu livro (1923) com o mesmo título — Perguntado porque "Vida Fútil", nos responde Peregrino Júnior "apenas, talvez por uma sugestão de autocrítica, visando certos assuntos inevitavelmente fúteis". Assuntos aos quais Peregrino Júnior sabia dar a verve e o colorido próprios do seu temperamento extrovertido. Nessa coluna, além da nota social propriamente dita, fazia um comentário de um livro em evidência ou publicava um poema de preferência inédito.

O movimento modernista de 22 iria modificar ou revolucionar a vida literária da época. Reivindicaram os modernistas os Salões para divulgar suas idéias. A crônica e os comentários, as entrevistas e os depoimentos, estavam na pauta do dia. Para divulgar e prestigiar o movimento vigente seria necessário chamar a atenção de todas as correntes de opinião pública. Daí a crônica ser tão necessária ao movimento inovador.

Peregrino Júnior foi muito importante nessa fase do movimento modernista. São dele algumas entrevistas com escritores e poetas do movimento, que se tornaram conhecidas em todo o Brasil.

Os salões se multiplicavam. Salão da casa de Ronald de Carvalho, Salão da casa de Guilherme de Almeida, e outros mais, onde manifestos, réplicas e debates aconteciam num clima de grande agitação literária. São conhecidas as suas entrevistas com alguns dos maiores expoentes da época: Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Paulo Prado, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, e tantos outros. Foi numa entrevista com Aníbal Machado, que ficou célebre a frase: "nós não sabemos o que queremos, mas sabemos muito bem o que não queremos". A este tempo Peregrino Júnior já emprestava na crônica, na entrevista, na atividade jornalística, a sua contribuição inequívoca ao movimento modernista.

A sua obra escrita entre 20, 30 e 36, notadamente o ciclo do conto, reflete muito bem o espírito renovador do movimento modernista.

Sobre sua crônica social, em entrevista a Armindo Pereira, nos informa Peregrino Júnior: "A crônica social" de então, não era nada fútil, no sentido de vazia, meramente mundana, ou desprezível do ponto de vista literário, artístico". Perguntado ainda por Armindo Pereira sobre a diferença da crônica social de ontem e a coluna social de hoje, adianta Peregrino que "a diferença é a que há entre a sociedade carioca de hoje e a do meu tempo". E do ponto de vista cultural, diz Peregrino: "todos os escritores da minha época prestigiavam e valorizavam a crônica social, onde ali se exercitava a criação literária".

Em 1936, fechava-se o ciclo da crônica do grande escritor de Pussanga. Outros afazeres o impossibilitava de exercer plenamente o jornalismo atuante. Os múltiplos compromissos de médico, de conselheiro universitário e outros encargos administrativos absorvem a maior parte de seu tempo. Em 1945, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, na cadeira n.º 18, ocupada anteriormente por Pereira da Silva e sendo patrono João Francisco Lisboa. Na Academia Brasileira de Letras, por duas vezes, ocupou a presidência, em 1956 e 1957. O grande escritor regionalista recebe nesta oportunidade a láurea da imortalidade.



## O CONTISTA

O conto tem raízes que se perdem na memória do tempo. A estória oral de geração a geração contada sobre feitos, gravada em pedra, registada em afrescos, recriada pelo fabulário popular ou reescrita pelos historiadores, tem sido preservada ou reinventada através dos séculos. Da Grécia antiga, a *Iliada* e a *Odisséia*, atribuídas a Homero, nos dão notícias de viagens e feitos; dos antigos textos do velho testamento, das canções de gesta, das palavras do Alcorão, da antiguidade clássica à renascença, do registro anônimo à forma literária, o conto chegou até nós através de diversos artifícios. Os feitos e as glórias do passado foram novamente trabalhados pelo cinema, televisão, teatro, elevando-se a narrativa, a drama psicológico dos nossos dias. Peregrino Júnior se situa entre os nossos maiores regionalistas de todos os tempos. Em seus contos não faltam a visão tragicômica da vida, a fina ironia e, principalmente, a verdade humana de seus personagens. Num ambiente inóspito, adverso e conflitante, onde o homem é apenas um acidente no meio daquela "mata submersa" (título de um dos seus livros em que descreve o meio amazônico), Peregrino Júnior percebe, logo que chega a Amazônia, que violentada está sua sensibilidade, naquele mundo verde e desumano.

Se em alguns dos seus contos percebe-se o leitor dos clássicos, dos filósofos e dos pensadores e poetas, fruto de uma formação humanística bem cuidada, em outros momentos a natureza parece falar por si só, e toda a força da terra parece emergir das altas árvores da floresta do seu pensamento criador. São descrições com muita nitidez, frutos de sua convivência, interpretação do **habitat** humano. O conhecimento da flora e da fauna, a interpretação dos hábitos e da fala, a toponímia, o som dos pássaros, as ribanceiras dos rios, a geografia do verde, a visão sociológica, os

mitos e as forças obscuras da vida numa mutação constante, todo este mundo obscuro e fascinante daria ao nosso escritor material inesgotável na criação dos seus personagens pelo seu talento.

Mas o nosso escritor não ficou só no estudo desse enigmático cenário amazônico, ainda mais complexo e estranho ao tempo em que andou por lá, recolhendo subsídios para trabalhar seus contos. Foi além. Soprou como um deus mitológico no barro de suas figuras as paixões e as fraquezas, dando-lhes o mistério da vida.

A grande preocupação de Peregrino foi a Amazônia. Observa Artur César Ferreira Reis que "A Amazônia entrou nas preocupações universais, levando os estrangeiros a formularem planos para integrá-la num sistema de domínio manso, pacífico, a seus apetites e seus desígnios econômicos". (Registro do seu livro "O impacto Amazônico e o Desafio dos Trópicos").

O nosso escritor estuda ao tempo a exploração do homem pelo homem; a vida dos seringueiros; os Paraoaras vindos do nordeste, na tentativa de melhores dias e melhores salários; a vida dos regatões dos igarapés; o comércio entre brasileiros e bolivianos; a impossibilidade de vencer o desafio da mata; a morte e a vida dos seus habitantes em permanente conflito, ora com a terra ora com seus semelhantes. Mas a tudo isso, sempre um amor, uma paixão, uma cabocla ou uma mulata tipo "Feitiço" faz muito **estrupício** na vida daqueles pobres homens abandonados nos ermos das noites amazônicas, cheias de vozes e mistérios... E aí, no dizer de Peregrino, "o Brasil acabou". (acabou ou começou?) Ali é o inferno verde... Inferno de terra podre, de águas envenenadas, de espectros miseráveis e tristes".

Em seus contos, o autor revela uma técnica e uma estrutura de criação formuladas nos princípios clássicos do conto universal, com nuances que vão até as últimas linhas da narrativa. Em Pussanga, obra de mil novecentos e vinte e nove, e reeditada várias vezes, conservando as características da primeira edição, algumas soluções hoje usadas como ideogramas de composição já faziam parte da técnica de Peregrino Júnior. A propaganda do **Elixir Indígena**, grifada dentro do texto do conto, em letra de forma, seria já ao estilo de John dos Passos, o famoso autor de Paralelo 42, um corte, uma rutura ao estilo tradicionalmente conhecido.

O conto "Pussanga" começa pelo anúncio da famosa garrafada. Uma maneira inusitada para abrir a série de contos da primeira parte do livro. Usando, também, com rara felicidade textos poéticos na urdidura do tema, ou usando diálogos onde se sobressaem os conflitos psicológicos dos seus personagens, como é o caso do conto "Noturno das águas fundas", onde a professora Lindalva escrevia no seu diário uma longa lista de pensamentos contraditórios, o autor aproveita-se do tema para construir alguns dos seus símbolos da "permanência da memória", como fazia muito bem Salvador Dali na pintura. Técnica esta também aproveitada em "Maleita", espécie de conflito interior, delírio do coronel Uldarico e revelador de todo o seu drama.

Ressalte-se a contribuição sociológica, etnográfica, filológica que Peregrino Júnior, ao descrever, registra, e interpreta o linguajar local, o *modus vivendi* das populações dos igarapés, as transações comerciais entre as populações das margens dos rios; a expansão dos seringais, os regatões dos rios intercambiando mercadorias; o submundo dos nordestinos emigrados; os Paraoaras levados pela ambição do lucro, na esperança do enriquecimento certo; as recordações da Madeira-Mamoré, cortando a floresta; "o silêncio verde da floresta amazônica" a troca de produtos da região. O boliviano com seu gado, e seu queijo, e nós com a nossa borraça e a nossa castanha.

E o nome daquelas terras; Guajará-Mirim, Guajará-açu, Bananeiras, Pau Grande, e lá se vai o trem bem ao estilo do poema daquele outro grande nordestino Ascenso Ferreira: "com vontade danada de chegar".

Nomes de lugares, dramas tão humanos, registros tão pungentes da vida e dos conflitos dos habitantes daquelas águas paludiais, que Peregrino Júnior percebeu e anotou (nos seus cadernos) com paciente cuidado, estudando o glossário popular, os hábitos, as idiosincrasias, com seus olhos e a sua sensibilidade adolescentes.

Se nos diálogos o homem e ambiente fortemente característicos nos dão uma idéia da cor local e do drama que Peregrino Júnior vai desenvolver daquele inferno verde misterioso e quase desconhecido, é no estilo, para mim, que Peregrino Júnior atinge seus maiores momentos. Com perfeito domínio da palavra, fazendo dela seu instrumento maior de comunicação, Peregrino Júnior descreve a luxuriante ve-

getação, os alagados dos barrancos, a floresta povoada de bichos, as coleantes cobras dos rios ou das trilhas ainda virgens da mata; as cobras e as **Cobras Noratos, as Boiúnas e o Boitatá**; as casas-grandes e os barrancos dos igarapés; as garças, os pica-paus com pinceladas de um quadro impressionista. Como ele mesmo afirma. Com as pinceladas de um mestre trabalhando os sentimentos, as desesperanças, os sonhos e as decepções daquela gente humilde à margem dos rios e da vida.

Estilo onde não raro identificamos o médico, diagnosticando os seus personagens “no ascite do ventre desenvolvido” ou pela “cor terrosa” os habitantes daquelas “areias gu-losas”.

O autor também descreve com sensibilidade de crítico de arte (que nos daria depois seu trabalho sobre a “Biotipologia das Artes Plásticas”) as impressões causadas pela luz nas manchas das águas. No conto “A Salga”, fala que “a cabeça do Condeixa (personagem do conto) fica na luz calma do luar, em volta da galeota do regatão, a garatuja vermelha de uma nódoa de sangue”.

Recriação plástica, valorizada pela síntese do pensamento Peregriniano.

Se nos contos dramáticos o autor nos transmite uma galeria de personagens com o seu linguajar, com suas verdades, com suas frustrações e seus delírios, atmosfera psicológica densa, noutros contos é a ação propriamente dita que conduz a narrativa.

Ressalte-se a contribuição que Peregrino nos legou quando, anotando e pesquisando os costume locais (tão bem recriados pelo seu estilo), nos transmite toda a força dos mitos, estudando-os na fonte misteriosa de seu nascedouro. A Amazônia do seu tempo, bela e terrível, quase intacta na sua gestação/mãe. Milenária e multiforme. Paraíso e inferno, onde a mão humana mal roçava a sua pele verde, seu dorso de fera sonolenta como um grande lagarto verde deitado às margens do seu grande rio, cheio de duendes que a altas horas da noite confabulam o destino dos pobres mortais; são boiúnas, iaras, boitatás, metamorfoseando-se à vida daquela gente, mudando seus destinos, transformando-os em mitos e visagens...

## A PALAVRA DOS AMIGOS

Peregrino Júnior recebeu em vida uma verdadeira consagração pela sua obra e em todos os ângulos de sua atividade humana e literária. Registros sobre o escritor, o médico, o contista, o conferencista, o jornalista nos dão ciência de seu trabalho e da sua longa e profícua trajetória. Palavras a que não faltou o incentivo aos empreendimentos na área cultural, na área humana e científica; palavras de louvor à sua obra, nacionalmente reconhecida como das mais originais e mais autênticas da literatura brasileira.

Se em vida Peregrino Júnior teve a consagração merecida, o reconhecimento justo, na morte teve as mais comovidas homenagens dos seus amigos e admiradores.

Passo a transcrever algumas opiniões dos seus amigos: Austregésilo de Athayde frisa numa crônica, do Jornal do Comércio de 12 de março de 1975: "Hoje é o aniversário desse lidador incansável, entre nós setenta e sete anos, ativo, lúcido e prestimoso, alto de espírito e de coração, tão bom, tão nobre e tão autêntico como poucos o tenham sido nos desencontros desta vida".

Celso Kelly se refere aos "Peregrinos", aquele grupo de amigos (seis de início), peregrinos de boa vontade, dispostos à ajuda desinteressada e nobre à realização de metas no convívio inteligente em busca de soluções para a cultura e as letras do Brasil". Rerefe ainda Celso Kelly: "Peregrino de espírito, buscando sempre novas emoções e novas idéias, no mais caprichoso mundo, que é o mundo do pensamento".

São Peregrinos hoje muitos e assim foram seus amigos, e ainda o são, perseguindo uma obra em seus trabalhos e principalmente em seu exemplo. Continua Celso Kelly: "Peregrino Júnior, capaz, ele só, de justificar, pela simpatia que inspira, o título atribuído a todo o grupo". Valores, oriundos de sua personalidade marcante, de seu poder de comunicação, de sua natural liderança. Informa Santos Moraes: "Convivi com Peregrino Júnior mais de três décadas... Uma sua dimensão humana que não costuma figurar nos currículos acadêmicos, nem brilhar entre as comendas e honrarias presentes ao fausto das posses fulgurantes: a grandeza e a generosidade de seu coração, a solidariedade e o carinho com que atendia a todos que o procuravam em momentos difíceis, a cordialidade e o amor com que se unia aos amigos".

Érico Veríssimo lhe escreveu certa vez de Porto Alegre, janeiro de 63, sobre a situação editorial no Brasil, de queixa, e desabafo. Para Peregrino, simpatia e admiração pelo seu trabalho.

As cartas são inúmeras neste período. Enumeramos algumas: de Manoel Rodrigues de Melo, por ocasião dos preparativos da posse de Peregrino Júnior na Academia Norte-Rio-grandense de Letras, 1970; do Monsenhor Bezerra, em abril de 66, transmitindo a Peregrino uma informação sobre História do RN; de Antônio Olinto, abril de 63, de Nilo Pereira, em 2 de dezembro de 76, por ocasião de uma homenagem prestada pelo Instituto Histórico do RN, a Peregrino Júnior. Diz na carta o nosso Nilo Pereira: "Creio que do Pará trouxe os filtros mitológicos dos deuses da floresta e alguma cobra misteriosa do grande rio, que navegou como descobridor de segredos que os seus livros imortalizam".

Raimundo Nonato, que considerava o consultório de Peregrino "uma ilha de paz", testemunha; "outro aspecto que sempre se destacou de sua personalidade era a maneira cordial como recebia os conterrâneos que chegavam da província desconhecidos e anônimos, que encontravam em Peregrino Júnior tratamento afetivo e cordial receptividade".

Ainda por ocasião das homenagens prestadas a Peregrino Júnior no Instituto Histórico, Luís da Câmara Cascudo afirmou: "Cinquenta volumes consagram o estudioso, o pesquisador, a divulgação ágil e límpida, transformando o segredo em nítida evidência. Penetração psicológica, natu-

ralidade e comunicabilidade, atingem as memórias mais densas, desconfiadas e cautas, no sortilégio do estilo claro, sonoro, transparente, em prata e cristal, còrrego faiscante, álveo de mármore resplandescente". Carta de 5 de dezembro de 1976.

Joaquim Inojosa escreveu no Jornal do Comércio, Rio, em 28-10-83: "Uma fé unânime no destino das Letras, um amor veemente aos problemas da cultura, a paixão lúdica da Poesia".

Austregésilo de Athayde expressou no adeus a Peregrino: "Foste exemplar no círculo da família, dos irmãos ilustres com quem viveste nas varas da mais íntima fraternidade, esposo e pai incomparável, amigo inexcedível. Como cidadão e patriota ganhaste os títulos com que honradamente arribas hoje às planuras invisíveis das crenças, das fábulas e da poesia exímia, com que se aninham as esperanças e as ilusões do homem em absorta contemplação do seu último destino. Jornal do Comércio, 25-10-83.

Sílvio Meira enaltece-lhe a figura humana e os valores de seus coestaduanos: "Homens da estirpe de um pedro Velho Cavalcanti de Albuquerque, um Amaro Cavalcanti, Tavares de Lira, Luís da Câmara Cascudo, Nilo Pereira, Seabra Fagundes, Umberto Peregrino". Homens que continuam a obra do nosso Peregrino Júnior, dizemos nós, aqui no Rio Grande do Norte, estudando e perpetuando a memória do nosso passado e criando o nosso futuro, homens da estirpe de um Américo de Oliveira Costa, Oto de Brito Guerra. Alvamar Furtado de Mendonça, Verissimo de Melo, Mário Moacir Porto, João Wilson Mendes Melo, e tantos outros que fazem e honram a história do nosso Estado.

Valdemar Cavalcanti no seu Jornal Literário, março de 1975, diz: "Homem singular por um conjunto de dons insuperáveis e bem disciplinados pela vivência.

De um depoimento do poeta Luiz Rabelo destacamos o seguinte trecho: "Meu primeiro contato com a Amazônia, ainda na minha infância, foi através de meu pai, que me contava suas histórias vividas no extremo Norte, onde mercenciou com ouro durante vários anos. Muito tempo depois, li "Pussanga", o delicioso e pitoresco livro de Peregrino Júnior, através do qual peregrinei novamente pelos mistérios amazônicos, sua floresta luxuriante, seus rios portentosos. Foi um alumbramento que ainda hoje perdura e que me leva

a dizer que se eu pudesse comparar o livro de Peregrino a qualquer coisa mágica e definitiva, diria que ele é a vitória-régia da literatura nacional”.

Enélio de Lima Petrovich, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, presente às últimas homenagens a Peregrino Júnior, falando em seu nome e em nome da Instituição que dirige, encerrou as últimas homenagens prestadas a Peregrino Júnior, no masolêu dos imortais: “A luz divina iluminou os seus caminhos, pelo exemplo da existência fecunda, sempre honrando o Brasil e, em particular, o Rio Grande do Norte, seu e de seus contemporâneos”.

## AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O nosso maior bem é esse: carregar por todas as terras e por todos os mares uma obsessão afetiva”. Eis o depoimento de Peregrino Júnior já no final do seu livro. Afetivo e inumerável em tudo o que fez e viveu. Infância e maturidade, vida e doação, numa obra densa, rica de aventura e repleta de ternura humana.

“A Mata Submersa”, um conto dentro de um conto. Eis o memorialista, o poeta. O sentimento maior da infância redescoberta e nunca perdida. Saudade. O sentimento mais legítimo do tempo passado. O reencontro no tempo e no espaço com sua verdade interior. Inventário. Deslizam barcos ao rio Potengi; sítios em Macaíba; e trem da Great Western lerdo e sacolejante varando a noite. O menino novamente passeia as ruas da infância. Visita os amigos, entre eles, Cristóvão e Garibaldi. Jogos de peladas na antiga praça Pedro Velho. Assiste os autos do Bumba-meu-boi, as lapinhas e os Fandangos. Alto das Rocas. Passeia na Rua da Palha. Abre a porta do Forte dos Reis Magos. Sobe a calva branca dos morros. Dezembro. Natal lírica e ainda mais lírica nos versos de Otoniel Menezes, nos poemas de Ferreira Itajubá, nos sonetos de Auta de Souza e Palmira wanderley. Noturnos de violões de Eduardo Medeiros. Canções de Praieiras. Tudo isso **profundamente** como diria outro grande poeta no seu coração. Esta herança afetiva, este sentimento do tempo reencontrado. Tudo isso e muito mais: “a mitologia emocional” que Peregrino dizia levar por todas as partes para onde fosse. Onde estivesse. A geografia sentimental de sua terra que ele nunca esqueceu, “nem nas voltas de sua vida,” “nem nos passos ficcionais de sua obra”. A vivência longíngua da sua infância. A terra e sua gente, a paisagem e os bens da amizade, estes que a memória não apaga nem se ausentam dos nossos corações.



## Homenagem ao acadêmico MARIANO COELHO

OTTO DE BRITO GUERRA

Este salão nobre movimentou-se com escolhida assistência, no dia 5 de abril de 1974, para a recepção do novo integrante da Academia Norte-Riograndense de Letras, o médico e escritor Mariano Coelho. Ele ocuparia a Cadeira número 7, vaga com a morte do desembargador Antonio Soares de Araújo, um dos fundadores de nossa entidade.

Coube ao acadêmico José Tavares da Silva, também ele médico, amigo do recipiendário, pronunciar o discurso de saudação, emotivo e detalhado.

Hoje, abrem-se novamente as portas desta Casa para o ritual da homenagem póstuma, a cargo de um acadêmico, ao companheiro desaparecido aos 9 de outubro de 1985 e subsequente declaração da vacância de sua Cadeira. Tivemo-lo, na mais agradável convivência, durante onze anos e meio.

Nasceu nosso homenageado no Açú, a 9 de maio de 1899. Ao falecer, em Natal, contava mais de 86 anos de idade, deixando viuva a senhora Maria de Lourdes Varela Coelho, seu anjo da guarda.

Parece-me vê-lo ainda. Sempre jovial, risonho, um tanto atarracado, amparado naquela bengala singular, de metal, adorando uma conversa, recitando, com memória admirável, poemas e glosas, comentando fatos do passado ou do presente, seja nesta Academia, no Conselho Estadual de Cultura ou no Instituto Histórico, do qual integrava a diretoria.

Acentuou muito bem nosso confrade José Tavares da Silva, no discurso de recepção, que Mariano Coelho via o mundo por um prisma otimista. Descontraído, bem humorado, estava sempre disposto a versejar. E a par da imperiosa vocação para a medicina, era um enamorado eterno da poesia.

Naqueles tempos, como anteriormente e até muito poucos anos atrás, o sonho dos pais era ter um filho formado em direito, medicina ou engenharia. Eram as três carreiras que davam maior prestígio social, sem contar o caso especial do sacerdócio, para os que tinham vocação.

O pai de Mariano Coelho queria vê-lo engenheiro. Outra, entretanto, era sua vocação. E assim, concluídos os “preparatórios” em Natal, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1919, colando grau a 27 de dezembro de 1924. Havia, então, que escrever o formando e defender uma tese de doutorado. A sua, defendida a 19 de dezembro do mesmo ano, intitulava-se “Das Intervenções Obstétricas na Angústia Pélvica”.

Formado, decidiu retornar ao Rio Grande do Norte. Seu amigo Tristão de Barros, com farmácia em Augusto Severo, convidou-o para esse local. Preferiu atender ao convite do padre Manoel da Costa Pereira, vigário de Santana do Matos, onde iniciaria a carreira. Mas a precariedade do meio, zona de criatório extensivo e de pequena agricultura, as dificuldades de comunicação, somados ao conselho de Otacílio Cavalcanti, tudo isso levou-o a procurar Currais Novos, mais desenvolvido e central. Jamais imaginaria passar ali 36 anos clinicando.

Quantos acompanharam seu desempenho profissional lhe proclamam a competência, a dedicação impar, a todos atendendo, quaisquer que fossem as condições sociais ou econômicas do paciente, tornando-se conhecido e estimado por toda a região seridoense.

Ele era, no autorizado dizer de José Tavares da Silva, “um desses médicos que sabia infundir a fé na alma dos seus pacientes (...) semear a esperança no coração daqueles que sofriam”.

O mesmo professor José Tavares da Silva nos relata provas eloqüentes de sua capacidade técnica e espírito de doação.

Certa vez, atendeu a uma pobre mulher, já no quarto dia de infrutífero trabalho de parto. O feto estava morto e o bracinho pendia do lado de fóra do corpo materno. Realizou uma cirurgia, extraíndo o feto, em evidente processo de decomposição. E a parturiente escapou, sem complicações maiores.

De outra feita, atendeu, no Hospital de Currais Novos, a uma indigente com abundante hemorragia. Sem outro recurso, ele próprio doou, duma só vez, mais de meio litro de sangue à enferma, salvando-lhe a vida. Mas, informa José Tavares da Silva, autorizadamente, quem quase perdia a vida fôra o médico, por sua imprudente generosidade, doando mais sangue do que podia, na sua idade, arriscando anemia cerebral ou esquemia coronária.

Sua admirável intuição e atilado espírito improvisador, que as precárias condições do meio interiorano ainda aguçavam, a par da constante atualização, pois assinava revistas nacionais e estrangeiras, constituíam somatório que lhe assegurava o merecido renome alcançado, robustecido por sua constante dedicação.

Com razão afirmou Pio XII, falando a profissionais italianos, em 1944: "o médico, mais que qualquer outro em toda parte, intervém não menos com o coração do que com a inteligência. Não está sob seu tratamento uma matéria inerte, conquanto preciosa. Um homem como ele, um seu semelhante, um seu irmão".

Mas tão absorvente atividade profissional não lhe arrefeceu jamais o gosto pelas letras, amando ler e escrever.

Seu livro "Fumaça", editado pela Imprensa Universitária de Natal, em 1970, prefácio de Veríssimo de Mélo e com mais de 400 páginas, reuniu trabalhos de anos a fio, da mocidade à velhice. Duas coisas, declarava então, à guisa de escríto recimento introdutório, fizera na vida: medicina e versos.

Utilizou, por sinal, os mais variados gêneros poéticos: Sonetos, acrósticos, baladas, vilancetes, rondós, glosas, trovas, dos quais está repleto seu livro.

Em 1923, ainda acadêmico de medicina em Salvador, comporia um acróstico em homenagem à noiva bahiana, senhorita Rosita de Souza, com a qual se casou em 1925, enviando em 1935. Vejamos como é gentil e leve

Rosa mulher, rosa flor  
 Onde mais graça e esplendor  
 Se encontra e mais harmonia?  
 Imitação caprichosa,  
 Teu nome não fosse ROSA  
 A rosa o seu mudaria.

Vale registrar um soneto dedicado ao cadáver desconhecido. Só mesmo um professor de medicina o faria com tanta propriedade. Ei-lo:

### O Cadáver

Anônimo cadáver formolado,  
No necrotério, sobre a lage fria  
é um compêndio aberto, destinado  
a estudantes novéis de anatomia.

Pela vida passou ele ignorado,  
Sem futuro, sem vez ter, algum dia?  
Ou terá, insensato, dissipado  
Os bens todos que a vida propicia?

Em qualquer das hipóteses, porém,  
O holocausto que of'rece, já sem vida,  
um sentido magnífico contém:

— se delinqüente, a falta é redimida;  
se justo e bom, pratica ainda o Bem  
em proveito da Ciência agradecida.

Passariamos largo tempo, fossemos analisar a multiplicidade dos seus trabalhos, compostos em tantos gêneros poéticos. Mas fixemos, ainda, este soneto intitulado

### SACRILÉGIO

Era quase ao sol-pôr, quando no templo entrei.  
Havia escassa luz, pelos vitrais filtrada.  
E na deserta nave apenas deparei  
ante a santa do altar, outra santa ajoelhada.

Nem conta, hoje me dou, do tempo que passei,  
deslumbrado a mirar a tela iluminada  
pelo esplendor da fé. E, logo, acreditei  
que a prece de uma foi pela outra escutada.

A cena que assisti comove até sandeus:  
nem o débil mental o quanto vê esquece;  
de memória aguardei, nos longos dias meus.

Sacrilégio, talvez. . . Mas, nem se quizesse  
ser também puro assim, para pedir a Deus,  
ou ser o próprio Deus, para escutar sua prece.

Dentre as glosas de Mariano Coelho escolho uma só,  
que me parece excelente:

### MOTE

Na vida, um segundo a mais  
E' mais um segundo a menos

### GLOSA

Por ser breve, ser fugaz,  
O segundo é desdenhado.  
Nem merece computado  
Na vida um segundo a mais.  
Loucos, que desperdiçais  
Os vossos dias serenos,  
Olhai o tempo perdido:  
Cada segundo vivido  
E' mais um segundo a menos.

Passemos a outras facêtas da vida do nosso homenageado. Vejamos de raspão o político. Trata-se, como observam os doutos, de atividade específica do homem. Nem as abelhas, muito embora se fale em rainha e operárias, fazem política, nem os puros espíritos, os amigos, por exemplo.

Trata-se, segundo expressa a Constituição Pastoral "Gaudium et Spes", do Concílio Vaticano II, sobre a Igreja no Mundo de Hoje, duma arte ao mesmo tempo difícil e nobilíssima. Mas infelizmente degradada com facilidade extrema, adotando muitos a concepção maquiavélica, para quem a política não era subordinada à moral, nem intrínseca, nem extrinsecamente.

Mariano Coelho declarou, mais de uma vez, não ter vocação para a política. Se foi levado a essa atividade, tudo decorreu das circunstâncias. Um médico do seu valor e prestígio, em localidade interiorana, estimado pelas populações seridoenses, facilmente seria assediado pelos políticos amigos, tanto mais quanto seu nome arrastaria eleitorado ponderável para qualquer legenda partidária.

Sua primeira experiência ocorreu depois de vitoriosa a revolução de 1930. Ao tempo do Interventor Federal Irineu Joffily, que iniciária, em governo fugaz, a série de Interventores que dirigiriam nosso Estado, ocupou a Prefeitura Municipal de Currais Novos

Mais tarde seria deputado estadual, por duas vezes, em 1936 e 1951, na primeira pelo Partido Popular, chefiado por José Augusto Bezerra de Medeiros. Um partido que, na observação da professora Marlene dá Silva Mariz, em sua tese sobre a Revolução de 1930 no Rio Grande do Norte, apresentava uma contradição entre a teoria e a prática, entre sua ideologia e seus componentes, que faziam parte das camadas mais elevadas do Estado, congregando as forças de oposição ao governo revolucionário, sem participação popular, no sentido das camadas mais baixas.

Mariano Coelho ainda seria candidato a deputado federal em 1945, mas ficaria apenas como suplente, não chegando a ser convocado. Sua legenda seria a da UDN, União Democrática Nacional, que o historiador Edgar Carone considera um partido oligárquico e elitista, de oposição ao governo. Este estimularia a fundação do Partido Social Democrático, "expressão das oligarquias dominantes do Estado Novo" e com raízes fundas no interior e no meio rural, como esclarece o mesmo Carone.

Como num parêntesis, vale recordar que o gênio ou maquiavelismo político de Getúlio Vargas suscitaria, também, a fundação do PTB, Partido Trabalhista Brasileiro. Assim, como observa Charles Morazé, no livro "Les Trois Âges du Brésil" (Paris, 1954), restaurava o coronelismo, com o PSD e criaria o partido de oposição ao coronelismo acolhido pelo proletariado, sobretudo urbano. Golpe de mestre e de equilíbriismo.

Voltemos, porém, ao nosso homenageado, para analisar sua posição frente ao problema religioso, a questão da fé e da transcendência, aquela intuição de Deus, de que se ocupam tantos filósofos.

Vi-o, sempre que ia a Currais Novos, em cordiais relações com o incansável e boníssimo vigário local, monsenhor Paulo Herôncio de Mélo, cuja residência frequentava.

O professor José Tavares da Silva dá-lo possuidor de sólida e inabalável fé em Deus, embora não fosse católico praticante. Seria, assim cremos, uma alma naturalmente cristã, de que já falava Tertuliano.

Narra José Tavares da Silva, que, certa feita, viajando Mariano Coelho de Currais Novos para Açu, em companhia da primeira esposa, aconteceu capotar o automóvel, saindo ileso o casal. Ato contínuo, ajoelharam-se os dois, mesmo na estrada, rendendo graças a Deus, de mãos postas.

Foi Nietzsche quem escreveu: "E' vergonhoso orar". Prefiro a afirmativa de um sábio e médico, Alexis Carrel ao proclamar, no seu estudo sobre a oração, feito com critério científico, que o carater e o valor moral das pessoas que oram são mais elevados do que naqueles que não oram.

Muito restaria a dizer sobre o homenageado. Inclusive quanto ao professor titular da primeira cadeira de clínica médica, ao ser fundada a nossa Faculdade de Medicina. Onofre Lopes, o inesquecível arquiteto da nossa Universidade, o foi buscar no interior do Estado, reconhecendo-lhe os méritos. Também seria médico do então Hospital das Clínicas, até 1969, quando se aposentou. Deu-lhe a Universidade o merecido título de Professor Emérito.

Eis, portanto, uma vida cheia de nobreza e dedicação, vivida com despretençiosa simplicidade. Amigo das letras, conhecedor de autores clássicos e modernos, dominando a língua francesa, em que compôs alguns versos, conhecedor do latim.

Infelizmente, essa cultura geral vai rareando em nossos dias entre nossos profissionais liberais, preocupados com a mera especialização técnica, em que se tornam mestres, mas perdem a visão geral das coisas.

Mariano Coelho tinha o dom do equilíbrio, da abertura para o outro, sem restrições nem ódios, gostando de ajudar ao semelhante, sobretudo quando sofredor. Aplicou muito bem aquele conselho contido numa de suas trovas:

Fazer o bem pelo bem  
Possue um alto sentido  
Não se arrependa ninguém  
do bem que fez, se esquecido.



Homenagem à memória de Peregrino Junior (\*)  
RAUL FERNANDES

Reune-se, nesta noite, a mais alta casa da cultura literária do Rio Grande do Norte, para prestar justa homenagem a um de seus pares, ora desaparecido. O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, representado na pessoa do seu presidente Enélio Petrovich, associou-se a esse preito de saudade.

Em obediência a oconsenso dos ilustres confrades e aos regulamentos desta Academia, seguindo as instruções de nosso conceituado presidente, Onofre Lopes, aceitei o encargo sem reservas. Particularmente, por se tratar de Peregrino Junior, que uscu a inteligência a serviço de nobres ideais.

Nesta solenidade, nos reunimos para recordá-lo, para pranteá-lo e para reverenciar seus elevados méritos.

Amante dos livros, destacou-se nos diversos setores abraçados durante o caminhar pela existência.

Há mais de dois mil anos Confúcio apregoava, em sábios ensinamentos, da necessidade de aprendizagem constante. Condição essencial ao conhecimento.

De atividade polimorfa, Peregrino jamais deixou de aprender e de ensinar, honrando as instituições palmilhadas.

Dos seus triunfos e do que semecú com sabedoria e erudição, muito nos orgulhamos. História de labor ininterrupto, persistente, de conquistas louváveis, merecedoras de nossos aplausos.

Nasceu em Natal. Filho de Peregrino da Rocha Fagundes e D. Cornélia Seabra Fagundes. Tinha cinco irmãos: D.

Ana Lecnor; José Crisanto, engenheiro civil, já falecido; Armando Peregrino, médico, ex-Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Umberto Peregrino, General reformado, membro desta Academia, ex-diretor do Instituto Nacional do Livro, mantém no Rio de Janeiro, em Santa Tereza, a Casa da Cultura, "São Saruê" — museu e escola de arte; Miguel Seabra Fagundes, ex-desembargador, ex-Ministro da Justiça, jurista e advogado de renome no Rio de Janeiro.

Peregrino na juventude dedicou-se às letras. Na cidade de Santa Cruz fundou a folha "O Independente". Na capital, "O Libertador" e "Jornal da Manhã". Criou, ainda, "O Espectador" numa demonstração de tendência literária.

Aos 14 anos, atraído pelo sonho do Eldorado amazônico, transferiu-se para Belém. Portava apenas o vigor da inteligência. Rápido, integrou-se naquele novo — mundo, como revisor. Com a experiência adquirida em sua terra, fez jornalismo na "Folha do Norte" e na "A Província do Pará".

Trabalhou ao lado de escritores afamados como Umberto de Campos e Alves de Souza. Conheceu os poetas northerio-grandenses José Rodrigues Pinagé e Augusto Meira.

Deslumbrado com a natureza que o envolvia e a vida naqueles páramos, escrevia contos, poemas e novelas. O primeiro livro "PUSSANGA", fez sucesso, sendo premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1929. Depois, escreveu "MATUPÁ". Obras reunidas no volume "Histórias da Amazônia". Ainda saiu "A MATA SUBMERSA".

Analizou nestes ensaios, o mundo ainda lendário e o modo de viver dos habitantes, enriquecendo a literatura regional. Sagrou-se escritor no país.

Recordava em suas conversas, com emoção e entusiasmo, o Estado do Pará. Terra onde viveu os melhores dias da juventude — a idade de sonhos, de poesia e de projetos ambiciosos, inesquecíveis.

Em 1922, viajou para o Rio, Capital da República, onde fixou residência para o resto da vida. Identificou-se com a vivência carioca. Matriculou-se na Escola de Medicina. Mantinha uma coluna social na "Gazeta de Notícias". Trazia comentários, despertando grande interesse do público. Vez por outra, publicava críticas literárias.

Nas décadas de 20 e de 30 era cronista social famoso. Em 1929, graduou-se em medicina, exercendo com entusiasmo as profissões de médico e de escritor. Ramos do conhecimento humano difíceis de conciliar.

Poucos profissionais liberais penetraram no âmbito literário. Veríssimo de Melo numa saudação na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, discorreu de maneira clara, sobre os problemas desta duplicidade. Todavia, enumerou personagens ilustres, bem sucedidas no desempenho de tais funções.

Conheci Peregrino em 1945, no Hospital Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Chefe do Serviço de Endocrinologia e anos depois, diretor da instituição. Lecionava cursos de medicina nas Universidades Federais Fluminense e do Rio de Janeiro. Nesta última, nomeado catedrático de Biometria.

Sempre alegre e comunicativo. Durante os nossos encontros nos corredores do Hospital, perguntava pelos conterrâneos, com especial interesse.

Destacou-se na ciência médica com várias publicações. Preocupava-se com os problemas nacionais de saúde. Neste sentido, citamos: “Biotipologia e Educação”; “Pesquisas Biotipológicas nas Escolas Municipais do Rio de Janeiro”; “Valores Patológicos da Pressão Arterial no Brasil”; “Desenvolvimento Normal do Brasileiro”; “Alimentação, Problema Nacional”; “Biometria Aplicada à Educação”; “Biotipologia Pedagógica”; “Alimentação e Cultura”.

Filiado à Academia de Letras do Pará e à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Alcançou altos postos e títulos tanto na literatura como na ciência médica. Professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e titular da Academia Nacional de Medicina. Condecorado pelas forças armadas, com a Ordem do Mérito Naval e a Ordem do mérito Aeronáutico do Brasil.

Além dessas distinções honoríficas, recebeu outras, de terras distantes, — do Chile, Portugal, Noruega, Finlândia, Bolívia e dos Estados Unidos.

Aproveitava as horas de lazer. Durante vários anos, enquanto existiu o restaurante da Associação Brasileira de Imprensa, Peregrino presidia, todos os dias, o almoço informal de intelectuais. Cada um pagava a sua parte. Falava-se sobre os mais diversos assuntos. Discutia-se letras, política, história, anedotário, matérias de reportagem, fatos da vida social, acontecimentos nacionais e internacionais.

Peregrino era a figura central destes encontros. Por duas vezes foi presidente da Associação.

De personalidade atuante, criou entre os acadêmicos o conhecido jantar mensal do dia 13, sem se preocupar com a superstição. Compareciam convidados ilustres. Conversa franca sobre literatura. Atento aos debates. Comentava. Evitava polêmicas que pudessem ferir a sensibilidade de familiares. Intensificava a confraternização. E, dada sua capacidade empreendedora e comunicativa, permanecia na presidência.

Conquistou notoriedade como jornalista. Colaborou com assiduidade nos periódicos: "O BRASIL"; "O JORNAL" e na revista "CARETA".

Veríssimo de Melo, no livro "PATRONOS E ACADÊMICOS", em 1974, disse com muito acerto: "Peregrino Junior é glória viva do Rio Grande do Norte".

Segundo seu confrade Lyra Tavares, Peregrino teve muito sucesso na coluna da "GAZETA DE NOTÍCIAS", "pelos comentários e críticas a que não escapavam os homens mais eminentes". "Despertou, também, o grande interesse do público leitor, nessa época, o estilo novo de crônica social, que Peregrino introduziu na sua coluna "Vida Fútil", no "RIO JORNAL".

Vale lembrar a sinceridade das palavras do companheiro de Academia, acima citado, no artigo do "JORNAL DO COMÉRCIO", em 29 de outubro de 1983: "Sempre jovial, amável e conversador, como o recorde agora, cheio de saudades, ao relembrar esse que foi na opinião de todos os que o conheceram, um exemplo de nobreza de espírito e de convivência acadêmica, na imperturbabilidade e elegância com que intervinha, tanto no diálogo ameno quanto nos debates mais calorosos".

Membro do Conselho Federal de Cultura e Presidente da União Brasileira de Escritores. Eleito, em 1945 para a cadeira n. 18 da Academia Brasileira de Letras. Foi o segundo norte-rio-grandense a ingressar na Academia.

Não cabe nesta hora de pesar descrever o acervo de nosso inesquecível confrade. Perdoem-me, senhores, ao apontar apenas algumas produções entre as muitas que mereceram acuradas críticas enaltecedoras. Selecionei "DOENÇA E CONSTITUIÇÃO DE MACHADO DE ASSIS."; "TESTAMENTO DE UMA GERAÇÃO"; "O TEMPO INTERIOR NA POESIA BRASILEIRA"; "O MOVIMENTO MODERNISTA"; "ORI-

GEM E EVOLUÇÃO DO SIMBOLISMO"; "RONALD DE CARVALHO — POESIA E PROSA"; "JOSÉ LINS DO REGO — FICÇÃO"; "ESTILO E LINGUAGEM DE JOSÉ LINS DO REGO"; e "TRÊS ENSAIOS" (Modernismo, Graciliano e Amazônia).

O acadêmico Raimundo Nonato da Silva, em comentário recente, escreveu sobre o nosso homenageado, sob o título, "Um Humanista do Sistema de Spinosa". Traçou-lhe o perfil. Relatou a recepção jubilosa de nossa Academia na posse de Peregrino Junior.

Pouco depois, Peregrino voltando para o Rio, durante o almoço da A. B. I. narrava com emoção, a acolhida proporcionada, como se fora "o retorno do filho pródigo à Terra da Promissão".

Em consonância com seu espírito afetivo, redigia, mais tarde: "Tive ultimamente, dois encontros felizes com a minha terra e a minha gente".

Raimundo Nonato enalteceu o confrade desaparecido: "Era ele sem dúvida o mais brilhante, o mais comunicativo e impressionante dos norte-rio-grandenses com atividades no meio cultural do Rio de Janeiro".

Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras, em comovente discurso expressou seus sentimentos ao estimado amigo. Ouçamos as palavras iniciais: "É bem mais difícil e penoso dizer-te adeus, Peregrino Junior do que a tantos outros companheiros que neste quarto de século repousaram na passagem derradeira, cercados do carinho da nossa família acadêmica, junta para a triste cerimônia desta despedida."

Ao final, ressalta Athayde: "Aqui neste lar que te pertenceu, abóboda mestra de um monumento imperecível há de celebrar-se o culto de teu nome e nenhuma outra maior recompensa estará reservada ao coroamento de tua grande vida.

Foste exemplar no círculo da família, dos irmãos ilustres com quem viveste nas veras da mais íntima fraternidade, esposo e pai incomparável, amigo inexcedível. Como cidadão e patriota ganhaste os títulos com que honradamente arribas hoje às planuras invisíveis das crenças, das fábulas e da poesia exímia, com que se animam as esperanças e as ilusões do homem na absorta contemplação do seu último destino."

Meus senhores, homenageamos o homem, modelo de devotamento ao estudo e de produtividade intelectual, que se perpetuará como exemplo às novas gerações.

No Mausoléu dos Imortais, no cemitério São João Batista, o acadêmico norte-rio-grandense, escritor e advogado Enélio Petrovich proferiu o discurso, no dia 24 de outubro de 1983, ao descer à sepultura Peregrino Junior. Falou numa homenagem de seus conterrâneos e de seus confrades que integram o venerando Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Assim encerrou sua oração, naquele ato de tristeza:

“Oh Deus misericordioso, com as suas bênçãos, deixe permanecer entre nós, ad — imortalitatem, a lembrança do filho que lhe entregou a alma, sem ressentimentos nem ódios, mas cheia de sabedoria, de amor e de humildade, porque, a luz divina iluminou os seus caminhos, pelo exemplo da existência fecunda, sempre honrando o Brasil e, em particular, o Rio Grande do Norte, seu e de seus conterrâneos.”

Meus senhores, ao concluir, reafirmamos a nossa dor pelo desaparecimento de um dos filhos diletos desta gleba. O destino inexorável excluiu do nosso convívio o erudito amigo das letras e da ciência médica.

A morte de Peregrino Junior desfalcou a cultura brasileira de um dos seus mais ilustres valores.

Raul Fernandes

(\*) — Discurso proferido em Sessão Solene na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 15.02.84

## A ROSA

Maria Eugênia

“Uma rosa é uma rosa, uma rosa, uma rosa...” Assim definiu a mais bela flor da natureza, Getrud Stein, a escritora norte-americana.

Nesta afirmação, Gertrud Stein colocou a rosa no plano universal do indefinido, como flor que não se define e que traz em si a apoteose da forma, do perfume, da cor, na criação do belo.

É a flor-símbolo da aproximação entre os homens, quando estes manifestam seus afetos fraternais e sua solidariedade humana. Nós sabemos o que significa receber uma rosa, quer no simples botão, quer num buquê artisticamente organizado. Nós sabemos o que elas significam, na alegria ou na dor. Transmitem uma mensagem sincera de amor.

Musa de escritores e poetas, a rosa tem sido, aos milhares, decantada. Como Rosa de Saron, Salomão a eternizou nos Cantares, como a esposa amada, a amada igreja. Deu nome a guerra das Duas Rosas, guerra fraticida que separou as dinastias de Lancaster e York, flor-símbolo de reis. Flor mística, flor encantada, apareceu em milagres de aventuras de santos e em chuvas de sonhos. Que se rescenda seu perfume suave entre mil; que seus botões, misteriosamente fechados, falem da flor que vai abrir. No botão, a alma oculta da flor; que seja um encantamento para os olhos. Ninguém poderá definir a flor-maravilha. A rosa é o beijo de Deus na explosão da vida, ou a explosão da vida no beijo de Deus.

Se guardada em livros, a marcar um momento de saudade, a rosa é a flor por excelência, feita para o encantamento dos olhos, dos sentidos, na sensibilidade dos afetos. Suas pétalas macias são carícias de mãos que não se veem; se despetaladas, são pálpebras que se abrem e se fecham misteriosamente tapete de cetim, a falar de orvalhos, de serenos, de jardins suspensos, imortais.

Rilke a imortalizou em seu epitáfio; no seu próprio dizer: De Rilk para Rilke:

“ Rosa é pura contradição,  
volúpia de não ser o sono de ninguém  
sob tantas pálpebras.”

Através de sua beleza, a rosa traz em si a filosofia da própria vida. Encarna o sofrimento nos espinhos que fere. Suas hastes espinhosas são uma advertência ao respeito mútuo, na preservação da própria vida. Defende-se daqueles que desejam quebrar a sua beleza e harmonia. Ei-la, linda e defensiva, com espinhos ao redor, para que seja admirada com cuidados. Na sua mensagem muda lembra que a dor e a alegria são irmãs gêmeas no plano universal. Sua mensagem de amor e saudade é eterna.

Se a rosa não fosse “uma rosa, uma rosa, uma rosa...” poderia se chamar perfeição.

Natal, 1979

## A VOLTA

### Maria Eugênia

O carro parou no pátio da Casa Grande. Vagarosamente, Maria Clara desceu e abriu o antigo portão de ferro, que enfeitava ainda o mesmo muro, porém mais velho, mais carcomido pelo tempo. Seus olhos voltaram-se para as árvores que sombreiam o terraço. Nos ramos verdes, uma repetição de outrora: — os pássaros, galos — de — campina e canarinhos — gorgejavam no mesmo trinar antigo, saltitando como frutos alados que se cansaram da prisão dos galhos. Amava ainda os pássaros. Eram eles que lhe davam risinhos bons dias, nos longos anos ali vividos. Parecia ver ainda a baciazinha de barro, cheia d'água, que colocava todos os dias sob a sombra amiga... e bandos irrequietos de canários, à procura do trigo espalhado pelo chão. Eram tão mansos que quase podia tocá-los. Ali, o viveiro sob o caramanchão. Como estava desbotado! Táboas caídas, estragadas, mostravam enferrujados pregos. Só a trepadeira, de lindos cachos vermelhos, resistira ao tempo. Vira-a nascer, educara-a para subir. Sentia lhe ainda o perfume, ao cair da noite.

Maria Clara subiu o batente. Algumas redes, de varandas desfeitas, balançavam, solitárias, ao soprar do mesmo vento amalucado de outrora, no mesmo terraço de cimento e de lages de pedra. Um cão, dormindo, desferrava a vigília da noite. Maria Clara abriu a porta e entrou na velha casa. Risinhos bons dias ouviu, mas alguém, muito distante respondeu como um eco. Recordou as pessoas que, durante tantos anos, a serviram com amizade e dedicação. Algumas ali estavam, envelhecidas nos cabelos brancos, desdentadas outras, corpos avolumados e flácidos. Recordou as

que morreram e as que se casaram. Ali, a descendente da cozinheira a preparar os mesmos quitutes. Maria Clara, automaticamente, tirou o lenço da cabeça e colocou-o na grande bolsa que deixara sobre a mesa. Foi à copa e lavou o rosto e as mãos na pequenina pia encardida. A água saía morna do cano. Alguém repetia a mesma frase: “d. Maria Clara, esta água está quente. Faz mal. Deixa esfriar para lavar as mãos.” Maria Clara sorriu à copeira, como se ouvisse uma sombra falar. Foi à cozinha. Lembrou o velho fogão, a espalhar brasas e labaredas, trocado por um bonito e moderno. Santo Deus, como puderam aquelas negras aguentar o calor e a densa fumaça do velho mostrengo de pedra! Voltou à sala. Os mesmos móveis, com pedras de mármore, severos uns, carcomidos outros. A pátina do tempo ali pousara. Eram as testemunhas oculares dos dramas e alegrias, na vida de um lar. Que diriam, se os móveis falassem! Talvés se ressentissem do abandono:” ninguém mais nos passa óleo na velha carcassa! Bons tempos os da mocidade! Não nos faltavam brilho e enfeites, nos domingos e dias de gala. Que belos e finos doces, e talheres de prata, e copos de cristal: Visitas que se serviram de nós admiravam-nos e olhavam-nos com carinho: Tiveram fim, como também um dia o teremos, na sequência das mutações eternas. Um dia, alguém nos retirará daqui, pernas quebradas, braços partidos, e nos uniremos a vidros e molduras arcaicas, ou daremos lume a alguém que não respeita o passado e as tradições.” Sim, deste modo ela agira, serrando uns, envernizando outros, sem a noção exata dos estilos entalhados dos jacarandás. Os indesejáveis foram-se para o quarto de despejos. Maria Clara alisou os velhos móveis e sentiu um íntimo remorso. Como fora ignorante, não respeitando as sóbrias linhas. Poderiam ter servido para um museu. E os segredos que guardaram? Ah, segredos não são apenas para quatro paredes: Parecia-lhe ouvi-los dizer: “não tenha receio, Senhora, seremos mudos como um túmulo.”

Maria Clara sentiu o ar penetrando pelo corredor e foi a antiga sala de visitas. Olhou os retratos na parede. Um a um os foi revendo. A mesma severa e muda mensagem. Alguns roídos de traças, outros com molduras quebradas. Ao menos, os mais velhos deixara-os quietos em seus lugares, respeitando, talvez, os severos rostos e as tradições. Impressionava-se com seus olhares rígidos, acompanhando-a

de qualquer ângulo. Nunca pôde entender seus melancólicos semblantes. Sua alma, egoísta de mocidade, só recebia mensagens de amor e alegria. O belo espelho continuava no mesmo lugar, com a mesma nódoa que tantas vezes procurara retirar. Na beleza do cristal puríssimo, artisticamente trabalhado, um mundo de mensagens a separar outros mundos. Apesar de tudo, aquele espelho nunca a seduzira. Não gostava de antiguidades.

Maria Clara foi à janela. Abriu a parte superior que teimava em permanecer fechada, encharcada pelas chuvas. Forcejou-a e, pesadamente, cedeu ao seu movimento. Lá fora, a paisagem. Suspira. É filme antigo gravado na retina. A mesma faixa de céu que fora o seu mundo, o limite dos seus olhos. Só o vento não enfraquecera com os anos. Continuava forte e prepotente, a açoitar os ramos, a espalhar passarinhos nas encarquilhadas árvores. Quantas vezes permanecera à sua sombra em solilóquios infindos. As árvores, suas únicas amigas. Ouvira-lhe os mudos queixumes, ao balanço de redes ali armadas. Gostava de olhar o céu sobre as folhas, nas nuances tranquilas do verde e azul. Às vezes dormia, a quietude a balançá-la. Os pássaros contavam-lhe estórias de amor e a alegravam com suas cantigas. Ao longe, a lagoa serena e o farfalhar dos carnaubais nos leques entreabertos. Maria Clara voltou-se melancolicamente. Ela já estava cansada daquela paisagem. Sentiu-se deprimida naquela casa. Ali, sofrera decepções irremediáveis que foram a queda dos seus sonhos. Castelos desmoronados e a realidade cruel de um mundo distante e diferente. Vagarosamente, Maria Clara entrou no quarto. Era tão viva a sua lembrança que, mãos postas na parede, parou. A cama, a penteadeira, nos mesmos lugares. Parecia ver as roupas penduradas no cabide. O vão das portas, sem cortinas dava-lhe uma impressão de vazio. Sentou-se no banquinho de veludo desbotado. Abriu uma gaveta. Um pente desdentado feriu-lhe os olhos. Automaticamente levou-o à cabeça grisalha. Uma imagem séria a observava do espelho, porém outra apresentou-se, tomando-lhe a frente, a sorrir, cabelos castanhos e ondulados, olhos cheios de vida, num rosto oval e suave. Tal Narciso feito mulher, aproximou-se mais e ... acordou. Ó espelho ingrato, que mal te fiz eu? Por que me retratas tão diferente? Olhos embaçados, cabelos brancos, rugas... De que vale o mundo agora, quando se tem tudo, se nele, a

mocidade evola-se como um sonho? Deve ser a lei da compensação. O mundo só é belo pelos seus múltiplos contrastes.

Era preciso voltar. Maria Clara não suportava mais aquela casa. Ali perdera a jóia mais preciosa de sua vida, jóia que, quando se perde nunca mais é encontrada e fica retida na memória do tempo: — a mocidade.

Despediu-se ligeiro das pessoas que, espantadas, lhe pediam para ficar. “O almoço não demora.” — Não, obrigada, preciso voltar. Há assuntos urgentes a resolver na cidade.”

Em gestos rápidos de despedida Maria Clara sai aceitando lentos adeuses.

POEMAS DE LUIZ RABELO

**Urgência no poema**

O que tens a dizer  
dize-o urgentemente.  
Dize-o num poema  
de repente.

Nem percas um minuto  
(de alegria ou de luto)

que o poema acontece  
o poema cresce  
na vida da gente.

Todo poema é urgente.

**Com piedade mais do que sou múltiplo...**

Com piedade mais do que sou múltiplo  
nas águas amando os barcos desatentos,  
aplaco as ondas e recolho os ventos,  
e torno lume tudo quanto é treva.  
Entre símbolos puros vou vivendo,  
sentindo em mim o tempo renovado.  
Eternas são as minhas hastes mais antigas,  
minhas raízes de que sou a seiva.  
Exposto, embora, aqui, num mundo tão diverso,  
sou mais sagrado do que um deus antigo,  
um deus que sempre soube o seu destino.  
Que vive erguido sobre puros mastros,  
caminhando de um tempo para outro tempo  
e de um espaço para outro espaço.

**Junto a ti**

Afinal  
de ti eu estou próximo  
e o teu corpo apetece como um leite.

Chego a crer que adormeço . . .

E sonho  
e tudo quanto era clara espuma  
ressurge-me do tempo na bruma

Junto a ti  
permaneço.



**Arte de viver**

Saber inexistente o passado  
tanto quanto o futuro  
Viver o presente  
puro.  
Amar a terra e o povo.  
Ter um corpo novo  
a cada dia.  
Ser chama que se irradia.  
Ser o rio  
e o barco.  
Ser o leito da água  
o amor sem mágoa  
sem outono  
sem tristeza.  
Ser a beleza  
de tudo.  
Ser a flor no seu veludo.  
Ser a claridade  
de um dia de verão.  
Ser o vento ao amanhecer.  
Ser.  
Simplesmente  
ser.



**Vida no poema**

Ouvi, amigos, o que vos digo:  
cada poema é uma vida  
Um país de chamuscas  
um fogo onde se nasce  
e morre.  
Onde se vai além  
da morte  
além da face  
(ou fonte)  
nua e impenetrável  
do silêncio.

Deixai  
portanto  
que em vós corra  
o calor do sonho  
em vosso sangue  
e a palavra cresça  
ao leito em brasa  
do vosso poema  
que é vossa vida.

(E observai também  
que é matinal  
toda beleza),

Vivei pois  
a vida de cada  
um dos vossos poemas  
como se vivesseis uma só vez  
e sede livres  
na vossa música  
da vida  
sempre e sempre  
pura  
e amanhecendo.

### Parábola da Poesia

Certa vez, um homem, numa cidade estranha,  
perguntou-me o que era poesia,  
Respondi-lhe apenas isto:  
Mata a fome de teu irmão, e terás escrito  
o mais belo poema de tua vida

### Um dia após

Um dia após  
a explosão  
nuclear  
nem  
sequer  
um lamento  
um pensamento  
no sem  
ar.

### Poeminho para o meu amor dormindo

Quando ela morrer seja assim na sua cadeira  
costumeira]  
de anos e anos  
e que esteja feliz e pura e doce  
como neste momento  
doce e puro  
dormindo dormindo dormindo.

### Quase um haikai

Nada dizer. Apenas olhar o céu  
e à sua infinita grandeza  
sentirmo-nos um grão no seu mistério.

## NOTICIÁRIO

### Academia para os jovens

A Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, na administração do presidente Diógenes da Cunha Lima, desenvolveu com o melhor êxito o projeto "Academia para os jovens" — série de cursos e palestras sobre grandes vultos da nossa literatura e da arte universal.

Com surpreendente comparecimento de estudantes de vários colégios públicos de Natal, durante o ano de 1985, realizaram-se dois cursos: sobre Guimarães Rosa, a cargo dos escritores e professores Ney Leandro de Castro, Eduardo Assis Duarte, Tarcísio Gurgel, Lúcia Amorim Garcia e Diógenes da Cunha Lima. Já no segundo, sobre Charles Chaplin, as palestras estiveram a cargo de Peter Johama Georg Kuhn, Paulo de Tarso Correia de Melo, Maria Emilia Wanderley, Erivan Furtado e Francisco Sobreira.

Em 1986, realizou-se apenas um curso, sobre Manuel Bandeira, sendo as aulas ministradas por Sanderson Negrinhos, Nilo Pereira, Tarcísio Gurgel, Jaime Hipólito Dantas e Gilberto Avelino.

No ano de 1987 realizou-se a Semana Monteiro Lobato, estando as aulas a cargo de Newton Navarro, Zélia Santiago, Iaçonara Miranda de Albuquerque, Tarcísio Gurgel e Greilde Cabral Edinor Avelino Silva.

Todos os estudantes que tiveram frequência integral receberam os seus respectivos diplomas.

Para o ano corrente já estão programados dois novos cursos integrantes do projeto "Academia para os jovens", um sobre Gilberto Freire e um segundo sobre Carlos Drummond de Andrade.

## ACADÊMICOS PARAENSES VISITAM NOSSA ACADEMIA

No dia 5 de janeiro de 1988, a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e o Conselho Estadual de Cultura/RN receberam a visita de quatro membros da Academia Paraense de Letras: dr. Hilmo Moreira, atual presidente da APL, e os acadêmicos José Guilherme de Campos Ribeiro, Acyr Castro e Alonson Rocha.

Em sessão conjunta das duas instituições potiguares, os visitantes receberam as boas vindas do presidente da Academia, Diógenes da Cunha Lima e do Conselho de Cultura, Veríssimo de Melo. A seguir, foram saudados pelo acadêmico Nestor dos Santos Lima. Seguiram-se com a palavra os acadêmicos paraenses Hilmo Moreira, dizendo a finalidade e importância da visita de intercâmbio; José Guilherme de Campos Ribeiro saudando Veríssimo de Melo; e Acyr Castro saudando Diógenes da Cunha Lima. O acadêmico Alonson Rocha, príncipe dos poetas do Pará, recitou alguns dos seus poemas, sendo muito aplaudido. Em prosseguimento, o presidente Hilmo Moreira procedeu à entrega da Medalha condecorativa "José Veríssimo" a Veríssimo de Melo e a Diógenes da Cunha Lima.

Por último, o pianista paraense radicado em Natal, Oriano de Almeida interpretou alguns dos seus "prelúdios Potiguares", com versos de Diógenes da Cunha Lima, em homenagem aos ilustres visitantes.



**Composto e Impresso na Cia. Editora do RN - CERN**

**Fone: 221-2240/2241**

Reg:

Vol.

Impres